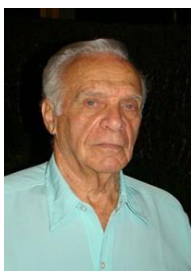
JOSÉ PASSINI

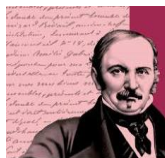
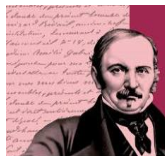
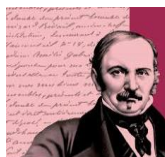
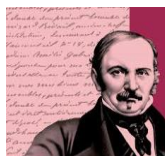
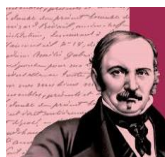
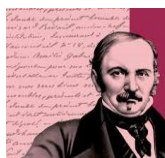
APONTAMENTOS ESPÍRITAS

José Passini

Divulgador e articulista espírita, defensor da pureza dos ensinamentos de Allan Kardec com uma bagagem de mais de 50 anos pela causa do Espiritismo e do amor ao próximo. Vem nesta obra trazer temas pernitentes a questão atuais sobre o Espiritismo.

Prefácio de Jorge Hessen

"A Doutrina Espírita é a bússola que me orienta no estabelecimento da rota da minha vida"

José Passini "A Questão do Espiritismo"

José Passini - Juiz de Fora
passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

"Nascer, morrer, renascer, ainda, e progredir sempre, tal é a lei."

"Fé inabalável só é a que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da Humanidade."

"O Espiritismo não vem procurar os perfeitos, mas os que se esforçam em o ser pondo em prática os ensinos dos Espíritos. O verdadeiro espírita não é o que alcançou a meta, mas o que sinceramente quer atingi-la. Sejam quais forem os seus antecedentes, que será bom espírita desde que reconheça suas imperfeições e seja sincero e perseverante no propósito de se emendar."

"Quando a ciência demonstrar que o espiritismo estiver errado em um ponto, ele se modificará neste ponto."

"Se tornarmos a palavra milagre em sua acepção etimológica, no sentido de coisa admirável, teremos milagres incessantemente sob as vistas. Aspiramo-los no ar e calcamo-los aos pés, porque tudo então é milagre em a Natureza."

"Você receberá, de retorno, tudo o que der aos outros, segundo a lei que nos rege os destinos."

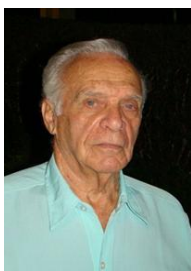
ÍNDICE

José Passini

(1926 -)

José Passini é natural de Nova Itapirema, interior de São Paulo, mas reside há vários anos na cidade mineira de Juiz de Fora. Espírita desde a infância, Passini considera a Doutrina codificada por Kardec como uma bússola em sua vida, assim como ele mesmo diz. Segundo ele, o Espiritismo pode ser comparado a um farol que ilumina seus caminhos. "Ele me faz assumir, cada vez mais, a minha condição de espírito imortal, temporariamente encarnado, isto é, conscientizando-me da minha cidadania espiritual."

Dirigiu a AME de Juiz de Fora, e da Revista O Médium. Esperantista conhecido internacionalmente, Passini foi reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutor em Linguística, seu extenso currículo revela a ocupação de diversos cargos em casas espíritas. Atualmente ele faz parte da equipe do programa Opinião Espírita (rádio e TV) e do Departamento de Evangelização da Criança da Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora.

Fonte: Luz Na Mente

ENTREVISTA COM JOSÉ PASSINI

O TEMA DA ENQUETE

AS QUESTÕES ATUAIS DO ESPIRITISMO

 Jorge Hessen Paulo Neto Mauro Quintella Irmãos W.

Jorge Hessen: Quais os prejuízos doutrinários que o duvidoso autor J.B. Roustaing acarreta para a Federação Espírita Brasileira?

José Passini: Creio que Roustaing reencarnou para colaborar com Kardec, mas preferiu fazer um trabalho próprio. Em seu trabalho revela-se altamente influenciado por Espíritos ligados à teologia católica romana. Sua posição doutrinária é frontalmente oposta ao que ensinam os Espíritos através do trabalho de Kardec. Fiz uma análise sucinta de Os Quatro Evangelhos de Roustaing, que ponho à disposição de quem quiser dela tomar conhecimento, pelo e-mail jose.passini@gmail.com

É profundamente lamentável que a Federação Espírita Brasileira ainda disponibilize essa obra que pretendeu, desde o seu lançamento, abalar as sólidas bases da Doutrina Espírita. É de se notar que nenhum dos grandes benfeitores espirituais que se teem manifestado por médiuns de alta respeitabilidade tenham feito algum pronunciamento em defesa, de Roustaing, nem de sua obra nefasta.

Jorge Hessen: Qual sua opinião sobre os eventos espíritas pagos, a exemplo dos congressos espíritas promovidos pelas federativas?

José Passini: Creio que o Espiritismo não necessita desses eventos para a sua divulgação. Allan Kardec, apesar das limitações dos meios de comunicação de sua época, conseguiu divulgar o Consolador até mesmo fora da França.
Hoje temos imprensa ágil e barata e dispomos de meios de comunicação dotados de recursos inimagináveis à época de Kardec. A divulgação realmente eficaz da Doutrina Espírita é feita através de estudos sérios e do trabalho anônimo de evangelização levado a efeito por abnegados trabalhadores dos centros espíritas. O pagamento de taxas de inscrição sempre exclui aqueles não dotados de recursos financeiros.

Jorge Hessen: O que falta no Mov. Esp. Brasileiro para que o estudo e a difusão do Esperanto abranjam maior espaço nos centros espíritas?

José Passini: Maior conhecimento de que sua criação se deu no Mundo Espiritual, e que Zamenhof reencarnou com a missão definida de trazê-lo à Terra, conforme se lê na obra Esperanto como Revelação, psicografada por F. C. Xavier. A missão do Esperanto não é só a de facilitar a comunicação entre os povos, mas também à divulgação do Espiritismo no mundo. Esse papel já tem sido assumido pelo Esperanto, que serviu de língua ponte para tradução de obras espíritas para outras línguas, além de ter motivado a fundação de centros espíritas em alguns países.

Paulo Neto: O Mov. Esp. Brasileiro segue o critério da racionalidade de Kardec?

José Passini: Não se pode responder de modo geral, porquanto há entidades onde nota-se louvável esforço no sentido de serem observados os criteriosos princípios apontados por Kardec, contrastando com outras onde tentam criar um espiritismo ao seu gosto. Mas, de modo geral, tenho uma visão otimista, diante da crescente conscientização da necessidade de estudo

que observo desde a minha infância.

Paulo Neto: A hipótese de que Chico é Kardec tem alguma consistência?

José Passini: Absolutamente nenhuma. Creio que se trata da criação de um mito, levada a efeito por pessoas que tentam criar um ambiente devocional em torno de Chico Xavier. Essas pessoas, em si próprias, constituem provas da reencarnação, pois demonstram que ainda não se desapegaram da ideia de canonizar alguém que se tenha destacado em atividades nobres no campo religioso. Não fosse assim, veriam a profunda diferença psicológica existente entre esses dois nobres Espíritos.

Paulo Neto: A maioria dos espíritas é estudiosa da Doutrina ou preferem os romances?

José Passini: Infelizmente, ainda há um grande número de pessoas que se dizem espíritas por apenas assistirem a palestras e tomarem passes. São leitoras de romances e de obras portadoras de revelações mirabolantes e até atemorizadoras, produzidas por Espíritos desequilibrados, que criam um clima de sensacionalismo, muito contrário à sobriedade e à segurança da Doutrina Espírita.

Mauro Quintella: Como não sacralizar o conteúdo das obras de Kardec sem desmerecer o trabalho do fundador do Espiritismo?

José Passini: Para o espírita, a Doutrina é sagrada, mas não no sentido teológico da palavra. Seguindo as sábias diretrizes deixadas pelo próprio Codificador, que disse não deixar a última palavra, ao afirmar que se a Ciência mostrar que algo está errado, a Doutrina deve corrigir. Além disso, o próprio caráter dinâmico, evolutivo do Espiritismo leva as pessoas de bom senso a negarem qualquer tentativa de sacralização, no sentido de colocar-se acima da razão.

Mauro Quintella: Você não acha que os espíritas devem procurar o congraçamento ao invés da unificação e da união?

José Passini: Sem dúvida alguma, pois a unificação e a união só poderão ser plenamente conseguidas mediante um congraçamento vigoroso e consciente, que só se torna possível quando há um esforço constante da vivência efetiva dos princípios do Evangelho.

Mauro Quintella: É possível divergir sobre as bases e o desenvolvimento teórico do Espiritismo sem perder a gentileza no debate?

José Passini: Sendo o Espiritismo uma Doutrina seguida por livre pensadores – como deve ser a postura do espírita – é natural que haja divergência de ideias a provocar debates. Entretanto, as naturais discordâncias jamais deverão provocar atitudes que atentem contra os princípios de fraternidade preconizados pelo Evangelho de Jesus.

Mauro Quintella: Você acha possível que algumas informações dos livros do espírito André Luiz podem ser fruto da imaginação dos médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira?

José Passini: Tendo-se em vista a magnitude da obra de Chico Xavier, conforme relato do Irmão Jacob, nas primeiras páginas do seu livro Voltei, André Luiz preparou-se durante setecentos dias para a necessária afinização com o médium para o cumprimento da tarefa que foi patrocinada por Espíritos de altas esferas. Além disso, o trabalho de André Luiz foi supervisionado por Emmanuel. Creio possa ter existido alguma leve influência no estilo, mas não no conteúdo, pois vejo a obra de André Luiz como um desdobramento legítimo dos ensinamentos de Kardec.

Mauro Quintella: Você acha que o espírito superior que coordena o movimento espírita no Brasil é o mesmo espírito que coordena a Umbanda?

José Passini: Entendemos que cada setor religioso tem seus líderes e responsáveis no Mundo Espiritual. Ismael, segundo Chico, é quem coordena o Movimento Espírita no Brasil. A Umbanda, creio, deve ter um Espírito orientador, como creio terem o Catolicismo Romano, o Protestantismo, o Judaísmo, o Islamismo e várias outras correntes religiosas.

Irmãos W.: O Movimento espírita cresceu dentro do Brasil devido à grande dedicação dos grandes personagens que deram exemplo como os médiuns Francisco Cândido Xavier e Ivone Pereira e outros que trouxeram mananciais imorredouros de ensinamentos superiores através das suas mediunidades. Porque atualmente com as novas gerações de espíritas o vigor do M.E.B. está perdendo qualidade doutrinária?

José Passini: Inicialmente, pergunto: O que é o M.E.B.? Quem o representa? Necessitaria escrever um livro para analisar o M.E.B. Se tomarmos a FEB como seu elemento principal, não podemos dizer que está havendo perda de qualidade doutrinária. Essa Entidade age como sempre agiu: publicando obras de grande valor doutrinário, buscando promover uma unificação do Espiritismo, embora o espectro de Roustaing ainda atue negativamente, como sempre atuou. Talvez tua visão seja influenciada pelo sentimento de orfandade que tomou muitas pessoas pelo retorno de Chico Xavier. Mas devemos nos lembrar de que a partida de Kardec deve ter provocado impacto semelhante. O Movimento Espírita sobreviveu quase setenta anos sem Kardec, até que aparecesse alguém que conseguisse, através de desdobramentos doutrinários, polarizar as atenções dos espíritas. Noutros tempos, para dizer-se espírita, era necessário que a pessoa tivesse realmente convicção doutrinária, face à discriminação e até perseguição que poderia sofrer. Hoje, isso quase não existe. Uma pessoa vai a uma casa espírita, toma um passe, ouve uma palestra, crê superficialmente na reencarnação e passa a dizer-se espírita, graças, talvez, a um afrouxamento da discriminação. Por isso, evidencia-se a responsabilidade dos dirigentes de casas espíritas, no que tange ao esclarecimento dos seus frequentadores e o cuidado para que o centro espírita não se torne simplesmente uma "casa de bênçãos", fugindo da sua principal finalidade, qual seja a de evangelizar as criaturas.

Irmãos W.: Em face da enxurrada de livros espíritas fantasiosos (psicografados) e lançados no mercado editorial espírita sem nenhum critério exceto a finalidade comercial, pode trazer a desintegração doutrinária nas hostes espíritas?

José Passini: Não diria "livros espíritas", mas apenas possivelmente mediúnicos, equivocamente intitulados "espíritas". Certas pessoas dotadas de mediunidade, desviando-se de programação estabelecida no Mundo Espiritual, antes da sua reencarnação, por desejo de notoriedade, aliam-se a empresas editoriais e publicam obras verdadeiramente anti-doutrinárias, porque inspiradas por Espíritos inimigos do Espiritismo ou, no mínimo, vaidosos. Fizemos análise de mais de vinte obras, que pomos à disposição de quem as solicite pelo e-mail jose.passini@gmail.com.

Irmãos W.: Quais as suas recomendações aos dirigentes espíritas para que o Espiritismo retome seu fulgor na atualidade e no futuro próximo?

José Passini: O dirigente espírita deve ter profunda noção da responsabilidade assumida e deve ser aquela pessoa que, ao lado de uma fé inabalável, busca na prece a necessária orientação para o desempenho de suas atividades. Deve ser voltado ao estudo e à reflexão, pois para o leigo, ele representa o próprio Espiritismo. Deve ter muito zelo na supervisão dos trabalhos mediúnicos, para que não se transformem num "correio do Além", mas que sejam direcionados ao caridoso trabalho de encaminhamento de Espíritos sofredores e trabalhos de desobsessão.
O setor de divulgação doutrinária deve merecer cuidado especial, seja nas palestras, seja no material escrito distribuído. Uma atenção especial deve merecer o setor de literatura, tanto no que toca a obras emprestadas ao público, quanto àquelas vendidas na Casa.

Irmãos W.: Suas considerações finais.

José Passini: É realmente preocupante grande parte da literatura mediúnica - ou pseudo-mediúnica - que está sendo entregue ao público em livrarias, clubes do livro e mesmo em centros espíritas. São livros produzidos por editoras que visam exclusivamente a lucros. Muitos espíritas, pensando apenas no auxílio a creches, a abrigos de idosos e a outros setores de assistência social, deixam de lado o critério doutrinário e tomam parte nesse

mercantilismo altamente danoso para o nome da Doutrina Espírita. São os inocentes úteis de que as forças contrárias ao Cristo se valem na sua luta insana contra o Bem. Enfrentamos momentos realmente difíceis. Urge vivenciarmos a sábia e oportuna advertência de Jesus: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação (...)". (Mat, 26: 41).

José Passini - Juiz de Fora - MG
jose.passini@gmail.com
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

PREFÁCIO DA OBRA

As reflexões a seguir nos induzem a avaliar sobre a imperiosa necessidade de praticarmos um Espiritismo com Jesus e Kardec sem os ranços e sutis convites para absorção das ideias contidas nos inebriantes livros supostamente espíritas. É um convite ao grande esforço no sentido de que assimilemos criteriosamente os legítimos princípios apontados por Kardec, sem nos conceder ao gosto dos contrastes ideológicos contidos nas literaturas aventureiras onde intenta-se inventar um espiritismo sem Kardec. O trabalho intelectual contido nas páginas a seguir, demonstra que o autor alimenta uma visão otimista, diante da crescente conscientização da necessidade de estudo sério das Obras Codificadas por Allan Kardec.

Sob às tonalidades da equipagem intelectual do autor, identificamos que há trágica irrupção de romances e de livros contendo revelações mirabolantes e até atemorizadoras, produzidas por Espíritos galhofeiros e pseudo-sabios, que cunham um clima de sensacionalismo, muito contrário à sobriedade e à segurança da Terceira Revelação. Sobretudo sobre a invasão dessas estanhas obras "psicografadas" os espíritas estamos vivendo momentos delicadíssimo, razão pelo qual urge vivenciarmos a sábia e oportuna advertência de Jesus: "Vigiai e orai".

Passini nos chama a atenção a respeito do ensaio de sacralização do conteúdo das obras de Kardec, no sentido de colocar-se acima da razão. Percebe que urge a unificação e união ente os espiritas e tais desideratos só poderão ser plenamente conseguidos mediante um congraçamento vigoroso e consciente, que só se torna possível quando há um esforço constante da vivência efetiva dos princípios do Evangelho.

Assegura que o dirigente espírita deve ter profunda noção da responsabilidade assumida e deve ser aquela pessoa que, ao lado de uma fé inabalável, busca na prece a necessária orientação para o desempenho de suas atividades. Deve ser voltado ao estudo e à reflexão, pois para o leigo, ele representa o próprio Espiritismo. Deve ter muito zelo na supervisão dos trabalhos mediúnicos, para que não se transformem num "correio do Além", mas que sejam direcionados ao caridoso trabalho de encaminhamento de Espíritos sofredores e trabalhos de desobsessão.

São Paulo, 01 de agosto de 2016
Jorge Hessen

COBRANÇA

"... de graça recebestes, de graça daí. Jesus
(Mt, 10: 8)

Vez por outra, discute-se no meio espírita a questão do pagamento de taxa de inscrição para participação em eventos doutrinários. É tema delicado, que envolve muitas situações particulares e, às vezes, se choca frontalmente com opiniões até apaixonadas de alguns irmãos. Por isso, merece a atenção e a preocupação daqueles que se propõem ao trabalho espírita, mantendo as atividades sob a sua responsabilidade dentro dos parâmetros saudáveis que não são facilmente verbalizáveis numa lista de "permitido/proibido", mas intuitivamente sentidos por todo espírita que busca agir com equilíbrio e bom-senso.

É imprescindível tenhamos cuidado constante, muita vigilância e apoio na oração, na busca de diretrizes do Alto, a fim de não levarmos o Movimento Espírita a incidir nos mes-mos desvios sofridos pelo Movimento Cristão que, vagarosa e imperceptivelmente se tornou uma religião institucionalizada, hierarquizada, na qual o trato com valores monetários passou, da contribuição espontânea para assistência aos mais necessitados, à fixação de taxas disfarçadas sob vários nomes, encaminhadas para a manutenção do profissionalismo, construção de prédios e acumulação de riquezas.

Necessário se faz que nós, que abraçamos a Doutrina Espírita – e que temos a certeza inabalável da sua missão de reviver o Cristianismo na sua pureza, simplicidade e pu-jança originais – avaliemos as ações que estão sendo levadas a efeito na nossa esfera de decisão, com vistas aos reais objetivos do Espiritismo.

Entre os extremos de dar tudo de graça – inclusive livros – e cobrar entrada ou taxa de inscrição para palestras, simpósios, seminários, há um meio-termo ideal, ditado pelo bom-senso.

Mesmo no tocante ao livro, devemos tomar cuidado para que não se estabeleça uma comercialização exacerbada, em detrimento da qualidade das obras, como, lamentavelmente, já se vê. O produto da venda do livro espírita deve objetivar o ressarcimento dos custos, ou a manutenção de atividade social. Infelizmente, não é o que se constata em muitos casos, diante do alto preço de obras – algumas de qualidade duvidosa, sob o aspecto doutrinário – que têm sido lançadas no mercado ultimamente, muitas das quais vendidas em livrarias ou centros espíritas, cujos dirigentes, muitas vezes, tentados pela obtenção de recursos para melhoria de instalações para ou trabalho assistencial, deixam de examiná-las criteriosamente. Não estamos defendendo, com isso, o estabelecimento de um "index". Só nos move a lembrança de que uma instituição espírita ao divulgar uma obra está – para a maioria das pessoas – dando-lhe aval doutrinário.

O ideal seria que as editoras fossem sociedades civis, dirigidas por

conselhos não-remunerados, como acontece nos centros e outras entidades espíritas. Conforme as conveniências, os livros poderiam ser confeccionados em empresas especializadas e as entidades espíritas promoveriam a sua venda a preços capazes de apenas manter as editoras funcionando. Somente os profissionais dessas sociedades seriam assalariados para a prestação de serviços específicos, como existem em muitas entidades espíritas.

Quanto ao pagamento de taxa de inscrição, há pessoas que argumentam não terem as casas espíritas fundos suficientes para cobrir despesas com viagem de expositores, aluguel de auditório, material de trabalho. Daí, argumentam, a necessidade da cobrança de taxa de inscrição.

Será que não há outros meios de se resolver o problema? Sempre chamamos a atenção de companheiros de ideal, dirigentes de casas espíritas, para o fato de necessitarmos de colaboradores financeiros, a fim conseguir recursos para o pagamento de despesas, como água, luz, telefone, material de limpeza, conservação do imóvel, etc. Há grupos espíritas que têm excesso de escrúpulos no sentido de pedir ao público em geral, levando o ônus financeiro a alguns poucos. Neste particular, lembramos Emmanuel, que aconselhou: "As obras espíritas devem ser mantidas com o pouco de muitos e não o muito de poucos."

Concordamos que determinados eventos demandam grande movimentação financeira, entretanto cremos que há outros meios, que não sejam o de pura cobrança de taxa de inscrição ou ingresso. São procedimentos mais trabalhosos, mas parece-nos serem mais féis à maneira espírita de agir.

Por exemplo: planeja-se um seminário para algumas centenas de pessoas. Sabemos que há custos: material para estudo, pastas, e, às vezes, aluguel de auditório, serviço de som, etc. Nesse caso, por que não fazer um levantamento prévio dos custos e solicitar a contribuição sigilosa e espontânea daquele que se inscreve, alertando que, se todos pudessem pagar, o custo "per capita" seria tal, mas como nem todos dispõem de recursos, pede-se um pouco mais daqueles que podem doar.

Não se estaria assim evitando uma seleção de participantes com base no poder mo-netário? Como ficaria a situação de uma família que, integrada no movimento espírita, não tivesse recursos para pagamento da taxa?

Alguém, num juízo apressado, poderá dizer que não dará certo, vez que as pessoas não estão preparadas para uma contribuição espontânea. Nesse caso, achamos que seria necessário inicialmente um longo trabalho educativo dessa comunidade, a fim de sensibilizá-la para o exercício da fraternidade cristã, o que significaria uma boa base para o posterior aproveitamento de seminários mais teóricos.

Se medidas como essas não derem certo, é porque aquela comunidade espírita ainda não está suficientemente madura para empreendimentos mais amplos. Carece-lhe base. Nesse caso, seria preferível a não-realização do evento. O prejuízo para a divulgação da Doutrina Espírita seria menor.

Lembremo-nos de que Paulo divulgava o Cristianismo viajando a pé, trabalhando em teares alugados, hospedando-se em casa de irmãos, falando diante de pequenos grupos. A divulgação do Cristianismo foi feita num trabalho de "contaminação" quase que de pessoa para pessoa. Não devemos perder isso de vista. Não desejemos trabalhos de "massificação" no Espiritismo. Sua maior propaganda é feita pelo testemunho de vivência pessoal dos espíritas.

Lembremo-nos de que, durante mais de um século, o Espiritismo divulgou-se sem cobrança de inscrições e de ingressos e sem essa comercialização desvairada de livros... E divulgou-se muito, de maneira segura. E quando nos assalte a dúvida, é só olharmos para os imensos patrimônios materiais que os nossos predecessores nos deixaram e imaginar-mos como eles conseguiram isso tudo.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

ATENDIMENTO FRATERNO

O Atendimento Fraterno que hoje se faz nos centros espíritas já era praticado há muitas décadas, mas dedicado apenas a Espíritos desencarnados, nas reuniões mediúnicas, chamadas de desobsessão ou de doutrinação.

Àquele tempo, o exercício mediúnico era também voltado aos trabalhos de materialização, em que se corporificavam Espíritos e eram movimentados objetos, transportadas flores, etc. Havia também a prática mediúnica voltada a curas físicas e, em menor escala, à psicografia.

A doutrinação de Espíritos situava-se mais no campo filosófico, sectário, com vigorosa argumentação doutrinária, distante da pregação dos chamamentos do Evangelho. Praticava-se um esforço de convencimento pela razão que, muitas vezes, não tocava o coração, embora fossem citados pontos do Evangelho. Às vezes, o diálogo chegava às raias de verdadeiro debate acalorado, como se fosse uma disputa política ou uma discussão acadêmica.

Mas, com o passar do tempo, o entendimento dos trabalhadores da seara mediúnica evoluiu muito, principalmente depois da obra de Chico Xavier, na qual se sobressai a literatura de André Luiz e de Emmanuel.

Em verdade, a obra de André Luiz ainda não foi suficientemente avaliada, porque não tem sido estudada em profundidade, a não ser em grupos que promovem seminários, encontros, etc. Em toda a série de seus livros, tem-se esclarecimentos quanto à prática mediúnica e à necessidade do esforço pessoal do trabalhador, no sentido de capacitar-se a levar as verdades do Evangelho ao Espírito necessitado, não só através de citações dos ensinamentos de Jesus, mas da exemplificação do esforço de vivência do médium e do doutrinador.

Nas reuniões mediúnicas, aquele que antigamente era abordado como obsessor, perseguidor, hoje é visto como um irmão necessitado de esclarecimento, de ser beneficiado com as luzes dos ensinamentos de Jesus.

Hoje, o doutrinador desceu da cátedra de onde ensinava o caminho do bem através de arrazoados filosóficos e de citações evangélicas, para falar ao irmão equivocado, carente de compreensão, de amparo, de carinho, embora este se mostre, muitas vezes, rebelde, imprudente, atrevido. O entendimento de hoje leva-nos a olhar o obsessor não como um perseguidor implacável, um criminoso, mas como um irmão equivocado e doente, a requerer atenção, respeito, bondade e carinho.

Perseguidor e perseguido não mais são vistos como algoz e vítima, mas como irmãos que se desavieram no passado, os quais deverão ser beneficiados pelas luzes do Evangelho.

Essa compreensão mais avançada deve também iluminar aqueles que se dedicam à atividade de atendimento fraterno a encarnados, prática que se tem tornado comum nas casas espíritas. É imprescindível um esforço constante no Bem, da parte daquele que se propõe a ajudar: conscientização de que, embora não seja um santo acabado, deve manter um contato íntimo com a oração, deve promover esforços no campo do auto-aprimoramento, da

disciplina, da obediência. Aquele que se propõe a ouvir e ajudar um irmão necessitado deve esforçar-se continuamente na busca do desenvolvimento da bondade, da tolerância, da benevolência, da humildade e da compaixão.

Essa conscientização permanente fará com que o atendente tenha a palavra carregada de energia positiva, aquela emanada da convicção profunda e do coração voltado ao Bem, pois assim suas palavras serão revestidas de uma energia que tocará fundo o entendimento do interlocutor, não representando apenas posição intelectual, mas vibração sincera de Amor.

Essa condição essencial para o trabalho de evangelização é colocada em relevo pelo Instrutor Alexandre: O companheiro que ensina a virtude, vivendo-lhe as grandezas em si mesmo, tem o verbo carregado de magnetismo positivo, estabelecendo edificações espirituais nas almas que o ouvem. Sem essa característica, a doutrinação, quase sempre, é vã. (Missionários da Luz, cap. 18)

A força da convicção, do equilíbrio e do amor daquele que fala, que doutrina, foi sentida por Mateus, que a registra no último versículo das suas anotações de O Sermão da Montanha:

E sucedeu que, concluindo Jesus este discurso, as turbas estavam maravilhadas com seu ensino, pois estava ensinando a eles como quem tem autoridade e não como os escribas deles. (Mt, 7: 28 e 29)

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

A HORA DA VERDADE

Dr. Ignácio Ferreira, médico psiquiatra, Diretor do Sanatório Espírita de Uberaba por mais de cinquenta anos, continua, no Mundo Espiritual, a dar sua colaboração no campo de trabalho em que se notabilizou enquanto encarnado, conforme referências na obra "Tormentos da Obsessão" e "Entre dois Mundos", de Manoel Philomeno de Miranda, psicografadas por Divaldo Franco, editadas nos anos de 2001 e 2005, respectivamente .

No ano de 2001, vieram a lume dois livros psicografados por Carlos A. Baccelli, tendo como autor espiritual o Dr. Inácio Ferreira: "Sob as Cinzas do Tempo" e "Do Outro Lado do Espelho"; em 2002, foi publicado "Na Próxima Dimensão"; em 2003, "Infinitas Moradas"; em 2004, A Escada de Jacó"; em 2005, "Fala, Dr. Inácio!"

Como constatamos fortes discrepâncias entre o perfil do Dr. Ignácio apresentado nas obras de Divaldo Franco, e aquele retratado nas obras de Carlos A. Baccelli, passamos a enumerá-las, a fim de que o leitor analise e ajuíze os fatos. Mas, antes de começarmos a comparação dos perfis, vejamos a discordância sobre as atividades desse Espírito, nas obras dos dois médiuns:

Manoel Philomeno de Miranda declara que o dirigente do grande Hospital é Eurípedes Barsanulfo:

"Nesse Nosocômio espiritual encontram-se recolhidos especialmente pacientes que foram espiritistas fracassados, graças à magnanimidade do Benfeitor Eurípedes Barsanulfo, que o ergueu, dando-lhe condição de santuário para a saúde mental e moral, e o administra com incomparável abnegação auxiliado por dedicados servidores do Bem e da caridade." (Tormentos da Obsessão, 19)

No livro de Baccelli, Dr. Inácio diz que é ele o Diretor do Hospital, e se declara ansioso por livrar-se da tarefa. Como é que pode, alguém que foi honrado com um encargo dessa natureza estar querendo livrar-se de tão nobre tarefa, chamando-a "carma"? E o que pretendia ele? Aposentadoria, ou ficar na ociosidade? Como é que se pode aceitar tal declaração de um Espírito que, na Terra, embora sob condições muito adversas, dedicou-se por mais de cinquenta anos ao serviço da psiquiatria? Onde fica a afirmação de outros Espíritos quando se referem à "honra de servir" no Mundo Espiritual? Vejamos como Manoel Philomeno de Miranda se refere ao Dr. Ignácio:

"Terminados os seus labores diuturnos, às 20:00 horas o incansável médico me aguardava no seu gabinete, para onde rumamos, Alberto e eu." (Tormentos da Obsessão, 198)

Mas, na obra de Baccelli, o Dr. Inácio reclama do trabalho:

"(...) grande hospital, cuja direção, no Mais Além, estava sob minha responsabilidade (eu não sei quando é que vou me livrar desse carma!) (Na Próxima Dimensão, 12)

Entretanto, Ignácio Ferreira, no livro de Divaldo, em conversa com Manoel Philomeno de Miranda, declara que é responsável por somente um pavilhão do

hospital:

"Esclareceu-me que era responsável somente por um dos pavilhões que albergava médiuns e alguns outros equivocados, enquanto diversos trabalhadores (...)." (Tormentos da Obsessão, 89)

Neste contexto, para que se delineie com justiça o perfil do Dr. Ignácio, vejamos um trecho da obra "Entre dois Mundos", psicografia de Divaldo Franco, onde ele é citado, notando-se que ele é situado entre dois veneráveis nomes :

"Encontramo-nos, porém, dispostos a seguir adiante, abrindo espaços para o futuro, como fizeram nossos predecessores, particularmente o apóstolo da caridade, Dr. Adolpho Bezerra de Menezes Cavalcanti, o eminente Dr. Ignácio Ferreira, o inesquecível médium Eurípedes Barsanulfo e muitos outros que se empenharam em atender os distúrbios mentais gerados nas obsessões de natureza espiritual." (Entre dois Mundos, 146)

O Dr. Ignácio (grafamos conforme está no livro) apresentado nas obras de Divaldo Franco é muito diferente do Dr. Inácio que se apresenta através de Carlos A. Baccelli. Manoel Philomeno de Miranda refere-se a ele como o médico prudente, ponderado, gentil, bondoso, afável, figura bem compatível com a idéia que se tem de um Espírito a quem foi dada importante tarefa no Mundo Espiritual. Modesto, que quase não fala de si, ficando as descrições a seu respeito a cargo do Autor do livro.

Nas obras de Baccelli, nos relatos do seu tempo de encarnado, o Dr. Inácio mostra-se rude, impaciente, irônico, irreverente, despreocupado com as imagens negativas que iria suscitar nos seus leitores. Ainda que tivesse sido assim enquanto na Terra, será que não teria mudado nada no Mundo Espiritual, depois de treze anos? Será que para ser franco é necessário que se seja rude? Compare-se a franqueza fraterna de Henrique de Luna, o médico que atendeu André Luiz, ao comentar suas falhas na Terra; a delicadeza com que Clarêncio abordou aspectos menos felizes da vida do seu tutelado; a ternura e o carinho que impregnaram alertamentos severos que a mãe de André Luiz fez-lhe, conforme se lê em "Nosso Lar"? Não se vê, em toda a obra de Francisco Cândido Xavier, um só servidor do Mundo Espiritual usando expressões contundentes, mesmo quando compelido a advertir um subalterno.

Entretanto, a rudeza, a agressividade, as expressões chulas e de desapreço a médiuns e a espíritas continuam sendo usadas por esse Espírito, que parece não ter aprendido nada, não se ter beneficiado da convivência – que diz desfrutar – com Bezerra de Menezes e Eurípedes Barsanulfo.

Comparemos alguns trechos:

Ao ser convidado a participar de uma reunião mediúnica no Sanatório de Uberaba, onde poderia se comunicar através de um dos médiuns dentre aqueles com quem trabalhara quando encarnado, na condição de diretor, responde:

– Para quê? Só se for para xingá-los... (Por favor sr. Médium e sr. Revisor, não me queiram tolher a liberdade de dizer o que penso, da maneira que penso.) Aliás, para que saibam que sou eu, basta mesmo que eu abra a boca ou... que acenda um cigarro. Vou dizer a vocês o que penso: Os meus gatos, que ainda sobrevivem no Sanatório, apesar da vontade de alguns de expurgá-los, serão melhores intérpretes meus do que os médiuns que andam por lá... (...) Os médiuns não querem estudar, não querem disciplina... Ficam parados ao redor da mesa feito uns robôs; nem pensar eles pensam; esvaziam a mente

de idéias, esperando que os espíritos façam tudo... Isto não é mediunidade, se o pobre do morto pudesse fazer tudo sozinho, os médiuns seriam meras figuras decorativas. E, depois, mentem: dizem que são inconscientes, que não se lembram de nada. (Do outro lado do Espelho, 158 / 159)

Continuando seus ataques aos médiuns do grupo que dirigiu, no Sanatório:

– O médium me acolhe, me agasalha, abre a boca e só deixa passar o que não conflita com os seus pensamentos. Sendo assim, o que vou fazer lá? Passar raiva? Passar raiva, eu passava na condição de doutrinador, de dirigente dos trabalhos mediúnicos do Sanatório, que fui por mais de cinquenta anos... (Do outro lado do Espelho, 159 / 160)

Na psicografia de Baccelli, o Dr. Inácio ataca continuadamente os médiuns. Note-se nos trechos citados o ataque indiscriminado que lhes é feito! Será que não escapam nem Maria Modesto Cravo e o próprio médium de que se serve? Além do mais, se aqueles médiuns que trabalhavam com ele no Sanatório eram tão relapsos, por que ficou sendo enganado durante cinquenta anos? É muito grave dizer que os médiuns mentem! Como é que um dirigente de reunião mediúnica pode sentir raiva dos companheiros de trabalho? Como conciliar esse ambiente de trabalho tumultuado pela irresponsabilidade dos médiuns e a raiva do dirigente com o relato de Manoel Philomeno de Miranda?

Dr. Ignácio Ferreira houvera experienciado com muito cuidado, enquanto no corpo físico, o tratamento de diversas psicopatologias incluindo as obsessões pertinazes, no Sanatório psiquiátrico que erguera na cidade de Uberaba, e que lhe fora precioso laboratório para estudos e aprofundamento na psique humana, especialmente no que diz respeito ao interrelacionamento entre criaturas e Espíritos desencarnados. (Tormentos da Obsessão, 59)

Como conciliar o que diz o Dr. Inácio, rude, malhumorado, usuário de expressões vulgares, capaz de escrever o trecho que citamos a seguir, com o Dr. Ignácio citado por Manoel Philomeno de Miranda?

– Isto deve ser gente do Xandico – resmunguei em voz alta, acendendo um cigarro e incinerando o abjeto bilhete, na impossibilidade de incinerar o seu autor. (Sob as Cinzas do Tempo, 179)

Essa, a reação do Dr. Inácio, ao ler um bilhete insultuoso deixado à sua porta. Modo irreverente de referir-se a um clérigo que se opunha a ele. Se o Autor era assim, irritadiço, à época, deveria agora fazer uma ressalva, mostrando que reconhece o seu erro, a fim de que a atitude equivocada não sirva de modelo. Entretanto, ao longo da obra, tem-se a impressão que lhe causa um certo prazer mostrar-se agressivo, contundente, ríspido, treze anos depois de desencarnado...

Não faremos mais comentários. Apenas transcreveremos trechos da obra "Tormentos da Obsessão", psicografada por Divaldo Franco, nas quais são postas em relevo atitudes do Dr. Ignácio Ferreira, em relato natural, mostrando-o como Espírito equilibrado, educado, gentil, paciente. Deixamos a você, Espírita consciente, o trabalho de ler, comparar, meditar e formar juízo para, no âmbito das suas atividades, tomar posição relativamente a essas obras que tentam desacreditar a mediunidade através de uma terrível caricatura do nobre Dr. Ignácio Ferreira.

Todas as citações abaixo são do livro "Tormentos da Obsessão".

Apresentando-se própria a ocasião, face à presença em nosso grupo de um dos seus atuais diretores, o Dr. Ignácio Ferreira, que fora na terra eminente

médico uberabense, interroguei ao amigo gentil, sobre a história daquele Santuário dedicado à saúde mental, e ele, bondosamente respondeu: (29)

Sempre gentil, o caro médico elucidou: (35)

Dr. Ignácio encontrava-se sereno e bem apessoado. Ante o silêncio que se fez natural, ele começou a exposição, utilizando-se da saudação que caracterizava os cristãos primitivos:

– Que a paz de Deus seja conosco! (61)

Porque diversos ouvintes se houvessem acercado do Dr. Ignácio Ferreira, fizemos o mesmo, endereçando-lhe algumas rápidas questões, que foram respondidas com bonomia e gentileza. (73)

Com jovialidade irradiante, o Dr. Ferreira recepcionou-nos, exteriorizando os júbilos que o invadiam, face à possibilidade de esclarecer-me em torno da das nobres atividades daquela Casa de Socorro. (89

– Vige, em todos os momentos, expôs com delicadeza – (90)

Com a afabilidade que lhe é natural, o distinto esculápio não se fez rogado, permitindo fossem-lhe propostas as questões. (146)

Desenhando um suave sorriso na face, em razão da pergunta algo ingênua, o amigo educado retrucou: (149)

Paciente e educativo, respondeu: (171)

Apresentando excelente disposição defluente do bem fazer e da alegria de servir, recebeu-nos com demonstração de afeto, logo dispondo-se a conduzir-nos à área especializada. (198)

Com a sua proverbial prudência, respondeu: (206)

Dr. Ignácio respondeu com tranquilidade: (227)

Pacientemente, o Amigo explicou: (228)

O médico uberabense recebeu-nos com efusão de júbilos, explicando-me que Eurípedes Barsanulfo, recordando-se que o prazo referente ao meu estágio terminara, houvera-me convidado... (310)

Os números entre parênteses indicam as páginas.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

A COMUNICAÇÃO DOS ESPÍRITOS

O profetismo é prática milenar, conforme se constata no verbete profeta, na Enciclopædia Britannica, na sua edição original.

Quando se fala em comunicação com os mortos, há dois pontos interessantes a serem ob-servados: primeiro, há os que dizem ser tal prática condenada "pela palavra de Deus", citando a proibição contida no Deteuronônio, cap. 18: 10 a 13. Em verdade, não se trata de "palavra de Deus", mas de recomendação pertencente à legislação mosaica; segundo, é interessante atentar-se para o fato de que a proibição comprova efetivamente o intercâmbio com os mortos, pois se existiu a proibição é porque existia o fato. É de senso comum que uma legislação que regula ou proíbe algo sempre surge a posteriori, e não a priori, ou seja, é feita sempre sobre um fato já existente. Logo, se Moisés proibiu é porque existia.

Deve ser lembrado que a proibição de Moisés visava a coibir o abuso daqueles que manti-nham o intercâmbio, usando-o para fins frívolos ou para a solução de problemas pertencentes à esfera das decisões dos homens e não dos Espíritos. Diga-se, de passagem, que o Espiritismo – que não proíbe nada – desaconselha o intercâmbio mediúnico para esses mesmos fins, esclarecendo que Espíritos superiores não se envolvem nesses assuntos, tão ao agrado de Espíritos frívolos e desocupados.

Há, também, aqueles que se baseiam na filosofia tomista, que afirma a imortalidade da alma, mas que esta não tem vida plena sem o corpo, considerando-o seu instrumento indispensável, a ser readquirido na ressurreição, para o julgamento final. Não se sabe como Tomás de Aquino explicaria o fato de dois Espíritos desencarnados, Moisés e Elias, sem corpo material, terem conversado com Jesus, na presença de Pedro, Tiago e João (Mat, 17: 10 a 13)

Não vamos invocar o testemunho de cientistas que pesquisaram o fenômeno mediúnico e produziram farto material bibliográfico a respeito. Argumentaremos exclusivamente dentro da Bíblia, na tradução de João Ferreira d'Almeida, da Sociedade Bíblica Britannica e Estrangeira, edição de 1937. Citamos o ano da publicação pelo fato de essa mesma tradução já ter sofrido algumas "atualizações".

No Velho Testamento, (I Sam, 28), sob o título "Consulta à pitonisa de Endor", vemos uma autêntica comunicação do profeta Samuel, que fora, enquanto encarnado, conselheiro do rei Saul. Este, na iminência de uma batalha, ressentindo-se da ausência do seu conselheiro, que desencarnara, ordenou fosse procurada uma evocadora de espíritos. Aparece-lhe Samuel, que o aconselha a não entrar na batalha contra os filisteus, sob pena de morrerem ele e seus filhos. Saul, que não fora buscar conselho, mas apoio, sentindo-se desamparado, caiu desmaiado. Embora seriamente advertido, entrou na batalha, onde pereceu, juntamente com seus filhos.

No Novo Testamento (At, 16: 9), há o relato de uma visita feita a Paulo, por

um homem que, liberto do corpo físico pelo sono, comunicou-se com ele: "E Paulo teve de noite uma visão, em que se apresentou um varão da Macedônia, e lhe rogou, dizendo: Passa à Macedônia, e ajuda-nos." Nos versículos seguintes, vê-se que Paulo foi atender o pedido, vez que encaminhou-se à Macedônia.

Em Atos (10: 30 a 32), está claramente relatada uma comunicação de um espírito desen-carnado, diretamente dirigida a um homem, sem ao menos usar o corpo físico de um médium, conforme relato do centurião Cornélio a Pedro: "Há quatro dias estava eu em jejum até esta hora, orando em minha casa, à hora nona, e eis que diante de mim se apresentou um varão com vestes resplandescentes, e disse: Cornélio, a tua oração foi ouvida, e as tuas esmolas estão em memória diante de Deus. (...) e manda chamar Simão, que tem por sobrenome Pedro: este está em casa de Simão o curtidor, junto do mar, e ele, vindo, te falará."

Pedro estava no terraço da casa de Simão o curtidor, quando chegou a comitiva que viera convidá-lo. No momento em que chegaram os enviados de Cornélio, Pedro recebe a seguinte ori-entação de um Espírito: "Levanta-te pois, e desce, e vai com eles, não duvidando; porque eu os enviei." Essa comunicação foi oportuna porque Pedro não atenderia o chamado de um romano, pelo fato de os discípulos de Jesus acreditarem, até àquela época, que a mensagem de Jesus deveria ser divulgada somente entre os judeus.

Outra comunicação de Espíritos se deu com as mulheres que foram preparar o corpo de Jesus para a sepultura, na manhã daquele memorável domingo: "E, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus. E aconteceu que, estando elas perplexas a esse respeito, eis que pararam junto delas dois varões, com vestidos resplandescentes (...) lhes disseram: Por que buscais o vivente entre os mortos?" (Luc, 24: 3 a 5)

É interessante notar que os Espíritos, em vários relatos no Novo Testamento, apareceram com vestes resplandescentes, talvez para que não ficassem dúvidas de que se tratava mesmo de espíritos desencarnados.

A comunicação recebida pelo Centurião Cornélio também demonstra esse mesmo o cuidado observado pelo Espírito comunicante, conforme se depreende do relato do romano a Pedro, na passagem acima citada.

O Apóstolo Paulo – a maior autoridade em assuntos mediúnicos nos tempos apostólicos – deixou instruções seguras a serem seguidas por aqueles que pretendessem estabelecer o inter-câmbio, como se lê na sua Primeira Carta aos Coríntios: "Segui a caridade, e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar." (14: 1) Num trecho desse mesmo capítulo, que o tradutor intitula: "A necessidade de ordem no culto", está perfeitamente caracterizada uma reunião mediúnica, para a qual Paulo dá orientação segura, no sentido de preservar a objetividade, precavendo-se contra o estrelismo dos médiuns: "E se alguém falar língua estranha, faça-se isso por dois, ou quando muito por três, e por sua vez, e haja intérprete." (27) E, a fim de evitar o deslumbramento, deixa outra recomendação: "E falem dois ou três profetas e os outros anali-sem." (29) No capítulo 12, descreve os vários tipos de mediunidade, como seja, a psicofônica, a de falar línguas estranhas, a de cura e até a intuitiva – a ser exercitada pelo dirigente da reunião mediúnica –, que ele intitula "o dom de discernir os espíritos".

Cumpre notar, também, que Jesus não disse uma palavra sequer no sentido

de condenar a comunicação com os mortos, pois seria uma incoerência, diante do fato, citado acima, narrado por três Evangelistas (Mt, 17: 10 a 13; Mc, 9: 2 a 13; Lc, 9: 28 a 36), que se referem ao diálogo que Jesus manteve com dois desencarnados: Moisés e Elias, na presença de Pedro, Tiago e João.

A Enciclopædia Britannica diz que profeta em Grego clássico quer dizer "aquele que, ao fa-lar, não o faz pelos seus pensamentos, mas por uma revelação de fora. Cita Platão: "Não devem ser chamados profetas aqueles que simplesmente interpretam oráculos.

Em verdade, em todo o Novo Testamento não há uma linha sequer condenando a comuni-cação com os mortos. A literatura existente nesse sentido provém das interpretações equivocadas de teólogos que veem os fatos como lhes convém.

Além do mais, não há mortos, mas apenas Espíritos encarnados e desencarnados.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

CONSIDERAÇÕES SOBRE MEDIUNIDADE

A mediunidade é conhecida e registrada desde tempos remotíssimos. Conheceram-na hindus, egípcios, os gregos e os hebreus. Os registros mais acessíveis encontramo-los no Judaísmo, no assim chamado profetismo. Todos os reis de Israel eram aconselhados por profetas, quando eles próprios não o eram. Os profetas, além de anunciarem, por séculos seguidos, a vinda de Jesus, tiveram presença marcante nas cortes de Israel, cujos reis recebiam, através deles, orientações e até severas admoestações do Mundo Espiritual. Os reis, que não raro eram prepotentes, por não gostarem das advertências recebidas, às vezes ordenavam severos castigos aos profetas, conforme registra Paulo: "Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de pele de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados." (Heb, 11: 37).

O Velho Testamento registra inúmeros fenômenos mediúnicos, como aquele ocorrido diante do rei Baltazar e de sua corte reunida no palácio: "... uns dedos de mão de homem, e escreviam, defronte do castiçal, na estucada da parede do palácio real; e o rei via a parte da mão que estava escrevendo." A mensagem era escrita em língua desconhecida de todos, inclusive dos magos e adivinhos que o rei mandara chamar. É então chamado Daniel, que decifra a mensagem, anunciando corajosamente o fim do reinado de Baltazar, que morre naquela mesma noite. (Dan, cap. 5).

No capítulo 3, do Primeiro livro de Samuel, este, pela sua mediunidade nascente, informa ao sacerdote Eli que ele havia caído em desgraça diante de Deus por não educar convenientemente seus filhos. Nesse mesmo livro, no capítulo 28, há o registro da visita que o rei Saul fez à pitonisa de Endor, conforme título dado pelo tradutor João Ferreira de Almeida. Há traduções mais modernas em que a palavra pitonisa foi substituída por médium, sobressaindo-se uma que diz médium espírita. (Whatchtower Bible and Tract Society of New York, inc.) A impropriedade da expressão é flagrante, pois se existem médiuns desde todo o sempre, Espiritismo só existe a partir de 1857, quando Kardec cunhou os vocábulos Espiritismo, espiritista e espírita. Foi ele quem tomou ao latim a palavra medium, na sua forma original, para designar o intermediário, o profeta, em linguagem própria do Espiritismo. Por aí pode-se avaliar o grau de desconhecimento, ou o desejo de confundir... Na citada passagem, fica patenteada a conversa do rei Saul com o espírito Samuel, através daquela mulher. Nessa oportunidade, o rei foi advertido que, se entrasse na batalha, morreria ele e morreriam seus filhos. Ele, que era prepotente, como estava a buscar apoio e não conselho, entrou em luta com os Filisteus e morreu, juntamente com os filhos, como fora previsto pelo Espírito.

Entretanto, há alguns apaixonados, negadores por sistema, incapazes de raciocinar, que dizem ter sido o rei Saul enganado pelo Demônio. Diante disso seria de se perguntar que demônio bom seria esse que lhe deu um bom

conselho, tentando desviá-lo da morte...

Há, ainda, os que invocam a proibição de se consultarem os mortos, contida no livro Deuteronômio, capítulo 18, a ela referindo-se como lei de Deus. Como se sabe, as Leis de Deus são as dos Dez Mandamentos. Essa proibição faz parte dos regulamentos disciplinares de Moisés, que pretendeu, com essa medida, coibir os abusos do intercâmbio mediúnico – com o que o Espiritismo concorda plenamente – com a única diferença de não proibir, mas apenas desaconselhar, vez que o Espiritismo não proíbe nada... A mediunidade, segundo se aprende no Espiritismo, deve ser usada para fins nobres, de interesse geral, e não para conversa miúda.

Deve-se ressaltar, entretanto, que a própria proibição de Moisés constitui prova concludente a respeito da existência do fenômeno mediúnico, pois ninguém proíbe o que não existe. As leis são sempre feitas a posteriori, isto é, para regulamentar ou proibir uma atividade já existente. Por que não há lei que proíba alguém voar sobre o quintal do seu vizinho? Simplesmente porque o homem não voa. Mas, no momento em que se inventar um aparelho que possibilite o vôo individual ao homem, haverá certamente leis que irão resguardar a privacidade das pessoas, prevendo punição àqueles que as transgredirem. A própria existência da lei constituirá prova cabal de que, a partir de determinada época, o homem começou a voar...

Quem pode negar a condição de médium aos profetas bíblicos? A palavra profeta, na sua origem, já indica a condição de medianeiro, de intermediário. A edição da Bíblia Sagrada da Editora das Américas (vol. 15), na sua Introdução Geral dos Livros do Antigo e Novo Testamentos, diz que os homens que recebiam as manifestações divinas eram conhecidos por nebi-in (plural de nabi), que significa "aquele que fala em nome de alguém". Quando os textos bíblicos começaram a ser traduzidos em Grego, a palavra nabi foi traduzida pelo termo prophetes.

O termo grego é formado pelo prefixo pro, que significa em lugar de e phetes, que quer dizer locutor, logo aquele que fala em lugar de alguém, por alguém.

A Enciclopædia Britannica (edição original) diz que a origem da palavra nabi é obscura, mas que suas derivações significam "intensa excitação", reportando-se a uma palavra assíria que significa cair em transe.

Algumas enciclopédias, como a Britannica e a Americana mostram o verdadeiro significado da palavra: A Britannica diz que profeta em Grego clássico quer dizer "aquele que, ao falar, não o faz pelos seus pensamentos, mas por uma revelação "de fora". Cita Platão: "Não devem ser chamados profetas aqueles que simplesmente interpretam oráculos, mas aqueles que falam em transe."

No dicionário de Funk & Wagnalls, lê-se: "no contexto bíblico, profetizar é pronunciar verdades religiosas sob inspiração divina, não necessariamente predizer acontecimentos futuros, mas admoestar, exortar, confortar". (apud "As Marcas do Cristo", de Hermínio Miranda). Exatamente como entende o Espiritismo: os profetas bíblicos eram médiuns! E existiram profetas maiores, que se notabilizaram, deixando seus nomes na História, e outros de menor expressão, que passaram anônimos. O mesmo ocorre na atualidade com os médiuns, sejam eles espíritas ou não.

É relevante que se diga que o Dicionário da Bíblia, de John D. Davis, em seu

verbete Espírito Familiar diz: “Espírito de uma pessoa falecida que os médiuns invocavam para consultas, que parecem falar desde a terra, ou encarnar-se (sic) no médium, homem ou mulher”.

No Novo Testamento encontramos provas de que o profetismo teve a sua atividade estimulada. No Cristianismo nascente, a presença da mediunidade foi marcante. É digna de nota a naturalidade com que são relatados os fenômenos mediúnicos no Novo Testamento. O Apóstolo Paulo, seguramente a maior autoridade em assuntos mediúnicos do seu tempo, escreveu o primeiro livro dos médiuns de que se tem notícia. O Apóstolo revela profundo conhecimento do fenômeno em sua Primeira Carta aos Coríntios, nos capítulos 12 e 14. Paulo, não só reconhece o exercício mediúnico como atividade útil, como recomenda o seu desenvolvimento, conforme se lê no primeiro versículo do capítulo 14: “Segui a caridade, e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar.”

No capítulo 12, Paulo assim se refere à mediunidade: “Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil." E passa, a seguir, a enumerar os vários tipos de mediunidade, que João Ferreira de Almeida, na sua tradução da Vulgata Latina para o Português, intitula Acerca da diversidade dos dons espirituais: “Porque a um pelo Espírito é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência.”

Paulo continua enumerando os dons, falando da mediunidade de cura, de efeitos físicos, a que ele chama operação de maravilhas. (A Parapsicologia diz ectoplasmia). Chega a dizer do dom de discernir espíritos, que pode ser interpretado como a mediunidade intuitiva que deve ter aquele que dirige uma reunião mediúnica, a fim de saber com que espírito dialoga através de um médium.

Refere-se também à capacidade de falar línguas, mediunidade que o Espiritismo cataloga como xenoglossia. Mas, com o bom senso que lhe conhecemos, adverte judiciosamente, numa demonstração de que entendia a mediunidade como prática útil, construtiva, edificante: “Mas, se não houver intérprete, esteja calado na igreja, e fale consigo mesmo e com Deus.” (I Co, 14: 28)

Paulo entendia o exercício mediúnico como atividade eminentemente prática, não se per-dendo ele em encantamentos místicos. É dentro dessa perspectiva que ele recomenda: “E falem dois ou três profetas, e os outros julguem.” (I Co, 14: 29) Essa passagem está inserida num trecho a que João Ferreira de Almeida, em sua tradução, intitulou: A necessidade de ordem no culto. O que demonstra ter também o tradutor entendido que a prática mediúnica requer controle e avaliação.

Essa necessidade de análise das comunicações é enfatizada também por João (I Jo, 4: 1), quando diz: “Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.”

Essas duas passagens, primeiro a de Paulo, recomendando seja feito um julgamento após duas ou três comunicações e a de João, no sentido de se verificar a índole do espírito que se comunica, servem de resposta aos que dizem que é o Demônio que sempre se comunica. Ora, se se comunicassem apenas espíritos voltados ao mal, nem um nem outro teria feito recomendações no sentido de serem feitas as verificações e avaliadas as

comunicações. Teriam, simplesmente, dito que todas as comunicações deveriam ser recusadas por serem produzidas por espíritos malignos, como querem aqueles que, teimosamente, negam a mediunidade.

Embora existam ainda aqueles que negam a mediunidade, os tempos estão mudando. Depois do longo e benéfico testemunho de Francisco Cândido Xavier, muitos milhares de pessoas conseguem ver a mediunidade como atividade caridosa e respeitável, vendo nele um profeta dos tempos novos, um profeta cristão, que se enquadrou perfeitamente na recomendação contida no livro Didaquê, segundo registro no verbete "profeta" da Enciclopædia Britannica: "Profeta para ser digno de acatamento e respeito deve ter piedade indubitável e conduta digna do Senhor."

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

DESAFIOS DA CASA ESPÍRITA NA ATUALIDADE

Inegavelmente, o Espiritismo está na vanguarda do pensamento religioso do mundo. Um centro espírita é, na Terra, um posto avançado da Espiritualidade Superior. E, como ainda estamos num mundo de provas e expiações, as investidas das Trevas para desestruturá-lo são constantes. Houve tempo em que os ataques provinham de fora, como um bombardeio, mas hoje as Trevas procuram atuar no interior das casas espíritas, aplicando um processo de implosão. Os inimigos da Doutrina já se convenceram de que o bombardeio externo não produz os efeitos desejados. Pelo contrário, constituem até propaganda. O Espiritismo já venceu a batalha exterior, pois hoje é respeitado e as suas casas não mais são molestadas como o eram antigamente, até com ataques físicos. Hoje, o desafio maior é no interior delas, porque atualmente os inimigos do Bem procuram agir dentro da própria casa espírita, semeando a discórdia, o descontentamento, o estrelismo entre os colaboradores.

Por isso, o "orai e vigiai para não cairdes em tentação" (Mat, 16: 41) é ensinamento para ser lembrado a toda hora. A manutenção do bom clima espiritual não deve ser deixada por conta somente dos trabalhadores espirituais.

Além das reuniões de trabalho rotineiro deverá haver outras, de simples convivência, entre os trabalhadores. Um cafezinho, um chá, tudo muito simples, sem oportunidade para concursos de iguarias.

Compromisso diário de todos os colaboradores: leitura de uma página de um bom livro, como esses: Pão Nosso, Vinha de Luz, Fonte Viva, Caminho Verdade e Vida, Ceifa de Luz, ou de obra similar, e depois alguns minutos de reflexão e prece.

Cultivo incessante da sinceridade, mas não da franqueza rude. Cultivo constante da boa vontade. Cuidado para não abrigar pensamentos negativos em relação aos companheiros.

Prática constante da higiene mental.

Leitura frequente de livros como "Nosso Lar", observando como se relacionam os trabalhadores no Mundo Espiritual, atentando-se para o cuidado com os comentários feitos, tanto orais quanto mentais.

O trabalhador deve sempre lembrar-se de que deve orar, com unção, pensando no alcance do trabalho, valorizando-o, assim impedindo que se estabeleça um clima de simples rotina.

O trabalhador deve cultivar um estado de espírito que retrate sempre o entusiasmo dos primeiros tempos em que foi admitido na tarefa. Deve, periodicamente, em clima de prece, avaliar, refletir, analisar seu próprio desempenho. Deve lembrar-se de que, durante o sono, pode continuar seus estudos, visando a um aprimoramento na sua capacidade de servir. (Missionários da Luz, cap. 8)

O trabalhador de uma casa espírita, de qualquer setor, ao buscar servir com

dedicação, tem oportunidade de preparar-se convenientemente para a convivência e o serviço no Mundo Espiritual, para onde irá depois de desencarnar, para apenas continuar servindo. Para o trabalhador verdadeiramente integrado na tarefa espírita, a desencarnação significará apenas a mudança do lugar de serviço.

Nas reuniões abertas ao público, deve ser dada uma atenção especial à recepção das pessoas que chegam à casa espírita. O acolhimento fraternal é de valor inestimável, pois não raro coroa os esforços de um Espírito que para ali encaminhou seu protegido

Deve merecer especial cuidado o material escrito que é passado ao público, seja na livraria ou na simples distribuição de jornais, revistas ou panfletos. Nada, que não tenha passado pelo exame rigoroso de pessoas responsáveis, deverá ser entregue ao público. A tribuna só deverá ser acessada por pessoas bem conhecidas dos responsáveis pela casa, não só quanto ao conhecimento doutrinário e capacidade de comunicação, mas também quanto à sua conduta pessoal.

Muito importante é a divisão do acervo literário. A casa espírita deverá ter uma biblioteca para empréstimo, constituída de obras de base doutrinária indiscutível, devidamente examinadas pelos responsáveis.

Qualquer obra nova só poderá ser posta ao alcance do público depois de criteriosamente avaliada, pois tudo o que o leigo adquirir no Centro será tomado como pensamento espírita.

Uma biblioteca interna – para estudo dos trabalhadores da casa – poderá conter até livros que combatem o Espiritismo. Entretanto, se, por um lado, podemos "examinar tudo", como disse o Apóstolo Paulo (I Tes, 25: 21), por outro, só devemos passar ao público, numa casa espírita, aquilo que se enquadre perfeitamente nos postulados espíritas.

Deve-se ter especial cuidado para que o centro espírita não se torne uma "casa de bênçãos", onde não haja esclarecimento suficiente sobre o uso e a eficácia do passe, da água fluida e da mediunidade.

O público deve ser informado periodicamente sobre a finalidade terapêutica do passe e da água fluida, a fim de que não sejam tomados como parte rotineira das práticas espíritas.

Cuidar para que as palestras não fiquem exclusivamente no campo científico, nem unicamente naquele do sentimento. Jesus sempre sensibilizou o coração falando igualmente à razão, o que levou Kardec a inserir, na folha de rosto de O Evangelho segundo o Espiritismo, esse ensinamento lapidar: "Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão em todas as épocas da humanidade."

A prática mediúnica deve ser dirigida prioritariamente ao socorro e encaminhamento de Espíritos desencarnados que se encontram em sofrimento, causando, por vezes, dificuldades a desencarnados e a encarnados, em fenômenos obsessivos.

Hoje, infelizmente, em muitas casas espíritas a introdução do estudo da mediunidade e da avaliação do trabalho mediúnico ainda constitui um sério desafio.

Atualmente, está se generalizando a prática da psicografia como correio do Além, produzindo até mensagens sob encomenda. Nesse particular, deve ser lembrada a sábia advertência de Chico Xavier: "O telefone toca de lá para cá".

Outro desvio do uso da mediunidade refere-se à produção desenfreada de livros, sem que tenham passado pelo imprescindível controle doutrinário. Muitas obras comprometedoras são comercializadas sob a capa de obtenção de recursos para manutenção de creches, de abrigos para idosos, de auxilio aos pobres, como se o fim justificasse os meios.

Chás, lanches, almoços e jantares, objetivando a obtenção de recursos deverão ser levados a efeito com parcimônia, para não se tornarem prática constante, capaz de desviar os objetivos da casa espírita. O Centro espírita deve ser, antes de tudo, uma escola de educação de almas.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

DIREITOS LINGUÍSTICOS

Sempre que uma pessoa for compelida ao estudo da língua nacional de outro povo – a não ser com o objetivo de ampliar sua cultura – estará sofrendo restrição no seu direito linguístico, principalmente ser for para usá-la na comunicação com alguém que a tenha como língua materna.

Num diálogo, sempre leva grande desvantagem aquele que é compelido a se expressar na língua do seu interlocutor, que a usa na condição de nativo. A atenção daquele que procura comunicar-se na língua do outro estará repartida entre o uso do idioma estrangeiro em que tenta se expressar e o assunto que está sendo discutido.

É muito fácil, para quem que usa a sua própria língua, parlamentar, influenciar, convencer, vender, e até mesmo dominar, pois o falante não nativo tem a sua atenção voltada não apenas ao assunto em pauta, mas também ao cuidado no sentido de não se expressar de maneira inadequada ou até mesmo ridícula.

O receio de cometer falhas na pronúncia ou de se expressar em construções não usuais é causa de muita inibição, de vez que, ao falar, a pessoa lembra-se de situações hilárias, em relação ao estrangeiro que fala sua língua, que são largamente exploradas no humorismo comum.

Há muitas situações em que o nativo entende, mas como a construção não é usada, causa, no mínimo, estranheza: "Você vai de carro? Não, vou bicicletando", responderia o estrangeiro, por analogia com cavalgando, andando, nadando, etc.

Portanto, eleger, em âmbito mundial, uma língua natural para o desempenho da tarefa de interlíngua, é ferir um direito legítimo de todos os povos que não têm essa língua como seu idioma nacional, concedendo ao povo que a fala como nativo uma série de prerrogativas contra as quais se devem insurgir os demais povos, a arguirem o mesmo direito de não serem obrigados às despesas e aos esforços necessários ao aprendizado de uma língua estrangeira.

É bem verdade que cada língua estrangeira que se domine representa mais uma janela aberta para o mundo. Esse caso é muito diferente do estudo compulsoriamente levado a efeito para a comunicação internacional, em nível acadêmico ou profissional. A língua de outro povo, aprendida por necessidade, constitui uma violação do direito linguístico do homem.

Quantos anos são necessários para um aprendizado que possibilita, na maioria das vezes, apenas um desempenho fraco, deficitário?

Será justo que os usuários de determinadas línguas naturais tenham facilidade de comunicação, enquanto povos de outras línguas gastem tempo e recursos preciosos para conseguirem uma comunicação deficitária, imperfeita?

O aprendizado de línguas estrangeiras levado a efeito por aqueles que são compelidos a usá-las como idioma internacional fere um direito natural de igualdade, por obrigar alguém ao uso de um código linguístico que apresenta

um nível de facilidade / dificuldade diferenciado entre os dois interlocutores.

Mas se todos quiserem usar do direito de falar a sua própria língua não haverá possibilidade de comunicação no mundo, a não ser que se recorra aos serviços de tradução. A tradução constitui um passo positivo no campo do respeito aos direitos linguísticos. Mas a presença do tradutor onera grandemente a comunicação, principalmente a oral, além de, em muitos casos, desfigurá-la completamente.

Sem chegar à dureza do aforismo italiano: "traduttore, traditore", é de se reconhecer que a figura intermediária do intérprete minimiza – quando não apaga de todo – muitas nuanças importantes de um discurso. Além do mais, deve-se reconhecer que tradução não é atividade simples como parece à primeira vista.

Traduzir não significa substituir pura e simplesmente as palavras de uma língua pelas suas correspondentes na outra, como geralmente pensa o leigo. Se assim fosse, de há muito os computadores estariam operando em substituição aos tradutores humanos. Traduzir significa decodificar uma mensagem, interpretando-a completa e profundamente e, depois, recodificá-la numa outra língua, que, não raro, apresenta características específicas na sua estrutura, nos seus recursos expressivos, por vezes muito diversos daquela em que a mensagem foi elaborada originalmente.

Traduzir é passar de um universo a outro, pois cada comunidade de fala recorta a realidade, categorizando-a de modo próprio, construindo, assim, o seu universo linguístico. As línguas naturais são simbólicas e refletem o mundo de maneira particularíssima, circunscrevendo o próprio raciocínio dentro dos limites linguísticos de cada povo. Por isso, tradução em bom nível requer do tradutor, além de larga dose de conhecimento específico da área em que opera, amplo domínio das duas línguas, o que inclui, necessariamente, o conhecimento profundo da própria psicologia dessas línguas.

A tradução escrita é mais simples. No recesso do seu gabinete, o tradutor tem tempo para pesquisar, analisar, comparar, meditar, para, finalmente, depois até de ter consultado um colega, decidir pela forma mais apropriada.

Mas, na tradução oral, seja paralela ou simultânea, existe a pressão psicológica das possíveis comparações esperadas de ouvintes que têm acesso às duas línguas. Há, ainda, o fator tempo. Há que se traduzir, de qualquer forma, aquela sequência sonora, porque outra a sucederá imediatamente e não poderá ser repetida. Por maior que seja a competência do tradutor, perde-se a eloquência, as nuanças de voz, a vivacidade, o magnetismo, o sentimento do orador.

No caso de o tradutor funcionar como intérprete, em presença dos interlocutores, há outros aspectos a serem considerados: a presença física, a expressão fisionômica, a mímica, o timbre da voz, tudo isso poderá impressionar favorável ou desfavoravelmente o tradutor, cujo estado emocional irá influir, se não no tom, pelo menos na escolha da palavra ou expressão que irá usar. Um tradutor é um ser humano, dotado de preferências e de idiossincrasias. Não é uma máquina.

Em muitos casos, por mais que se esforce, não consegue transmitir a mensagem com o colorido desejável ou com a ênfase ouvida, simplesmente porque ele é um tradutor, um intérprete linguístico, e não um ator que assuma completamente a personalidade de quem está produzindo a mensagem.

A não ser que a mensagem seja extremamente simples, é muito improvável que não sofra a influência do tradutor, influência essa que vai desde a simples tradução maquinal, com o apagamento do poder expressivo, até a cortes e acréscimos inconscientes ou conscientes.

Por isso, numa conversação entre falantes de idiomas diferentes, a comunicação será mais eficiente se for direta, porque assim fica eliminada a personalidade intermediária do tradutor. Mas, por uma questão de equidade, de respeito aos direitos linguísticos dos povos, essa comunicação direta deve ser levada a efeito através de uma língua que não seja a língua materna de nenhum dos interlocutores.

No caso de se adotar alguma língua neutra, as influências recebidas do exterior se originariam de fontes diversas, porque conduzidas através de uma língua igualmente acessível a todos os povos. A adoção de uma língua internacional neutra permitiria àqueles povos, cujas línguas não têm penetração internacional, a divulgação da sua posição política, do seu pensamento filosófico, dos seus progressos sociais e científicos, diretamente, ao resto do mundo, sem ter de se sujeitar ao processo seletivo da corrente de informação a que a tradução numa língua natural conduziria.

Ao traduzir-se uma obra para um idioma natural, raramente tem-se em vista a sua divulgação mundial, a não ser no caso de obra técnica ou científica. Quem traduziria em Inglês ou Francês obras da nossa literatura, se não houvesse público nos países onde essas línguas são faladas?

Exemplificando: uma obra escrita em Português muito dificilmente chegará ao conhecimento de dinamarqueses, finlandeses, húngaros, suecos e outros, se não passar pelo crivo do interesse dos usuários do Inglês e, em menor escala, do Francês.

O inverso é também verdadeiro: os leitores de língua portuguesa deixam de tomar conhecimento de inúmeras obras escritas originalmente em línguas minoritárias, como as citadas, porque não foram previamente traduzidas em Inglês ou Francês. Raramente têm acesso a obras desses e de alguns outros povos, em virtude desse processo seletivo perverso.

A tradução em uma língua neutra, ao contrário, destinar-se-ia indistintamente a todos os povos e facilitaria sobremaneira o acesso a uma literatura mundial, muito mais vasta, aos povos em cujas línguas as traduções não seriam rentáveis.

Uma língua internacional neutra não é uma utopia, pois na Europa, durante quase um milênio, os povos se comunicavam através de uma língua neutra, o Latim, que foi instrumento de comunicação diplomática, de divulgação científica e de discussão filosófica e política. O uso dessa língua pelo Catolicismo Romano chegou ao século XX.

É de se notar que o Latim usado como interlíngua não era aquele falado quotidianamente pelo povo, o "Sermo Vulgaris". Não era a língua que, sujeita à instabilidade do processo evolutivo natural, viria a se transformar e se diversificar nas várias línguas românicas. O idioma usado nas comunicações internacionais era o produto estável, altamente elaborado pelos gramáticos e estilistas da latinidade, que se poderia chamar hoje de língua planejada.

O fato de não pertencer a povo algum dava ao Latim a condição primeira para o desempenho do papel de interlíngua: a neutralidade política. No âmbito acadêmico e diplomático, o Latim foi perdendo terreno para o Francês e,

depois, para o Inglês. Seu uso continuou no Catolicismo Romano, até o Concílio Vaticano II, pois em Latim eram ainda celebrados os seus ofícios religiosos. A única exceção era o Esperanto, por autorização expressa do Papa Pio XI.

Hoje, as dificuldades de comunicação nos conclaves da Igreja estão aparecendo com mais evidência, a ponto de surgir um livro intitulado "Esperanto, o novo Latim da Igreja e do Ecumenismo"1, prefaciado pelo Dr. Gyorgy Jakubinyi, Arcebispo de Alba Iulia, Romênia.

O empenho no sentido de ser mantida a condição atual é grande, mas em verdade, não há uma única língua natural que garanta ao seu usuário livre trânsito em todo o mundo, para não dizer nem mesmo em toda a Europa. As línguas naturais encontram sempre fortes restrições em seu uso como língua internacional, restrições que variam, segundo as áreas onde se pretenda usá-las.

Apesar disso, as nações econômica e politicamente poderosas concentram grandes esforços e despendem enormes recursos financeiros no sentido de difundirem e, até certo ponto, imporem seus idiomas para uso internacional, visto serem inegáveis os rendimentos em prestígio político e as vantagens econômicas que retornam como altos dividendos, em razão de investimentos bem aplicados.

Não se defende, ao pôr-se em relevo a gravidade desse problema, um nacionalismo absurdo, fechado às idéias renovadoras vindas do exterior. É de senso comum que nenhum país pode progredir de forma apreciável, se fechado ao confronto salutar com as ideias geradas em outras culturas. O que se busca demonstrar é o perigo de uma descaracterização nacional como consequência da forte influência de uma determinada cultura, aceita, às vezes, inconscientemente.

E, ao enfocarmos os direitos linguísticos, verificamos atualmente o surgimento de uma conscientização maior no sentido da preservação de características próprias, não só em pequenos grupos étnicos, mas também em nações. Essas características próprias é que mantêm a unidade de um grupo social, seja ele um pequeno povo, seja uma nação inteira. E no centro desses fatores aglutinantes de um povo, de um grupo étnico, encontra-se a língua, a língua como fator determinante para a manutenção de uma unidade nacional.

E o nível dessa conscientização a respeito do papel da língua como fator de manutenção de uma etnia é de tal monta que, no ano de 1996, em Barcelona, houve um congresso levado a efeito por falantes de línguas minoritárias, que produziu um documento intitulado Declaração Universal de Direitos Linguísticos.

Dante Alighieri entendeu o valor da língua como fator capaz de promover a reunificação da Itália, quando, no século XIV, escreveu a Divina Comédia no dialeto da Toscana, com vistas a torná-lo – com algumas modificações – a língua de toda a Itália. Nas várias regiões o uso dos dialetos continuou, mas a adoção da "madre língua" foi um fato na comunicação em nível nacional.

No século XIX, a mesma idéia teve Eliezer Ben-Jehuda, ao simplificar a estrutura do Hebraico, renovando-lhe também o vocabulário, a fim de torná-lo apto a dar conta do discurso moderno e de servir como língua nacional do Estado de Israel.

Paralelamente a essa conscientização dos valores nacionais, estamos, desde

há algum tempo, assistindo ao nascimento de uma consciência planetária. Hoje, povos que ainda não aprenderam a repartir suas riquezas, já repartem e compartilham pelo menos os seus problemas. A necessidade da preservação das condições de habitabilidade do Planeta está abrindo mais diálogos do que têm conseguido as próprias religiões...

Essa consciência de pertencimento a uma comunidade que se sobreponha aos estreitos limites nacionais representa uma nova dimensão na própria história da raça humana. Mas ela não poderá se efetivar plenamente através de doutrinações políticas apenas. Só um contato maior entre seres humanos é que ensejará o surgimento dessa tão desejável consciência supranacional.

Sociedades, agremiações, organizações de âmbito mundial têm surgido num volume crescente. É um novo degrau na história da evolução humana. A consciência de ser social do Homem, que começou com o desenvolvimento da consciência tribal, agora se dilata, ultrapassando os limites nacionais.

Nesse particular, deve ser ressaltado o notável trabalho desenvolvido na União Europeia, onde vinte e oito países convivem, na busca de soluções pacíficas para os seus problemas comuns. É de se lamentar, entretanto, que justamente nessa área, tão promissora – talvez o maior tentame de convivência pacífica na história da Humanidade – seja onde se perdem os mais nobres esforços de convivência inteligente e verdadeiramente humana, pelas fortes barreiras linguísticas que se lhe antepõem, concretizadas através de vinte e quatro línguas.

Barreiras linguísticas sim, porque – pela falta de uma língua comum, livremente aceita por todos – recorre-se ao serviço de tradução, que apresenta os prejuízos já aqui demonstrados. Parece até ironia o fato de já existir uma moeda comum, não nacional, livremente aceita e não existir ainda consenso quanto à adoção de uma língua tão neutra quanto a moeda.

E por que não se adota uma língua neutra? Porque, de um lado está o domínio terrível de países que não querem abrir mão da facilidade de não ter de aprender uma nova língua, colocando-se, como manda a justiça, em nível de igualdade com os demais; de outro lado, está a subserviência e o espírito acomodatício dos representantes de outros países.

Claude Piron, belga, falante nativo de Francês, psicólogo, professor, poliglota, tradutor da ONU e da OMS, durante vários anos, denuncia que nas sedes da União Européia não há fiel observância do direito linguístico dos seus Estados-Membros:

(...) na secretaria, praticamente não se usam as línguas, holandesa, grega, finlandesa e outras línguas "não fortes". Algumas línguas são "mais iguais que as outras", seja quando alguém procura empregar-se como funcionário da União Européia, seja quando um cidadão ou um parlamentar deve se relacionar com a administração.2

No campo científico, a situação é semelhante. Cientistas dirigem-se a lugares distantes a fim de apresentarem resultados de suas pesquisas, mas o seu trabalho não se desenvolve com a rapidez e a eficiência esperadas, diante da dificuldade de comunicação.

Muita experiência preciosa não é partilhada integralmente, ou mesmo se perde, por faltar uma língua comum em encontros, simpósios, congressos de âmbito internacional. O mal é menor quando se trata de comunicação escrita, através de livros ou de periódicos especializados, pois há tempo de se recorrer

a dicionários e a tradutores.

Mas, num congresso internacional, onde os participantes das sessões de comunicação e debates científicos são originários de países diversos, as barreiras linguísticas, não raro, impõem grandes prejuízos ao rendimento do encontro.

Nesses congressos o atropelo aos direitos linguísticos dos usuários de línguas menores é flagrante. É por demais claro que os falantes da língua nacional – ali elevada à condição de interlíngua – dispõem de muito mais facilidade para apresentar e debater suas idéias. Muitos participantes de congressos mundiais vão ler, no quarto do hotel, o texto da conferência ou da comunicação científica ouvida, apenas parcialmente entendida, mas já sem a oportunidade de participação em debate enriquecedor, perdido por falta de capacidade de comunicação direta e imediata, conforme denunciou Edward Sapir, linguista norte-americano, logo falante nativo de Inglês.

...numa reunião científica internacional, há invariavelmente o desapontamento de se verificar que, em virtude da diferença de hábitos linguísticos, a dificuldade de comunicação com cientistas estrangeiros torna o intercâmbio de ideias muito menos fácil do que fora imaginado por ocasião do embarque 3.

Se, como foi demonstrado, as línguas naturais não se prestam à função de interlíngua, só resta a alternativa do uso de uma língua construída, neutra, indene de vinculação étnica, política, filosófica, cultural, enfim. Essa condição ideal, como se depreende, só poderá ser conseguida por um idioma não vinculado a povo algum, um idioma conscientemente elaborado para o papel de interlíngua mundial, a ser aprendido por todos os povos, na condição de segunda língua. Essa, a solução justa e fácil do problema, pois ao achar-se alguém em presença de um interlocutor, falante de um idioma desconhecido, apelará imediatamente para o denominador comum, a segunda língua.

Esse elemento de comunicação mundial já existe no mundo desde há mais de um século. É o projeto saído do cérebro e do coração de um jovem idealista que, numa antevisão extraordinária de um mundo que não chegaria a ver, apresentou solução antecipada para esse crucial problema humano, ao publicá-lo em 1887.

Embora não fosse um linguista profissional, sua visão sociolinguística e universalista transcendia à dos especialistas. Sabia que lançava apenas um projeto, uma proposta para o nascimento de uma língua que representaria um passo na própria história da espécie humana.

Esse passo na história da comunicação mundial não foi dado por imposição de força exterior alguma. Ele decorreu da força evolutiva imanente ao ser humano, pois a comunidade de âmbito mundial que adotou o projeto do jovem polonês como elemento de comunicação supranacional deu-lhe o sopro de vida, alçando-o à condição de língua viva, que, felizmente, já conhece um período de amadurecimento de mais de um século.

Essa comunidade mundial usuária do Esperanto, constituída de centenas de milhares de pessoas, distribuídas em mais de cem países, usufrutuária de uma biblioteca que conta com mais de quarenta mil títulos – muitos dos quais não encontrados em línguas nacionais –, tem à disposição uma centena de periódicos, cultiva a literatura, a música e outras artes em nível de variedade e riqueza não encontradas pelos usuários de apenas línguas étnicas. Além disso,

depois de ter sido veiculado pelo rádio, desde há muitas décadas, o Esperanto é hoje amplamente usado na Internet.

Os usuários do Esperanto participam de congressos regionais, nacionais e mundiais, estes constituindo fenômeno inusitado no mundo, pela reunião de três mil participantes, em média, oriundos de aproximadamente oitenta países, todos se comunicando naturalmente. São os únicos congressos mundiais onde não há intérpretes.

Tem hoje o Esperanto a oportunidade maior da sua história, pois o mundo necessita dele, exatamente pelas características que sempre o distinguiram de projetos ou de línguas concorrentes. Se houve um amadurecimento do Esperanto como língua, houve paralelamente um amadurecimento da consciência do problema de língua internacional, provocado pela própria evolução humana.

Hoje ninguém mais, em sã consciência, pode negar-lhe a condição de dar conta integral do discurso humano, acompanhando essa imensa transformação ocorrida no mundo desde o seu aparecimento. Já provou à saciedade que a sua simplicidade de aprendizado e facilidade de uso não significam pobreza de expressão, como ocorre nos "pidgins". O Esperanto é uma demonstração viva de que complexidade linguística não significa superioridade de desempenho, pois é simples, sem ser superficial; é eficiente sem ser complexo.

Dos seiscentos projetos de línguas artificialmente elaboradas até 1962, segundo Pierre Burney4, alguns poucos se tornaram línguas, mas apena o Esperanto sobrevive.

É chegado o momento do Esperanto, como chegou o momento das notas musicais, do sistema métrico, dos símbolos dos corpos simples, dos sinais internacionais de tráfego, das unidades de medição de vitaminas e proteínas, e de tantas outras mais, todas aceitas internacionalmente por gestos de comum acordo, de bom-senso, sem imposição alguma.

A comunidade usuária do Esperanto, embora seja formada pela maior variedade étnica, social, cultural que o mundo conheceu, constitui um grupo humano harmônico, que se reúne em torno de ideais nobres de fraternidade, de compreensão, de respeito à cultura, às diversidades étnicas e ao direito de expressão de todos os povos.

E como estamos falando de direitos linguísticos, essa comunidade vem requerer igualdade de tratamento e de oportunidades para todas as línguas, no sentido de ser reconhecido o direito linguístico de todos os povos.

É uma questão de Justiça!

1. MATTHIAS, Ulrich. Esperanto o Novo Latim da Igreja e do Ecumenismo. Campinas: 2003
2. PIRON, Claude. La Bona Lingvo. Viena: IEM, 1997.
3. SAPIR, Edward. Linguística como Ciência. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
4. BURNEY, Pierre. Les Langues Internationeles. Paris: Presses Universitaires de France, 1962

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br

EDUCAÇÃO ESPÍRITA

O Espiritismo veio ao mundo através da Ciência. Kardec, ao se debruçar sobre os fenômenos que lhe foram apresentados, não o fez com unção religiosa, prejudicada por qualquer visão sectária. Examinou os fenômenos como pesquisador, valendo-se de critério científico, aplicando o método experimental com clareza de raciocínio, a fim de não se perder no deslumbramento do novo mundo que se lhe revelava através dos diálogos extraordinários que mantinha com os Espíritos. Entretanto, depois de constatada cientificamente a veracidade da existência e da comunicabilidade dos Espíritos, teve o Missionário o discernimento que lhe permitiu não se deter apenas no campo experimental. Entendeu, desde logo, que a Revelação Espírita tinha finalidade mais ampla e mais nobre do que a simples comprovação da imortalidade e a comunicabilidade dos Espíritos.

Deixando o campo científico para outros Espíritos que vieram em sua equipe, deteve-se no campo filosófico, onde dialogou com os Espíritos, propondo-lhes questões a respeito de Deus, da Criação, da Criatura, dos problemas do ser, do destino e da dor.

Poderia Kardec ter-se projetado como teólogo e ter-se perdido, como tantos outros, nos sinuosos caminhos das intermináveis discussões a respeito de cosmogonia, cristologia, exegese bíblica e tantos outros temas tão a gosto de muitos filósofos e teólogos.

Mas, o Missionário não se reencarnara para enriquecer, dessa forma, a galeria dos filósofos, nem dos teólogos, limitando sua atuação apenas ao campo da teoria. Não. Antes mesmo de os Espíritos lhe revelarem o caráter da sua missão, ele já agia em função do compromisso assumido com Jesus, no sentido de trazer de volta o Evangelho, na sua feição de obra libertadora, logo educadora. Embora não filiado a nenhum grupo religioso, era profundamente cristão, repartindo com o próximo aquilo que tinha – o saber, ministrando, gratuitamente, aulas noturnas a grupos de jovens que se preparavam para a universidade.

É de se notar que o Espiritismo veio tirar o halo de misticismo inoperante, extático que fora imposto à mensagem cristã, devolvendo-lhe a simplicidade encantadora, o dinamismo profundamente atuante na vida diária da criatura humana.

Já houve quem questionasse o caráter religioso do Espiritismo pelo fato de não ter lugares considerados sagrados, como templos, santuários, de não ter culto externo, de não ter sacerdócio organizado, nem ministrar sacramentos. Em verdade, o Espiritismo não tem nada disso, mas nem por isso deixa de ser religião. Se, para que uma religião se legitime como tal, é necessário que inclua essas práticas e possua templos, então Jesus não trouxe mensagem religiosa alguma.

Considerando-se Jesus a maior expressão religiosa de todos os tempos, e analisando-se a Sua atuação, diante daquilo que foi apresentado como religião

nos séculos subsequentes, chega-se a uma pergunta: o que é religião? Será um conjunto de práticas desenvolvidas no interior dos templos, ou uma prática de vida, capaz de fazer a criatura crescer espiritualmente, pela educação?

Que é educação? Será algo a ser imposto ao Espírito? Ou será incentivo para que ele revele a luz que traz em si por herança divina? O verbo educar, na sua origem, significa tirar para fora. Jesus, dialogando com seus contemporâneos, ensinando a origem divina comum a todos, perguntou-lhes: "Não está escrito na vossa lei: eu disse: sois deuses?" No Sermão do Monte, recomenda: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens."

Toda a mensagem religiosa de Jesus se fundamenta no esforço da criatura no sentido de revelar essa herança divina que todos trazemos. Nada de graças, além da graça da vida. Nada de privilégios. "... e então dará cada um segundo as suas obras."

A educação religiosa que Jesus propicia ao homem leva-o a conscientizar-se de que não será através de orações repetidas que estaremos agradando a Deus: "E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos." Nem através de oferendas ou bajulações: "Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem e apresenta a tua oferta."

"O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porquanto o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai quem cria o Espírito de seu filho; ele mais não faz do que fornecer-lhe o invólucro corpóreo, cumprindo-lhe, no entanto, auxiliar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir." Por essa citação, vê-se que o enfoque educacional da Doutrina Espírita é diferente, por considerar a criança não como um ser, cuja vida começou no ventre materno, mas um Espírito imortal, dotado de bagagem própria, individual, que se irá manifestando à medida que o corpo o permita. Por isso é que, conscientes de que o Espírito está com o seu passado amortecido, beneficiado pelo esquecimento, aqueles que procuram educar a criança à luz dos ensinamentos espíritas buscam não perder tempo, aproveitando essa fase de aceitação de novas informações, a fim de sensibilizá-lo em relação às verdades e à noção de valores trazida pelo Evangelho, para que, mais tarde, quando as tendências de sua bagagem aflorarem, o espaço já esteja ocupado, pelo menos parcialmente, pelas idéias renovadoras, conforme nos ensinam os Espíritos Superiores, em resposta a Kardec: "Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais sensível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo."

Educadores modernos valorizam a educação desde o nascimento. A educação, à luz do Espiritismo, reconhece isso e vai um passo além, lembrando à mãe que ela deve dialogar com o nascituro desde que se percebeu grávida, pois esse novo ser é, em verdade, um Espírito imortal, antigo aluno da escola da Terra, rematriculado agora, envergando um novo uniforme. A noção de imortalidade que o Espiritismo faculta ao homem abre-lhe a possibilidade de desenvolver um estado de consciência que se poderia chamar de cidadania espiritual. Esse estado de consciência leva-o a aprender, desde cedo, que o

túmulo não representa, nem uma desgraça, nem a solução de problemas internos do Espírito. Representa apenas uma mudança de estado, de encarnado para o de desencarnado, uma mudança de residência, para onde o Espírito leva o produto dos seus trabalhos evolutivos, seus méritos e deméritos.

A educação espírita nos ensina que Deus é justo e, como tal, cria todos os seus filhos dotados da mesma capacidade de progredir. Não há privilégios. Em princípio somos todos iguais. As diferenças individuais correm por conta do degrau evolutivo em que o Espírito se encontra.

A educação espírita é voltada no sentido de derrubar as fronteiras milenares que separam o sagrado do profano, o celeste do terrestre, levando o homem à aplicação dos princípios ético-morais do Evangelho em todas as situações da vida, conforme Jesus ensinou e exemplificou. Moralmente, não há diferença nem mesmo entre o material e o espiritual. A vida material e a espiritual são vistas apenas como oportunidades distintas, deferidas ao Espírito imortal, mas não como situações capazes de legitimar posturas ético-morais diferentes.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

EMMANUEL E O EVANGELHO

Começamos a conhecer Emmanuel nas páginas do romance "Há Dois Mil Anos". Apresenta-se ele como senador romano, homem reto, de caráter firme, mas ainda prejudicado pelo orgulho da sua condição de patrício romano. Mas, no final da sua romagem como senador, matricula-se na escola do sentimento, da fraternidade, da humildade, aceitando corajosamente o sofrimento que o alcançara. Na sua encarnação seguinte, vemo-lo já como bom aluno dessa escola, na condição de escravo, no livro "Cinquenta anos depois". Mais tarde, em encarnações no sacerdócio romano, tem oportunidade de consolidar seu esforço na aquisição das virtudes preconizadas pelo Evangelho. Conservando a austeridade adquirida no patriciado romano, passou a revelar-se fiel discípulo de Jesus, realizando obras de exegese e aplicação das verdades contidas no Novo Testamento, a mais ampla levada a efeito dentro do Espiritismo.

Revela-se, esse Espírito, um verdadeiro teólogo. Não como aqueles que criaram, ao longo dos tempos, uma série de mitos através de abordagens fantasiosas e direcionadas à legitimação de posições que levaram o Movimento Cristão – ao tornar-se Catolicismo Romano – ao estabelecimento de dogmas, de hierarquia sacerdotal, da prática de solenidades e de rituais, do manuseio de objetos de culto, da ministração de sacramentos, do estabelecimento de lugares considerados sagrados, do isolamento e confinamento de pessoas, principalmente de mulheres, das quais foram retiradas todas as prerrogativas de igualdade, ensinada e vivenciada pelo Mestre.

Esse Espírito que, graças à sua inteligência fulgurante, poderia ter ficado na Europa, onde a Igreja Romana tinha grande poder, numa demonstração de seu entendimento da mensagem de Jesus, veio para o Brasil, no início da colonização portuguesa, a fim de trazer aos indígenas aquilo que ele considerava, à época, elemento de salvação.

Ao lado do sacerdote interessado em catequizar indígenas, aqueles que lhe estudam a biografia, constatam a existência do homem corajoso, empreendedor e fraterno, caridoso, pois além do notável trabalho de pacificador nas desavenças entre indígenas e portugueses, fundou entidade destinada ao recebimento de órfãos brancos e indígenas, que ali eram tratados como irmãos.

Preterindo o conforto da vida monástica, meramente contemplativa, humanamente confortável, vida cercada de luxo e de atenções, a que poderia ter-se dedicado na Europa, ele, desde esse tempo, já demonstrava o seu real entendimento das verdades ensinadas no Evangelho de Jesus. Já sentia que os ensinamentos do Mestre deveriam ser empregados como práticas de vida, fora dos templos, longe das comodidades da vida monástica, de mera contemplação mística.

Mais tarde, embora tenha voltado à Terra em plena posse da sua imensa bagagem intelectual, que novamente lhe valeria lugar de destaque nas instituições do Catolicismo Romano da Europa, ele tem oportunidade de uma

aproximação maior ao Evangelho, na pessoa do Padre Damiano, talvez já numa preparação para ser o orientador espiritual da obra de Francisco Cândido Xavier.

Seu compromisso com o Cristo, sua elevação espiritual e sua firmeza moral o colocaram como orientador seguro da missão de Francisco Cândido Xavier. Foi ele o supervisor e orientador de toda essa obra mediúnica que ficará para os séculos porvindouros, e cujo alcance muitos ainda não perceberam, vez que se trata de um verdadeiro desdobramento da obra de Kardec.

Além dessa tarefa de supervisionar a obra missionária de Chico, ele próprio produziu farta literatura, em que revela seu entendimento lúcido, completamente escoimado dos prejuízos impostos por aqueles que se aplicaram no desvirtuamento da mensagem do Cristo.

Através da sua literatura interpretativa de preceitos contidos no Novo Testamento, temos a oportunidade de ver as lições do Evangelho aplicadas à vida diária, como fazia o Mestre, e não apenas nos momentos de vivência religiosa no interior dos templos.

Principalmente nos livros "Caminho, Verdade e vida", "Pão Nosso", "Vinha de Luz", "Fonte Viva", "Palavras de Vida Eterna", e "Ceifa de Luz" está perfeitamente explicitado o seu entendimento superior dos ensinamentos contidos no Evangelho, todos aplicados ao cotidiano.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

ESQUECIMENTO DO PASSADO

"Havendo Deus entendido de lançar um véu
sobre o passado, é que nisso há vantagem."
O E. S. E., cap. V, item 11

Vez por outra, recomendações de Jesus, de Kardec e de Benfeitores Espirituais são deixadas de lado em favor de posicionamentos pessoais apaixonados. Alguns poderão dizer que não se trata de palpite de encarnados, vez que em mensagem recebida por médium conhecido e, recentemente, em mais de um livro psicografado, foi feita a afirmação a respeito da volta de Kardec na pessoa de Chico Xavier. No caso do famoso médium mineiro, a recomendação, em epígrafe, se aplica por inteiro. Se houvesse interesse do Mundo Maior em que fosse revelado o seu passado, os Espíritos poderiam já tê-lo feito no momento oportuno. Mas, qual seria o objetivo de tal revelação? Em que aumentaria a credibilidade do médium ou da mensagem espírita? Há muitos encarnados e desencarnados que gostam de controvérsias. Tão logo desaparece uma, providenciam outra.

Nesse particular, lembramos palavras de Emmanuel a respeito de outras "revelações" levadas a efeito por Espíritos, na questão de o Mestre ter vivido entre os Essênios, afirmativa que o Benfeitor nega: "As próprias esferas mais próximas da Terra, que por força das circunstâncias se acercam mais das controvérsias dos homens que do sincero aprendizado dos espíritos desprendidos do orbe, refletem as opiniões contraditórias da Humanidade, a respeito do Salvador de todas as criaturas." (A Caminho da Luz, cap. 12).

E o que dizer da "Saudação de Allan Kardec", psicografada por Júlio César Grandi Ribeiro, na noite de 2 de janeiro de 1984, na comemoração do centenário da Federação Espírita Brasileira e da transferência de sua sede para Brasília, conforme publicado no "Reformador" de março de 1984? Bem, aqueles que quiserem continuar argumentando, sabemos que poderão dizer o Chico poderia ter deixado seu veículo físico em Uberaba, possivelmente psicografando àquela hora – era uma segunda-feira – e ter ido a Brasília, fazendo toda uma revolução psicológica em si mesmo, a fim de apresentar-se como Kardec... É fácil conciliar a figura viril de João Huss com a de Kardec, mas torna-se difícil ver esse mesmo Espírito apresentar-se como Francisco Cândido Xavier. Seria assim tão fácil para um Espírito fazer essa verdadeira revolução psicológica de um momento para outro? Tome-se como exemplo o desempenho de Elias, que se repete em João Batista, alguns séculos depois.

Outro assunto controverso é o de André Luiz ter sido Carlos Chagas, como querem alguns, agora reforçados em suas convicções por "revelações", trazidas por Espíritos desocupados, através de médiuns invigilantes. Neste caso, o assunto toma caráter mais grave, diante do fato de o famoso cientista ainda ter descendentes encarnados.

Mas, não bastasse o apelo ao bom-senso, seria fácil verificar dados: Não é

difícil calcular a época da desencarnação de André Luiz, tomando-se por base suas conversas com Lísias: "Talvez não saiba ainda que sua permanência nas esferas inferiores durou mais de oito anos consecutivos." (N.L., pág. 47). Em agosto 1939, André Luiz ouvia Lísias, que lhe falava sobre a iminência da Segunda Guerra Mundial (N.L., pág. 132). Daí pode-se deduzir que já estivesse desencarnado há, pelo menos, nove anos, vez que já estava perfeitamente sadio. Por esse cálculo, ele deveria ter desencarnado, no máximo, em 1930. Carlos Chagas desencarnou a 8 de novembro de 1934, aos 55 anos de idade. Deve-se notar que André Luiz deve ter recebido o título de médico por volta dos 25 anos, logo, se clinicou durante 15 anos, desencarnou com pouco mais de 40. André Luiz declara que deixou na Terra um filho e duas filhas. Carlos Chagas, dois filhos. Será que as informações contidas na obra "Nosso Lar" não são verdadeiras?

Além do mais, André Luiz fica perfeitamente caracterizado como clínico, médico de consultório, pelas palavras de Clarêncio: "(...) nos quinze anos de sua clínica, também proporcionou receituário a mais de seis mil necessitados. Verbalmente pede qualquer gênero de tarefa; mas, no fundo, sente falta dos seus clientes, do seu gabinete, da paisagem de serviço com que o Senhor honrou sua personalidade na Terra." (N.L., pág. 81). Será que Clarêncio teria cometido engano ao dizer isso?

Nessa referência ao seu trabalho na Terra, nada que pudesse identificá-lo com o eminente cientista: pesquisador, bacteriologista e sanitarista, que foi Carlos Chagas, que se dedicou à bacteriologia desde os seus tempos de estudante. Cientista reconhecido mundialmente, foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; recebeu o título Magister Honoris Causa das Universidades de Harvard e de Paris; pertenceu às academias científicas de Nova Iorque, Paris e Lima; foi premiado com medalha de ouro pela Universidade de Hamburgo (Prêmio Kummel); passou dois anos viajando pelo vale amazônico, levantando a carta epidemiológica da região; à frente de campanha profilática, erradicou a malária na cidade de Santos; foi Diretor do Instituto Oswaldo Cruz de 1917 a 1934, quando desencarnou. (Grande Enciclopédia Delta Larousse).

Outro fato que contesta a afirmativa de André Luiz ter sido Carlos Chagas é a causa mortis. André Luiz, conforme declarado no livro "Nosso Lar", desencarnou em consequência de um câncer no intestino, depois de um sofrimento de quarenta dias. A desencarnação súbita de Carlos Chagas se deu em função de um infarto do miocárdio.

É de se ver que a novidade anima tanto, a ponto de esses que se põem a propalá-la se esquecem das palavras de Emmanuel, ao apresentar André Luiz, no prefácio do livro "Nosso Lar": "Embalde os companheiros encarnados procurariam o médico André Luiz nos catálogos da convenção. Por vezes o anonimato é filho do legítimo entendimento e do legítimo amor (...). É por isso que não podemos apresentar o médico terrestre e autor humano, mas sim o novo amigo e irmão na eternidade." E tudo indica que o anonimato não decorreu de decisão pessoal de Emmanuel, diante do que se lê na obra "Voltei", no final do cap. 2, referindo-se a André Luiz: "... o esforço dele é impessoal e reflete a cooperação indireta de muitos benfeitores nossos que respiram em esferas mais elevadas."

Diante disso, seria de se perguntar: Quem determinou fosse suspenso o

anonimato? O que mudou no cenário terrestre para que fosse revelada a identidade de André Luiz? Qual o benefício dessa pretensa revelação, a não ser o de provocar discussões estéreis? Em que essas "revelações" contribuem para o esclarecimento das pessoas?

Por que essa insana busca de saber quem foi André Luiz, ao invés de estudar-lhe a obra? No cap. 10 do livro "Os Mensageiros" encontra-se "A Experiência de Joel", médium dotado de extraordinária sensibilidade, que se dedicou exclusivamente à pesquisa de reencarnações passadas, o que, além de nada ajudar na divulgação da Doutrina Espírita, prejudicou-o profundamente, conduzindo-o ao grande desequilíbrio que levou para o Mundo Espiritual, ao desencarnar.

Não seria melhor ocuparmos nosso tempo em reuniões mediúnicas destinadas a esclarecer irmãos que sofrem? O Espiritismo não tem como bandeira a caridade? Caridade para com desencarnados sofredores, para com crianças que carecem de orientação espírita através da evangelização.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

EVANGELIZAÇÃO INFANTIL

"Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir aqueles incumbidos de educá-lo"

(O L.E., 383)

O Movimento Espírita Brasileiro ainda não despertou completamente para a importância da evangelização infantil. Nas primeiras décadas do século passado, as atividades dos centros espíritas se restringiam quase que só à mediunidade. As portas dos centros eram abertas ao público que, em geral, comparecia para assistir ao espetáculo da comunicação mediúnica, por sinal bastante movimentada. Com o passar do tempo, foram introduzidas as palestras públicas. Vagarosamente, foram aparecendo os grupos de estudos, visando à preparação de trabalhadores para atuarem na mediunidade, na exposição doutrinária, nos passes. Foram surgindo também grupos de estudos das obras de Kardec, das obras de André Luiz, até de estudos bíblicos. Mas ainda é flagrante a pouca atenção dada ao tema evangelização infantil em livros, em revistas, na internet e em programações de estudo de muitas casas espíritas.

O preparo de médiuns é muito importante, pois vão atuar nas reuniões de desobsessão, no encaminhamento de Espíritos desencarnados que se encontram desamparados, desorientados ou voltados à perseguição de pessoas, através da obsessão. A esse trabalho poder-se-ia dar o nome de evangelização de desencarnados. Trata-se, inegavelmente, de um trabalho meritório que, frequentemente, requer larga dose de compreensão, de bondade, até mesmo de abnegação. É uma terapêutica levada ao Espírito enfermo que, se tivesse sido evangelizado na infância, possivelmente não teria escolhido caminhos tortuosos para seguir. Trata-se de um trabalho de cura, funcionando a reunião mediúnica como um hospital para almas.

Fazendo-se um paralelo com a Medicina, vemos que os processos preventivos visando à preservação da saúde vêm aumentando sensivelmente com o passar do tempo, pois é melhor vacinar do que esperar que a criatura adoeça e tratá-la mais tarde. Por que, então, não se adota a mesma prática no Movimento Espírita? Por que não vacinar a criança na Escola Espírita de Evangelização Infantil?

O Espírito reencarna com o objetivo de se aperfeiçoar, conforme resposta que os Espíritos Superiores deram a Kardec. Por que não aproveitar a encarnação na sua fase infantil, quando ainda estão mais vivos, embora inconscientemente, os projetos formulados no Mundo Espiritual, no sentido de aperfeiçoar-se, de servir, de caminhar no Bem? Por que esperar que a criança cresça com a possibilidade de adquirir hábitos não condizentes com os ensinamentos do Evangelho, para recebê-la, já adulta, no atendimento fraterno, no trabalho de passes, ou, já na condição de Espírito desencarnado,

na mesa mediúnica?

Na escola espírita de evangelização infantil, a criança, desde cedo, é conscientizada de que é um Espírito reencarnado, como seus pais e seus evangelizadores o são, mas que, no momento, seu corpo ainda está em processo de crescimento, de adaptação à vida na Terra.

Ali a criança aprende a libertar-se do misticismo do templo; a libertar-se do problema racial; a ter consciência de que deve colaborar na melhoria do mundo; a ter fé no amparo de Deus, de Jesus, dos Bons Espíritos. Mas aprende também que deve fazer a sua parte.

O aprendizado nessa escola vai levá-la a conscientizar-se de que está numa família que a acolheu, mas que foi escolhida por ela própria, levando-a a concluir que o compromisso é mútuo. Vai levá-la a conscientizar-se de que é a construtora do seu próprio destino. Vai levá-la saber que a melhor religião é a prática do Bem. E a reconhecer no Espiritismo a volta dos ensinamentos de Jesus, conforme sua promessa.

Àqueles que dizem não desejarem forçar a criança a comparecer ao centro espírita, temendo que ela crie uma rejeição ao Espiritismo, deixando-a escolher sua religião na idade adulta, deve ser perguntado se também deixam ao livre-arbítrio da criança o comparecimento à escola a fim de alfabetizar-se. Ou se deixam também ao seu arbítrio as vacinas próprias da infância.

Os pais realmente responsáveis devem acompanhar de perto o aprendizado da criança, comparecendo à Escola de Evangelização, a fim de dialogar com os evangelizadores.

O Culto do Evangelho no Lar, levado a efeito com responsabilidade, em dia e hora estabelecidos, é grande colaborador na tarefa de evangelização dos pequeninos. No lar onde há crianças, as leituras e os comentários devem ser feitos em nível de compreensão delas. As crianças devem ter preferência absoluta nas reuniões evangélicas domésticas. Os pais devem perguntar o que aprenderam na aula de evangelização, valorizando o conhecimento adquirido.

Os pais devem esforçar-se no sentido de que Evangelho, Espiritismo, evangelização infantil sejam assuntos comentados não somente no Centro Espírita ou durante o Culto do Lar, possibilitando à criança fazer a transferência, para o lar, do respeito ao templo religioso vivenciado noutras encarnações, podendo dizer: "meu lar, meu santuário maior".

É necessário que os pais estejam profundamente convencidos de que são os maiores responsáveis pelo encaminhamento do Espírito imortal que lhes chegou às mãos em forma de criança, competindo-lhes por isso o dever de encaminhá-lo, não só através de palavras, mas principalmente de exemplos dignificantes. São muito oportunas as palavras do Benfeitor Alexandre, no cap. 18 do livro "Missionários da Luz": O companheiro que ensina a virtude, vivendo-lhe as grandezas em si mesmo, tem o verbo carregado de magnetismo positivo, estabelecendo edificações espirituais nas almas que o ouvem. Sem essa característica, a doutrinação, quase sempre, é vã.

Mateus, que observava nas pessoas o efeito dos ensinamentos de Jesus, encerra seu relato de "O Sermão da Montanha" com essas palavras: Porquanto ensinava como tendo autoridade; e não como os escribas. (Mateus, 7: 29)

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br

FIDELIDADE DOUTRINÁRIA

Há pessoas que estão sempre a buscar atalhos, soluções prontas, para agirem sem o esforço da análise, do exame cuidadoso, conforme recomenda o Apóstolo Paulo: "Examinai tudo; retende o bem." (I Ts, 5: 21). Essas pessoas, por certo, ainda não entenderam a inspirada assertiva do Codificador, ao grafar na folha de rosto do primeiro livro eminentemente religioso da Doutrina, O Evangelho segundo o Espiritismo: "Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade." O esforço para a construção dessa fé inabalável é penoso para aqueles que desejam receber tudo pronto. Os que assim se posicionam têm muitas dúvidas no terreno da fidelidade doutrinária. Seria do seu agrado o estabelecimento de um index para orientar o que deveriam ler, de um manual de procedimentos para as atividades desenvolvidas nos centros espíritas e, também, de uma cartilha de orientação para o seu próprio procedimento em sociedade.

Em relação à fidelidade doutrinária, há posições as mais variadas assumidas pelas pessoas. Há aquelas que desejariam houvesse uma lista de obras "condenadas", o que lhes facilitaria a escolha para a leitura de informações seguras, sem terem que "esquentar a cabeça". No outro extremo, outras há que reagem negativamente a qualquer tipo de avaliação ou de juízo formulado sobre uma publicação, tachando tal ato como estabelecimento de um index.

Nesse contexto, deve ser lembrado que uma das características marcantes do Espiritismo é exatamente a liberdade que confere aos seus profitentes. Liberdade aprendida com Jesus, que nunca constrangeu ninguém a fazer ou deixar de fazer algo, simplesmente porque lhe fora ordenado. O Mestre sempre buscava levar o ouvinte a entender os seus ensinamentos, raciocinando sobre eles, o que obtinha através dos diálogos que estabelecia.

Muitas passagens discutíveis do Novo Testamento, muitas palavras e frases atribuídas a Jesus, lá estão porque o Alto o permitiu. Apesar de muitos cortes, acréscimos e adaptações, o essencial foi conservado intacto. O que se tornou objeto de discussão serve para aprendermos a raciocinar em termos de fé e exercitarmos o bom-senso. Se Jesus tivesse vindo para trazer-nos fórmulas acabadas de salvação – tão a gosto dos simplistas – não teria sido carpinteiro, mas sim canteiro, pois trabalhando com pedras teria oportunidade de deixar seus ensinamentos insculpidos em lajes, como verdadeiras "receitas" de salvação, a serem seguidas ipsis verbis pelos séculos afora. Esse desejo do Mestre, de conduzir seus discípulos ao estudo e à reflexão, fica muito claro quando recomenda: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." (Jo, 8: 32).

Dentro dessa perspectiva, como encontrar o ponto de equilíbrio entre os que querem um index e um manual de procedimentos, e aqueles que advogam liberdade ampla, total e irrestrita? Avaliar se uma obra ou uma prática está em consonância com os princípios doutrinários é tarefa para quem conhece realmente a Doutrina. Daí, a necessidade do estudo, da reflexão, da análise

serena e desapaixonada, a fim de que se chegue à conclusão do que está de acordo e do que está em confronto com as verdades que o Espiritismo esposa.

A preservação da fidelidade doutrinária no que diz respeito às práticas desenvolvidas numa entidade espírita é mais fácil, pois ninguém usaria velas, bebidas, fumaça, roupas especiais, imagens, rituais, etc. Entretanto, quando se trata do uso da palavra, seja oralmente, seja por escrito, a tarefa de verificação se torna mais difícil. Mais difícil porque esbarra, quase sempre, no personalismo camuflado numa capa de inovação, renovação, atualização, etc.

A mediunidade tem sido veículo para a divulgação de muitas "novidades" que deveriam ter merecido acurado exame antes de se terem transformado em folhetos e, principalmente, em livros. Infelizmente, o encantamento provocado pelo fenômeno ainda oblitera a visão de muitos, conduzindo-os a entendimentos equivocados.

Se houvesse mais estudo da Codificação, por certo o número de obras anti-doutrinárias existentes, tanto pela ação de médiuns quanto de leitores seria bem menor, para não dizermos nulo. Temos o exemplo maior em Kardec, que se conservou sereno e judicioso, embora a imensa emoção que deve ter sentido ao comprovar a imortalidade da alma, ao "descobrir" o Mundo Espiritual, e ao verificar o relacionamento efetivo entre encarnados e desencarnados. É oportuno seja lembrada a sempre atual advertência de Erasto, que Kardec inseriu em O Livro dos Médiuns: "Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea." (item 230).

A necessidade do uso do bom-senso no campo da mediunidade é evidenciada desde os tempos apostólicos, conforme se aprende com o Apóstolo Paulo – seguramente a maior autoridade em assuntos mediúnicos no Cristianismo nascente – que recomenda: "E falem dois ou três profetas, e os outros julguem." (I Co, 14: 29). O mesmo cuidado é recomendado por João: "Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo". (I Jo, 4: 1).

Essas recomendações continuam atualíssimas, diante do momento que vivemos, pois atravessamos um período que nos requer muita atenção relativamente à fidelidade doutrinária, principalmente no campo mediúnico voltado à produção de livros. Note-se que o vocábulo produção é intencionalmente usado aqui para substituir publicação, pela verdadeira avalancha de obras mediúnicas que invadem as prateleiras das livrarias.

Há uma ânsia desenfreada de se publicar tudo o que médiuns invigilantes produzem, sequiosos de verem seus nomes em capas de livros. Há editoras que descobriram um verdadeiro filão de ouro no meio espírita. Muitos dos que adquirem livros pensando estarem ajudando instituições de amparo a necessitados não são informados do que resta no final, depois de deduzidas as despesas e os ganhos das editoras...

Os adversários do Espiritismo de há muito desistiram de combatê-lo através de ataques exteriores. Agora, eles se imiscuem no nosso Os adversários do Espiritismo de há muito desistiram de combatê-lo através de ataques exteriores. Agora, eles se imiscuem no nosso meio, onde quase imperceptivelmente, valendo-se da invigilância de expositores e de médiuns, buscam lançar o descrédito através de mensagens fantasiosas, quando não ridículas. Por isso, no quadro atual, mais que nunca, deve ser posta em prática

a lapidar recomendação de Jesus: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação (...)" (Mt, 26: 41).

Diante do exposto, fica claro que não se pode nem estabelecer um manual de procedimentos, nem elaborar um index, objetivando a preservação da fidelidade doutrinária. Mas, então, como proceder diante dessa quantidade imensa de obras inovadoras e de posicionamentos inusitados, cujas "revelações" e "modernizações" vão desde o simplesmente discutível ao claramente anti-doutrinário?

Em atitudes discretas, equilibradas, ao amparo da oração sincera, cada espírita consciente deve constituir-se em guardião fiel dos princípios em atitudes discretas, equilibradas, ao amparo da oração sincera, cada espírita consciente deve constituir-se em guardião fiel dos princípios doutrinários, o que será conseguido através do estudo, da reflexão, do uso do bom-senso.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

SOBREVIVÊNCIA OU IMORTALIDADE DA ALMA?

O homem moderno, pesquisador da estratosfera e do subsolo, esbarra ante os pórticos do sepulcro com a mesma aflição dos egípcios, dos gregos e dos romanos de épocas recuadas. Os séculos que varreram civilizações e refundiram povos, não transformaram a misteriosa fisionomia da sepultura. Milenário ponto de interrogação, a morte continua ferindo sentimentos e torturando inteligências. Emmauel, prefácio do livro "Obreiros da Vida Eterna"

A morte amedronta tanto o ser humano, que o faz assumir as mais variadas posturas, desde aquelas infantis, em que demonstra a sua imaturidade, até outras em que chega a negar a sua condição de ser racional. É profundamente estranho que essa criatura, que se pavoneia como o rei da criação, se mostre tão dolorosamente despreparada diante da única certeza comum a todos os seres humanos: a certeza da morte.

Ao perguntarmos a uma pessoa onde quer ser enterrada quando morrer, quase sempre ouviremos como resposta a designação de um local de sua preferência. Em seguida, ao ser interrogada sobre o destino da sua alma, afirmará ter esperança da sua ida para o ceu. Mas a fragilidade desse posicionamento é facilmente demonstrável diante de um simples questionamento: "E se ela não for para o ceu e sim para o inferno, que isso importa a você, porque é ela quem vai e não você? Você não afirmou que deseja ficar enterrado em tal lugar? Ora, se você vai ficar enterrado no lugar que escolheu, não importa o lugar para onde ela vá. Você estará com seu lugar garantido no túmulo escolhido."

Essas perguntas causam perplexidade e levam muitas pessoas, pela primeira vez, a usarem seu raciocínio no exame do assunto morte. Depois de algum tempo, costumam aparecer saídas como esta, ditas até em tom vitorioso: "Não sou eu quem vai ser enterrado em tal lugar; é o meu corpo!" Mas, com essa afirmativa, ao invés de resolver o problema, agrava-o ainda mais...

O ar de vitória desaparece logo, ao se lembrar à pessoa que ela usou dois possessivos: meu corpo e minha alma. Ora, o possessivo, como bem ensinam as gramáticas, é a palavra que indica posse. Se há posse, há possuidor. Quem é o possuidor daquele corpo e daquela alma? Quem está habilitado a apresentar-se como proprietário e, consequentemente, reclamar-lhes a posse?

É exatamente essa falta de racionalidade que leva o homem a fugir do assunto, portando-se como a criança que, ao esconder o rosto atrás das mãos, imagina ter resolvido o problema do seu esconderijo. Ou como o avestruz que, segundo dizem, esconde a cabeça sob a areia, ao se encontrar em perigo.

A criatura humana recusa-se a pensar, porque doi pensar na morte. Meditar, refletir sobre a questão, só pode revelar-lhe a sua fragilidade, o seu despreparo diante do magno assunto, do inevitável acontecimento.

E qual a saída para o impasse? A única posição lógica é aquela de o homem

assumir a sua condição de Espírito imortal, detentor da posse de um corpo físico, pelo qual ele se manifesta temporariamente, enquanto esse corpo tiver vida, pois é o Espírito quem pensa, quem aprende, quem odeia, quem ama. O corpo é mero instrumento de uso transitório. Pode-se até dizer que é descartável. O Espírito, não. Ele é imortal, indestrutível. É o arquivo vivo de todas as experiências vividas durante a romagem terrena. No corpo espiritual, que sobrevive à morte do corpo físico, conforme ensina Paulo (I Co, cap. 15), fica o registro de todas as experiências vividas pela criatura humana. Nesse trecho de sua carta aos Coríntios, o Apóstolo deixa muito clara a ressurreição em corpo espiritual: "Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão?" E, mais adiante, diz: "Assim também a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo em corrupção; ressuscitará em incorrupção." (v. 42); "Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual." (v. 44). E, para não ficar dúvida quanto à natureza do corpo da ressurreição, diz: "E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção." (v. 50).

Com o fenômeno da morte, o Espírito se afasta do corpo que já não mais lhe serve como instrumento, podendo dizer, na ocasião: "habitei esse corpo, serviu-me ele de vestimenta durante muitos anos". O corpo jamais poderá dizer: "Esse espírito que aí vai foi meu", simplesmente porque o corpo é matéria morta, que começa a decompor-se tão logo ocorra a morte.

Ao conscientizar-se dessa realidade, o homem passa a ter uma verdadeira consciência de imortalidade. Quanto mais medita sobre o assunto – desde que desligado de explicações de determinados teólogos –, tanto mais adquire um estado de consciência a que se pode chamar "cidadania espiritual". Passa a sentir-se imortal. A morte já não mais se constitui naquele desastre terrível a bi- ou tripartir-lhe o ser: "Vou para debaixo da terra, minha alma vai para o ceu e eu para não sei onde." Ao assumir a cidadania espiritual, seus horizontes se alargam. Já não é apenas um homem, mas um Ser imortal, cujo destino não se prende apenas à Terra, vez que se sente pertencer ao Universo, às "muitas moradas da casa do Pai", conforme ensinamento de Jesus (Jo, 14: 2). Assim pensando, chegamos à conclusão de que somos essencialmente espíritos, atualmente encarnados. Um dia deixaremos nosso corpo terrestre, como Jesus deixou o seu, conservando apenas o corpo celeste, imortal, conforme o Mestre, de forma genial ensinou e exemplificou!

A lição mais extraordinária a respeito da imortalidade, dada por Jesus, foi, infelizmente, sepultada pelos teólogos, que preferiram criar a absurda teoria da ressurreição da carne, embora Paulo já a tivesse negado. (I Co, 15: 50) Nesse particular, há pontos que devem merecer atenção: como Jesus apareceu vestido como um homem da época – a ponto de Madalena, ao vê-lo de costas, imaginar fosse o hortelão –, se o seu corpo fora retirado nu da cruz, pois como atestam os evangelistas, suas roupas foram divididas entre os soldados que, segundo o costume dos romanos, despiam os crucificados. Os tratados teológicos não explicam por que Jesus passou a agir de maneira totalmente diferente de como agia antes do suplício: passara a aparecer e desaparecer subitamente; a atravessar portas fechadas. Além disso, não mais se hospedou em casa de ninguém; não fez mais refeições habituais como fizera até então.

Será que durante esses quarenta dias que medeiam a ressurreição e a ascensão, Jesus não quis mostrar que continuava vivo, mas que não estava

mais encarnado? Se o corpo era o mesmo, por que não agira assim antes? Por que voltaria para o "céu", levando um corpo que não tivera antes? E, raciocinando-se de acordo com o dogma católico-protestante, de Jesus ter sido o próprio Deus encarnado – ou pelo menos um terço da Trindade –, como poderia levar um corpo físico gerado na Terra e acrescentá-lo à Divindade? Nesse caso, Deus não estaria completo até então, pois aquilo que está completo não aceita mais acréscimo algum... Além do mais, esse raciocínio seria aceitável durante a Idade Média, quando a Terra gozava do status de ser o centro do Universo, mas hoje, diante do que se conhece a respeito do Cosmo, é inaceitável tal teoria, mesmo que o Universo fosse constituído apenas pela nossa galáxia, a Via Látea.

Fica, entretanto, para muitas pessoas, uma pergunta que invariavelmente aparece quando são feitos estes comentários: Se o túmulo estava vazio e o corpo com que Jesus se apresentava era espiritual, onde ficara seu corpo físico? O Mestre, evidentemente, não podia esclarecer o assunto àqueles com quem convivera, conforme se comprova em suas palavras, já citadas: "Ainda tenho muito a vos dizer, mas não o podeis suportar agora." (Jo, 16: 12).

Cumprindo a promessa de Jesus, o Consolador vem relembrar as suas lições e explicar muitos fatos que foram registrados pelos Evangelistas, mas que à época não foram compreendidos, como as súbitas aparições de Jesus no cenáculo, atravessando portas fechadas (Jo, 20: 19) e na pesca (Jo: 21: 4 a 14), e o seu desaparecimento desconcertante diante dos companheiros de caminhada a Emaús (Luc, 24: 31). Tais fatos, tomados por miraculosos por muitos teólogos, encontram no Espiritismo explicações claras e lógicas, não no campo das especulações teológicas, mas dentro da objetividade da Ciência, nas pesquisas do fenômeno de materialização – hoje chamado ectoplasmia pelos parapsicólogos – levado a efeito por vários cientistas, entre os quais se destaca a figura de Sir William Crookes o célebre físico inglês, que pôde provar que o Espírito Katie King, com seu corpo espiritual materializado, limitava-se dentro do plano material como se estivesse encarnado, tornando-se visível, audível e tangível.("Fatos Espíritas", William Crookes; "História do Espiritismo", Arthur Conan Doyle).

Quanto ao desaparecimento do corpo físico de Jesus, pode-se ler esclarecimento sobre a dissipação de fluidos remanescentes em cadáveres, no livro "Obreiros da Vida Eterna", de André Luiz (caps. 15 e 16). Trata-se de operação piedosa levada a efeito por benfeitores espirituais, que dissipam na atmosfera os fluidos remanescentes no corpo, antes do sepultamento, a fim de resguardá-lo de profanação que poderia ser feita por Espíritos inferiores, habitantes dos cemitérios.

Fazendo-se um paralelo, é lícito supor que o próprio Mestre se haja encarregado de dissipar as energias remanescentes em seu corpo e, ao fazê-lo, desmaterializou-o completamente. É fácil entender que o corpo de Jesus não poderia ficar no túmulo, pois quando se divulgasse a notícia que o Mestre ressurgira da morte, ele seria fatalmente exposto pelos sacerdotes, a fim de negar a ressurreição, que, para quase todos, era apenas física.

O Mestre não podia explicar tudo o que acontecia, por falta de maturidade daqueles com quem convivia, por isso prometeu: "Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai vos enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito." (Jo, 14: 26)

Cumprindo sua promessa, Jesus enviou-nos o Espiritismo, que nos esclarece a respeito da nossa imortalidade.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL

Os Espíritos influem em nossos pensamentos e em nossos atos?
"Muito mais do que imaginais, pois frequentemente são eles que vos dirigem." (O Livro dos Espíritos, item 459)

A intervenção de Espíritos através dos profetas está presente em toda a Bíblia, mais claramente no Novo Testamento. Uma verdadeira interação do plano espiritual com o plano material é facilmente constatável a todo aquele que se debruce sobre os textos, sem ideias preconcebidas. Ao longo dos séculos, a vinda do Messias foi proclamada através dos profetas, que anunciavam também a volta do Profeta Elias, a fim de preparar-lhe o caminho. Essa volta de Elias foi diretamente anunciada por um Espírito, ao seu futuro pai: E um anjo do Senhor lhe apareceu, posto em pé, à direita do altar de incenso. E Zacarias, vendo-o, turbou-se, e caiu temor sobre ele. Mas o anjo lhe disse: "Zacarias, não temas, porque tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João. (...) E irá adiante dele no espírito e virtude de Elias." (Jo, 1: 11 a 13)

Em Atos dos Apóstolos, há o relato do conselho recebido de um anjo, pelo centurião Cornélio, no sentido de que mandasse chamar Pedro, certamente para que lhe transmitisse o que aprendera com Jesus: "Agora, pois, envia homens a Jope, e manda chamar a Simão que tem por sobrenome Pedro. Este está com um certo Simão, o curtidor, que tem casa junto do mar. Ele te dirá o que deves fazer." (At, 10: 5 e 6) É de tal objetividade a mensagem, que chega a conter o endereço de onde se encontrava Pedro.

Quando a pequena comitiva chegou, Pedro encontrava-se no terraço da casa de Simão, o curtidor. Ele por certo não atenderia o convite – pelo fato de os discípulos de Jesus não pregarem a Boa Nova a quem não fosse judeu –, mas ele recebeu uma ordem espiritual: "... disse-lhe o Espírito: Eis que três varões te buscam. Levanta-te pois, e desce, e vai com eles, não duvidando; porque eu os enviei." (At, 10: 20 e 21)

Pedro atendeu e foi ao encontro de Cornélio. Ao chegar à casa do centurião, é recebido pessoalmente por ele, que reunira parentes e amigos.

Pedro pergunta a Cornélio por que o mandara chamar, obtendo dele a seguinte resposta: "Há quatro dias estava eu em jejum até esta hora, orando em minha casa à hora nona. E eis que diante de mim se apresentou um varão com vestes resplandescentes, e disse: Cornélio, a tua oração foi ouvida (...). Envia, pois, a Jope e manda chamar Simão, o que tem por sobrenome Pedro; este está na casa de Simão o curtidor, junto do mar, e ele, vindo, te falará." (At, 10: 30 a 32)

Note-se que Cornélio, ao descrever a aparição, disse que lhe aparecera "um varão com vestes resplandescentes". Daí pode-se deduzir que o Espírito tinha a forma perfeita de um homem, que fez resplandescerem suas vestes talvez para não ser confundido com um encarnado. Outra intervenção espiritual foi a

libertação de Pedro, que se deu graças à ação de um Espírito que fez caírem as correntes que o prendiam: E eis que sobreveio o anjo do Senhor, e resplandesceu uma luz na prisão; e, tocando a Pedro na ilharga, o despertou, dizendo: "Levanta-te depressa". E caíram-lhe das mãos as cadeias. E disse-lhe o anjo: "Cinge-te e ata tuas alparcas." E ele o fez assim. Disse-lhe mais: "Lança às tuas costas a tua capa, e segue-me." (At, 12: 7 e 8)

Em "O Livro dos Espíritos" (II parte, cap. 9), encontra-se não mais a simples informação da existência de intervenções dos Espíritos no mundo corpóreo, mas um estudo pormenorizado de situações em que isso ocorre, bem como as causas e consequências dessas intervenções.

A obra mediúnica subsidiária é tão rica em exemplos desse inter-relacionamento, que nos leva à conscientização de que convivemos, na Terra, com outra humanidade desencarnada, constituída de Espíritos bons e maus, que buscam influenciar nossas ações.

Em "Os Mensageiros", constata-se a existência de um serviço de amparo a Espíritos desencarnados que perambulam pelas ruas, no sentido de conduzi-los a um centro espírita a fim de serem encaminhados. Esse trabalho conta com servidores que têm responsabilidade definida, de que devem prestar contas, conforme se vê, na reprimenda que sofreram dois trabalhadores que não se ativeram ao cuidado requerido no desempenho da tarefa, por terem favorecido parentes desencarnados, que não se apresentavam em condições de serem ajudados: "Vieira, recomendo a você e ao Hildegardo a melhor observância do nosso critério doutrinário. (...) Não podemos perder tempo com Espíritos escarninhos e ociosos, nem com aqueles que se aproximam de nossa tenda alimentando certas intenções de natureza inferior." (Cap. 39)

Ainda nessa mesma obra, André Luiz relata que ele, Vicente e o Instrutor Aniceto, depois de repousarem durante o dia num campo, em plena zona rural, próximo ao Rio de Janeiro, já estavam retornando, quando surpreendeu-se ele com a quantidade de trabalhadores espirituais que via nos arredores. Esclarecendo, Aniceto disse-lhe: "O reino vegetal possui colaboradores numerosos."

Prosseguindo seu relato, diz que nas proximidades (...) um homem jazia por terra numa poça de sangue, ao lado de uma carroça sustentada por um muar impaciente, dando mostras de grande inquietação. Dois companheiros encarnados prestavam socorro ao ferido, apressadamente. (...) O número de desencarnados que auxiliava o pequeno grupo, todavia, era grande. Um amigo espiritual que me pareceu o chefe, naquela aglomeração, recebeu Aniceto e a nós com deferência e simpatia, explicou rapidamente a ocorrência. O carroceiro havia recebido a patada de um burro e era necessário socorrer o ferido.

Serenada a situação, vi o referido superior hierárquico chamar um guarda do caminho, interpelando:

– Glicério, como permitiu semelhante acontecimento? Este trecho da estrada está sob sua responsabilidade direta.

O subordinado, respeitoso, considerou sensatamente:

– Fiz o que pude para salvar este homem, que, aliás, é um pobre pai de família. Mas, ele não sabe senão gritar, encolerizar-se, surrar e ferir. Tem a mente fechada às sugestões de agradecimento. Não estima senão a praga e o chicote. Hoje, tanto perturbou o pobre muar que o ajuda, tanto o castigou, que

pareceu mais animalizado... Quando se tornou quase irracional pelo excesso de fúria e ingratidão, meu auxílio espiritual se tornou ineficiente. Atormentado pelas descargas de cólera do condutor, o burro humilde o atacou com a pata. Minha obrigação foi cumprida. (cap. 41)

Como se vê, num local distante, numa estrada transitada por carroças, havia Espíritos, com responsabilidade definida, encarregados da manutenção da ordem. Imaginemos nas estradas movimentadas, nas cidades...

André Luiz, ao visitar na Terra, seu antigo lar, após vários anos de ausência, vê-se compelido a auxiliar no tratamento daquele que lhe ocupara o lugar, na condição de marido de sua viúva. Depois de alguma hesitação, solicita o concurso de Narcisa, a notável enfermeira com quem trabalhava na colônia espiritual. Tão logo chega, Narcisa convoca Espíritos que lhe possam indicar onde encontrar mangueiras e eucaliptos, a fim de retirar substâncias medicamentosas para o socorro ao doente. Ante o espanto de André Luiz, ela explica que as oito entidades que se apresentaram eram servidores comuns do reino vegetal. (Nosso Lar, cap. 50)

No livro "No Mundo Maior" (cap. 13), há uma intervenção direta de Calderaro, impedindo o suicídio da jovem Antonina.

André Luiz, em sua obra mediúnica, é o Espírito que mais esclarece essa atuação de Espíritos desencarnados entre nós. "Sexo e Destino" é, seguramente, a obra em que mais aparece essa interferência de Espíritos desencarnados na esfera física. Ali pode-se ver com clareza o respeito com que os trabalhadores do bem observam o limite de suas ações, e o quanto Espíritos voltados ao mal buscam atuar, no sentido de terem satisfeitos os seus desejos. No Cap. 6, é descrita a atuação de dois obsessores, que buscavam o prazer da ingestão de bebida alcoólica, através de um encarnado, embora seu protetor espiritual estivesse presente.

Diante do quadro, muitos perguntarão como o guarda do caminho – que é um Espírito esclarecido, trabalhador da seara do Bem – não conseguiu evitar o acidente com o muar (Os Mensageiros, cap. 41), e os dois obsessores conseguiram repartir os goles de bebida alcoólica com o protegido de Félix. A explicação prende-se à questão de sintonia. O guarda do caminho não conseguiu atingir o campo mental do carroceiro, que estava em faixa vibratória de cólera, de violência. No caso de Cláudio, havia perfeita sintonia entre ele e os dois Espíritos que o acompanhavam, participantes de suas libações alcoólicas e de suas aventuras sexuais. Quanto à não intervenção de Felix, seu protetor espiritual, fica esclarecida na resposta dada a Neves:

– Mas... e Cláudio? – insistiu Neves. – Não merecerá, porventura, fraterna demonstração de caridade, a fim de livrar-se de tão temíveis obsessores?

Félix sorriu francamente bem humorado e explicou:

– "Temíveis obsessores" é a definição que você dá. – E avançou: – Cláudio desfruta excelente saúde física. Cérebro claro, raciocínio seguro. É inteligente, maduro, experimentado. (...) Se elege para comensais da própria casa os companheiros que acabamos de ver, é assunto dele. (Sexo e Destino, cap. 6)

Àqueles que argumentarem que Cláudio estaria sendo violentado no seu livre-arbítrio pelos dois Espíritos que o acompanhavam, deve ser lembrado que não houve desrespeito ao seu direito de escolha. Ele recebia a influência daqueles, cuja presença – no uso do seu livre-arbítrio – escolhera como companheiros.

Diante de tantos exemplos da presença e da possibilidade de intervenção de Espíritos no mundo corpóreo, é de se perguntar: como é que ocorrem tantos acidentes, tantas situações desagradáveis? Por que esses Espíritos não agem no sentido de proteger as pessoas?

A explicação se tem no fenômeno de sintonia, conforme se dá na rádio-transmissão. Na proteção espiritual, a sintonia ou ligação mental com os trabalhadores do Bem só será efetivada por aqueles que procuram pensar, falar e agir equilibradamente. Além do mais, os Espíritos trabalhadores no Bem respeitam as nossas escolhas.

Entende-se assim a necessidade do cultivo da oração, da reflexão, a fim de termos consciência de que categoria de Espíritos estamos elegendo para nossa companhia.

Dessa presença de Espíritos, já advertia Paulo: Portanto, nós também, pois que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas (...). (Hb, 12: 1)

O Espiritismo nos mostra que tudo começa no pensamento, por isso vai além do conhecido adágio: "Dize-me com quem andas que direi quem tu és", ensinando: "Dize-me em que pensas, que direi com quem andas." Daí a necessidade da observância da recomendação do Mestre: Vigiai e orai para que não entreis em tentação. (Mt, 26: 41)

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

JESUS, O EDUCADOR DE ALMAS

Liberta das interpretações tendenciosas de certos teólogos, a Humanidade começa, vagarosamente, a entender, com mais amplitude e profundidade, o que significou, para o mundo, a vinda de Jesus, o Mestre mais perfeito que a Terra conheceu, aquele que baseou seus ensinamentos na pedagogia do exemplo. Não há um só ensinamento dele que tenha ficado sem o seu testemunho pessoal. Jesus foi simples e minucioso no que ensinou verbalmente, e farto na exemplificação. Por isso é que se deve tomá-lo como o Mestre e Guia a ser seguido, e não como um simples intermediador entre o homem e Deus. Não há nenhuma base no Novo Testamento para se afirmar que o Mestre teria selado uma pretensa aliança com o Criador, através do oferecimento do seu sacrifício para a salvação da Humanidade, conforme interpretações equivocadas de teólogos.

O próprio conceito de religião foi modificado a partir dos seus ensinamentos. Com Jesus, aprende-se que religião não é algo mágico a ser levado a efeito no interior dos templos. Não mais aquela idéia de que religião é prática mística, contemplativa, ritualística, cheia de oferendas e fórmulas repetitivas vivenciadas no interior das assim chamadas "Casas de Deus". Religião, conforme seus ensinamentos e, principalmente seus exemplos, passou a ser, para aquele que lhe entendeu as lições, um novo modo de viver, de se relacionar com o próximo, em todos os ambientes, em todos os momentos. Ensinando que Deus está presente em todo o universo, alargou os limites dos templos, ao conceituar o universo como um santuário imenso: "Na casa de meu Pai há muitas moradas" (Jo, 14: 2).

Jesus não foi um Mestre de gestos largos, de atitudes místicas e contemplativas, que vivesse confinado em ambiente religioso, ou em local distante, isolado do convívio diário, longe da vida prática. Pelo contrário, o Mestre sempre conviveu com as pessoas, e, para prevenir qualquer interpretação equivocada, deixou ensinamento lapidar, registrado por dois evangelistas: "Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos (...)." (Mt, 10: 16) e "Ide; eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos." (Luc, 10: 3). Nem era um profissional religioso: vivia como simples carpinteiro, que causava espanto a alguns, diante do que falava e fazia: "... donde lhe vêm estas coisas? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos? Não é este o carpinteiro, filho de Maria, e irmão de Tiago, e de José, e de Judas, e de Simão? e não estão conosco aqui suas irmãs? E escandalizavam-se nele." (Mc, 6: 2 e 3).

Jesus foi um educador de almas, que sempre enfatizou a necessidade do empenho da criatura no sentido de educar-se, de progredir, conforme ensinou no Sermão do Monte: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens (...)." (Mt, 5: 16). Toda a mensagem religiosa do Mestre fundamenta-se no esforço da criatura no sentido de revelar essa herança divina que todos trazemos. Nada de graças, além da graça da vida. Nada de privilégios: "(...) e

então dará a cada um segundo as suas obras.” (Mt, 16: 27).

Trouxe uma nova dimensão ao entendimento humano, através de uma mensagem que é um verdadeiro desafio, no sentido de seus discípulos transcenderem os limites da lei antiga, que preconizava “olho por olho, dente por dente”: “(...) se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.” (Mt, 5: 20). “Ouvistes o que foi dito: amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; (...).” (Mt, 5: 42 e 43).

Jesus não desejou discípulos passivos, encantados, deslumbrados. Pelo contrário, sempre buscou tocar o sentimento, juntamente com o apelo para que a criatura raciocinasse, a fim de saber, de compreender porque deveria agir desse ou daquele modo. O Sermão do Monte, que para muitos é apenas um hino ao sentimento, é, também, uma forte mensagem à inteligência, ao raciocínio: “E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus dará bens aos que lhos pedirem?” (Mt, 7: 9 a 11).

Jesus levou o entendimento, a compreensão, o uso do raciocínio, ao campo da fé. A fé ensinada por Jesus transcende os limites da emoção, do sentimento, por associar-se a um componente essencial: a razão. Inquestionavelmente, a fé raciocinada, ensinada pelo Espiritismo, começou com Jesus. Kardec, como profundo conhecedor dos Evangelhos – livre dos prejuízos causados pelos sucessivos exegetas, ao longo dos tempos – soube ver a objetividade e a racionalidade dos ensinamentos do Mestre. Soube ver que Suas lições têm sempre dois direcionamentos: ao sentimento e à razão: “Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?” (Mt, 6: 26). Ao ensinar a criatura a não criar fantasias sobre a fé, mostra a linha divisória entre aquilo que deve ser objeto da preocupação do homem, e o que deve ser entregue a Deus, perguntando: “E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?” (Mt, 6: 27). Esse o motivo de se ler na folha de rosto de “O Evangelho segundo o Espiritismo”: “Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.”

A educação religiosa que Jesus propicia ao homem leva-o a conscientizar-se de que não será através de orações repetidas que estaremos agradando a Deus: “E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos.” (Mt, 6: 7). Nem através de oferendas ou bajulações: “Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem e apresenta a tua oferta.” (Mt, 5: 23 e 24).

No Seu trabalho educativo do Espírito humano, Jesus mostrou a importância do bom relacionamento com o próximo como caminho para Deus, conforme bem entendeu o Apóstolo João, que registrou: “Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?” (I Jo, 4: 20).

Significativo é o diálogo entre o doutor da lei e Jesus, conforme relatado no Evangelho de Lucas (10: 25 a 37): "Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" Ali se vê um homem, conhecedor profundo das leis religiosas, a ponto de citá-las de cor, logo que inquirido por Jesus: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo." (Deu, 6:5 e Lev. 19: 18). Efetivamente, os judeus sabiam de cor esses dois mandamentos maiores. Entretanto, quando Jesus lhe disse: "Faze isso e viverás", aquele homem não compreendeu, porque para ele não havia conexão entre o preceito religioso, que lhe enfeitava o campo intelectual, com a vida prática, a ponto de perguntar: "Quem é o meu próximo?" Para aquele homem "próximo" era uma palavra mágica, sagrada, usada nos momentos religiosos, no templo, sem nenhum significado real na chamada vida profana. Daí o seu espanto. Estranhou que Jesus lhe recomendasse a aplicação do preceito religioso à vida comum. Sabendo da distância que havia entre os preceitos religiosos e a vida em sociedade, é que o Mestre contou-lhe a Parábola do Bom Samaritano, mostrando que aquele homem – desprezado pelos judeus – fez sua oferenda a Deus, não diante de um altar, mas através do mais legítimo representante de Deus: o próximo!

Ele próprio deu-se como exemplo no serviço a Deus na pessoa do próximo. Curava sempre, impondo as mãos sobre os doentes, embora não precisasse fazê-lo para curar (vide cura do servo do centurião: Mt, 8: 5 a 13), mas o fez para ensinar, recomendando que se fizesse o mesmo: "... e porão as mãos sobre os enfermos e os curarão." (Mc, 16: 18). Deixou bem claro, também, a gratuidade da prática religiosa: "... de graça recebestes, de graça dai." (Mt, 10: 8).

Jesus concedeu uma verdadeira carta de alforria à Humanidade, em relação à intermediação sacerdotal, ao informar a criatura humana de que ela tem o direito legítimo e inalienável de se comunicar com seu Criador, diretamente, em qualquer lugar onde se encontre, dando como exemplo o lugar onde se dorme: "Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu Pai, que vê secretamente, te recompensará." (Mt, 6: 6). Ao se meditar sobre esse ensinamento, percebe-se o quanto sua mensagem foi deturpada pelos teólogos, que ensinam terem certas pessoas determinadas prerrogativas de serem ouvidas por Deus, como se fossem advogados a levarem agradecimentos ou a reivindicarem determinadas benesses, numa prática desenvolvida em meio a rituais completamente estranhos aos ensinamentos e aos exemplos de Jesus, com a agravante de serem remunerados.

Jesus libertou a criatura humana também da necessidade do comparecimento ao templo, a fim de ali encontrar-se com Deus. O Mestre jamais convidou alguém a orar num templo. Pelo contrário, quando a Samaritana manifestou-se no sentido de adorar a Deus no Templo de Jerusalém, o Mestre desautorizou tal atitude, dizendo-lhe: "Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Deus é espírito e importa que os que O adoram O adorem em espírito e em verdade." (Jo, 4: 21 e 24). Para Jesus não havia santuários, lugares especiais. Seus ensinamentos, suas curas, suas orações sempre foram levados a efeito onde quer que ele se encontrasse.

Vê-se, assim, que Jesus trouxe à Terra uma mensagem religiosa sem precedentes: simples, sem ser superficial; profunda, sem ser complicada. Mas, uma concepção religiosa libertadora não agrada àqueles que desejam exercer o poder religioso. Estes procuram conservar a religião como algo mágico, místico, extático, complexo a ponto de a ela só terem acesso os doutos e os sábios, pessoas pretensamente especiais, que estariam mais habilitadas a intermediarem as mensagens das criaturas ao Criador. Essa, a visão dos teólogos que foram introduzindo interpretações pessoais e tendenciosas à Mensagem Cristã, esquecidos de que ele fora crucificado exatamente pela coragem de contrapor-se ao poderio sacerdotal, àquela verdadeira ditadura religiosa.

Essas verdades religiosas simples, que estiveram ao alcance de humildes pescadores, de viúvas e de deserdados, foram, com o passar do tempo, relegadas a segundo plano, tendo sido postos em primeiro lugar o ritual, a solenidade, o manuseio de objetos de culto, a vela, o vinho, a fumaça, os cantochãos, as roupas especiais e todo um conjunto imenso de práticas exteriores alienantes, poucas buscadas no judaísmo e muitas no paganismo romano, que distanciavam o homem cada vez mais do esforço de auto-aprimoramento preconizado por Jesus.

Assim, vagarosamente, o eixo da mensagem cristã foi-se desviando, saindo da área do estudo, da meditação e do serviço à luz da oração consciente, passando às práticas exteriores. Os pronunciamentos libertadores de Jesus não foram objeto de estudo pelos teólogos, que criaram as liturgias, os sacramentos, e, pior ainda, a hedionda teoria das penas eternas, desfazendo a consoladora imagem do Deus Misericordioso, tão bem delineada pelo Mestre.

A mensagem cristã foi apequenada, podada, enxertada por aqueles que dela se apossaram, ao construírem uma religião atemorizadora e salvacionista, com base em atitudes místicas e na crença de que seria o sangue de Jesus o remissor dos pecados da Humanidade. Foi enfatizada a adoração extática a Jesus-morto, em detrimento do esforço em seguir Jesus-vivo.

O Mestre veio trazer a certeza de que Deus é Pai, é Amor, é Misericórdia, contrapondo-O à figura apresentada no Velho Testamento, que mostrava o Criador como alguém iracundo, vingativo, capaz de ter preferências por determinados povos e abominação por outros. Infelizmente, o Pai Misericordioso, tantas vezes demonstrado por Jesus, foi negado pelos teólogos, ao criarem o Inferno de penas eternas. Em verdade, Jesus falou de sofrimento após a morte, mas nunca com a possibilidade de ser eterno. Pelo contrário, disse: "Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último ceitil." (Mt, 5: 26)

Mas, o Mestre, conhecedor da fragilidade humana, sabia que, de alguma forma, isso iria acontecer, por isso, prometeu o Consolador: "Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito." (Jo, 14: 26)

Cumprindo sua promessa, enviou-nos o Espiritismo, que não é mais uma religião cristã, mas o próprio Cristianismo Primitivo, que ressurge na sua pureza, pujança e objetividade originais, destacando-se das demais religiões, pelo menos das do Ocidente, pelo seu aspecto altamente educativo.

KARDEC E SUA VISÃO DO FUTURO

Ao fazermos uma análise da personalidade de Kardec, buscando conhecer-lhe a cultura, aliada à profunda identificação com o Evangelho, não devemos ter por objetivo apenas homenagear-lhe a memória. Devemos vê-lo como alguém que veio para cumprir uma promessa de Jesus. Devemos avaliar-lhe a estatura espiritual, não apenas para nosso encantamento, mas a fim de nos conscientizarmos da nossa condição de beneficiários da sua obra, desse acervo imenso de esclarecimentos, que marcaram efetivamente uma nova etapa na evolução humana.

É necessário pensarmos em Kardec na sua época, a fim de avaliar-lhe o avanço no tempo em relação ao pensamento predominante de então. Precisaríamos, todos nós, ter a possibilidade de nos transportar, de caminhar para o passado, a fim de sentirmos a época, com seus costumes e, principalmente, com suas limitações. Só assim poderíamos observar com justeza o avanço do pensamento de Kardec em relação aos seus contemporâneos, e até de muitos dos atuais pensadores das searas religiosas, políticas e sociais.

A Igreja, recém-saída da Inquisição – em Portugal terminou, por decreto da Regência, em 1821 – ainda impunha terrivelmente o seu poder. Nos países, ditos católicos, não havia separação entre o Estado e a Igreja. Para se ter idéia desse poder, é só lembrarmos que em 9 de outubro de 1861, na Espanha, foram queimadas, em praça pública, 300 obras espíritas, legalmente importadas da França, no assim chamado o Auto-de-fé de Barcelona.

Em 1864, a encíclica Quanta Cura condena a tolerância religiosa. E esse empenho em manter o poder não se restringiu ao século XIX, pois em 1906, duas encíclicas do Papa Pio X, Vehementes nos e Gravissimi Officii condenam a separação entre Estado e Igreja.

Na Espanha, em 1931, houve a laicização do poder civil, com a limitação dos poderes da Igreja. Infelizmente, em 1953, durante a ditadura de Franco, mediante concordata com a Santa Sé, voltou o Catolicismo a ser declarado religião única da nação espanhola. Em Portugal, durante a ditadura de Salazar, em pleno século XX, foi fechada a Federação Espírita Portuguesa, e todos os seus bens foram confiscados. Na França, o clima era um tanto diferente, mas não muito. Tenham-se em vista as perseguições e os ataques sofridos por Kardec.

Entretanto, apesar da forte pressão dominadora exercida pela Igreja, no sentido de ser mantida a sua versão do Cristianismo, durante o século XIX, em algumas partes da Europa ocorria uma libertação quase rebelde de muitos intelectuais, em relação às pregações religiosas, que já não mais conseguiam convencê-los. O descompasso entre a religião e a ciência se tornava cada vez mais agudo, ensejando um desencanto que levou muitos espíritos lúcidos à tomada de posições eminentemente materialistas, criando o ambiente para o surgimento do Positivismo, doutrina que visa à superação dos estados

teológico e metafísico, negando tudo o que não fosse fisicamente mensurável, e preparando o terreno para o materialismo do século XX.

No campo social, a mensagem religiosa servia apenas para coonestar o egoísmo vivenciado pelos poderosos, sem que houvesse a mínima ação no sentido de amenizar a desumana e angustiosa situação das classes trabalhadoras, notadamente dos operários. É dessa época a famosa frase atribuída a Karl Marx: "A religião é o ópio do povo." E realmente o era, pois constatava-se facilmente a imensa distância que havia entre a mensagem simples, fraterna, amorosa e atuante de Jesus, e aquilo que era oferecido como Cristianismo pela Igreja, totalmente comprometida com o poder temporal.

Kardec não se curva à Igreja, mas não adere ao materialismo seco e destrutivo, como tantos pensadores do seu tempo. Sua visão de missionário permite-lhe discordar daquilo que a Igreja oferecia como verdade e possibilita-lhe uma proposta religiosa a ser experienciada principalmente fora dos templos. Uma religião a ser vivida em clima de liberdade, tanto na área do sentimento, quanto da razão, conforme os ensinamentos e exemplos de Jesus.

Diante da atuação de Kardec, seria difícil enquadrá-lo nas áreas do conhecimento humano. Revela-se como teólogo ao dialogar com os Espíritos Superiores a respeito de Deus,

demonstrando independência e superioridade de pensamento em relação aos seus contemporâneos, quando formula a pergunta: "Que é Deus?" 1 Isso dito numa época em que grandes pensadores estavam ainda atrelados à idéia de um Deus antropomórfico, portador de limitações humanas, quanto à forma e aos atributos. O Codificador demonstra que sua visão de Deus é cósmica, e está em perfeita consonância com os avanços da Astronomia, que, caminhando à frente das religiões, já demonstrara àqueles "que têm olhos de ver" que o Universo conhecido era maior do que o Deus ensinado por elas.

Entretanto, sua concepção científica da grandeza cósmica de Deus não o impediu de resgatar a figura do Pai justo, providente, amoroso e infinitamente misericordioso, conforme os ensinamentos de Jesus, contrapondo-se frontalmente à criação nefasta dos teólogos: o Inferno de penas eternas, dentro do contexto cristão. Nesse campo, revela o Codificador a sua condição também de educador e de penólogo, ao examinar com impecável lucidez temas como Céu, Purgatório e Inferno, principalmente na obra "O Céu e o Inferno". Entretanto, se abriu as portas do Inferno, demonstrou que as do Céu não se descerram às custas de ofícios religiosos encomendados, de legados post mortem, mas através do esforço individual, intransferível e consciente de cada Espírito, conforme sentenciou Jesus: "... Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me." 2

Demonstra com clareza a imortalidade da alma, não apenas como artigo de fé, estribada em dogmas, mas no campo da experimentação científica, através do resgate do exercício da mediunidade, prática que seria objeto de estudos levados a efeito na área acadêmica, primeiramente sob o nome de Metapsíquica e, bem mais tarde, de Parapsicologia.

A reencarnação, rejeitada e ridicularizada àquela época, mereceu-lhe análise clara, profunda e irretorquível, em tese que o futuro, que vivemos hoje, tem consagrado como vitoriosa, de vez que até o presente não existe nenhum trabalho sério que a conteste. Pelo contrário, com o passar do tempo

avolumam-se os trabalhos acadêmicos que comprovam-na.

Revelou-se sociólogo eminentemente cristão ao dialogar com os Espíritos sobre questões sociais, pondo em evidência temas que outras religiões só décadas mais tarde viriam discutir:

O trabalho, ensinado no meio religioso como castigo, é mostrado como oportunidade enobrecedora de colaboração na obra de Deus. Pela primeira vez o relacionamento entre capital e trabalho é tratado no meio religioso, com sérias advertências àqueles que, abusando do poder de mando, impõem excessivo trabalho a seus inferiores, pois eram comuns na Europa as jornadas de trabalho excederem a doze horas. Pela primeira vez, na história do Cristianismo, alguém cria ambiente para que Espíritos Superiores advirtam o homem, em nome de Deus, a respeito da responsabilidade no emprego do poder: "Todo aquele que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que imponha a seus inferiores, porquanto, assim fazendo, transgride a lei de Deus." 3 Enquanto todas as vozes religiosas se calavam, Kardec inquire os Espíritos a respeito do direito do trabalhador de repousar depois de ter dado o vigor de sua juventude em trabalho: "Mas o que há de fazer o velho que precisa trabalhar para viver e não pode?" 4 A resposta lapidar, que deveria servir de epígrafe e inspiração para muitos discursos sociológicos e religiosos: "O forte deve trabalhar para o fraco. Não tendo este família, a sociedade deve fazer as vezes desta. É a lei de caridade." 4 Só 31 anos depois da edição definitiva de "O Livro dos Espíritos", a encíclica Rerum Novarum, em l891, revela algum despertamento do meio católico para o tema..

Relativamente à escravidão, existente ainda no Brasil, nos Estados Unidos e em Cuba, os poderes religiosos também se mantinham calados até então, impedidos de erguer a bandeira abolicionista por estarem comprometidos com aqueles que se beneficiavam com o trabalho escravo. Contra esse ignominioso domínio de um ser humano sobre outro, manifestaram-se os Espíritos, falando em nome de Deus, graças às perguntas de Kardec, que, com isso, inseriram conceitos de moral religiosa num campo eminentemente social.

Nove anos antes da publicação da obra "Sujeição das Mulheres", de Stuart Mill, que é tida como uma das molas propulsoras do movimento feminista, Kardec publica o diálogo que manteve com os Espíritos Superiores e comentários seus, analisando a igualdade dos direitos do homem e da mulher, enquanto as demais correntes cristãs mantinham, e ainda mantêm em seu próprio seio, posições altamente discriminatórias, em que a mulher continua como subalterna, malgrado os exemplos dignificantes de Jesus.

Ao perguntar aos Espíritos: "Será contrário à lei da Natureza o casamento, isto é a união permanente de dois seres?" 5, o Codificador demonstra conceituar o casamento como ato eminentemente moral, mútuo compromisso assumido no âmbito da consciência de um homem e de uma mulher, acima de toda e qualquer bênção sacerdotal ou da assinatura de um documento civil. Evidenciada por Kardec há mais de um século, essa a visão que se tem hoje, quando cada vez mais prospera o entendimento de que ninguém casa ninguém; as criaturas se casam, e só elas são responsáveis pela manutenção do vínculo livremente estabelecido. É digna de nota a posição do Codificador, pois se de um lado esclarece, libertando a criatura dos grilhões criados por uma bênção sacerdotal – pretensamente dada em nome de Deus –, por outro,

chama-lhe a atenção para os compromissos assumidos perante o altar de sua própria consciência. O valor que Kardec atribui ao casamento está perfeitamente explicitado no comentário feito ao tratar do assunto: "A abolição do casamento seria, pois, regredir à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes." 6

Numa época em que as religiões não discutiam o papel da família, por julgá-la estabelecida em função de sacramento ministrado em nome de Deus – embora, em alguns casos, até mesmo contra a vontade de quem o recebia –, Kardec, antevendo atitudes e questionamentos futuros, analisa e discute com os Espíritos Superiores o papel do instituto familiar. Obteve respostas esclarecedoras dos Espíritos, situando a família como núcleo insubstituível da educação humana, núcleo formado não em função de uma evolução social, mas decorrente de desígnio divino. Por isso, o Espiritismo já tinha resposta antecipada às duras contestações que viriam décadas mais tarde, quando regimes totalitários pretenderam instituir um modelo de educação da criança pelo Estado e, mais tarde ainda, através das propostas de "vida livre" levadas a efeito pelos hippies e daqueles que lhes partilharam as idéias.

Ao assumir veemente combate contra a pena de morte – enquanto setores religiosos se mantinham silenciosos ou mesmo coniventes –, Kardec tira o "não matarás" de dentro dos templos, levando-o à discussão penal e social, antecipando-se, em décadas, a campanhas que surgiriam bem mais tarde.

O imenso abismo cavado entre a Ciência e a Religião pelos estudos de Copérnico e Galileu alargou-se ainda mais com a publicação da obra "Da Origem das Espécies", de Charles Darwin. Coube a Kardec o papel histórico de construir uma ponte luminosa, ligando Ciência e Religião. Contestando o Criacionismo, põe em evidência a evolução do Espírito, que caminha pari passu com a evolução física demonstrada por Darwin, ao tempo em que resgata diante da consciência humana um dos atributos básicos de um Ser Perfeito: a Justiça. Tudo promana de uma mesma fonte, todos partimos de um mesmo ponto, dotados da mesma potencialidade evolutiva, conforme ensinaram os Espíritos: "É assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo ao arcanjo, que também começou por ser átomo." 7 Por conhecer essa luz divina imanente em toda a criação, é que Jesus lançou o desafio evolutivo: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens (...)".8

Não se pretendeu aqui fazer uma análise exaustiva da obra de Kardec, nem da sua capacidade como filósofo, educador, sociólogo ou teólogo. Buscou-se enfocar apenas o avanço do seu pensamento, em relação aos seus contemporâneos. Kardec transcende sua época, enxergando além dos interesses, da cultura, do meio social e religioso em que convive.

Se o Prof. Hippolyte Léon Denizard Rivail tivesse publicado suas obras sem revelar os diálogos com os Espíritos e o seu aspecto religioso, por certo a França o teria incluído entre seus filósofos, conforme já o fizera entre seus grandes educadores.

No decorrer deste milênio, quando o ranço religioso e o academicismo enfatuado se fizerem menos presentes, e quando não mais estiverem tão distanciados das verdades do Evangelho puro, Kardec certamente será estudado nas universidades, será "descoberto" como um gênio do século XIX, maravilhando Espíritos que já terão reencarnado para o estabelecimento de

diretrizes educativas dos tempos novos. Nessa ocasião, terão dificuldade em situá-lo numa área do saber humano, face ao domínio revelado por ele no campo da sociologia, do direito, da educação, da filosofia e, principalmente, da teologia.

A marca inquestionável da sua condição de grande missionário é o fato de o seu pensamento não estar preso ao lugar e à época. Seu pensamento vigoroso projeta-se no futuro, numa antevisão terrena dos caminhos da Humanidade. Espiritualmente falando, não é antevisão, é simplesmente a recordação dos temas humanos que mereceram seu estudo, sua análise minuciosa, no Espaço, antes de se reencarnar. Guardadas as devidas proporções, é o mesmo fenômeno que se deu com Jesus que, transcendendo os conhecimentos, os interesses, as aspirações – a própria cultura da época – fez abordagens de assuntos incomuns e deixou ensinamentos e diretrizes evolutivas para os séculos porvindouros.

O Livro dos Espíritos:

1 - item 1
3 - item 684
4 - item 685 a
5 - item 695
6 - 696 (comentário)
7 - item 540

Novo Testamento:
2 - Mt, 16: 24
8 - Mt, 5: 16

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

LEMBRETE FRATERNO

Cônscio da responsabilidade que cabe a todos nós, espíritas, no sentido da manutenção da fidelidade à Doutrina que nos ilumina os caminhos, é que tomamos a liberdade de trazer-lhe, minha Irmã, meu Irmão, algumas considerações a respeito do cuidado que devemos ter quanto ao uso do nome "Espiritismo".

No Espiritismo não há autoridades religiosas que devam ser consultadas a fim de darem seu parecer favorável ou contrário a qualquer publicação, seja livro, filme, programa na internet. Uma das vigas mestras da estrutura do Espiritismo é a liberdade. Mas, essa liberdade atribui, ao mesmo tempo, alta responsabilidade, àqueles que dirigem uma instituição espírita, seja um centro, uma editora, uma livraria ou um clube do livro, pois que têm responsabilidade direta por aquilo que é passado ao público, em nome do Espiritismo. Entretanto, uma análise criteriosa de algo passado ao público em nome da Doutrina é, não raro, tachada de intolerância, de censura. Se a obra em questão é mediúnica, há aqueles que consideram falta de caridade praticada contra o médium, qualquer observação discordante.

O Espiritismo é uma doutrina de livre-exame, adotada por livres-pensadores. Seu embasamento dá-se em Jesus e em Kardec. Noutras religiões, há conselhos formados por membros que detêm poder no campo doutrinário, e esses conselhos deliberam sobre pessoas que devam ser acatadas ou banidas do grupo, como também deliberam sobre práticas, inovações e publicações.

No Espiritismo não há nada disso. Entretanto, todos os espíritas temos responsabilidade definida naquilo que apresentamos ou que apenas prestigiamos em nome da Doutrina. Cada espírita é, no âmbito de suas atividades, um guardião dos seus princípios básicos, cabendo-lhe – para ter o direito de dizer-se espírita – o dever de, no âmbito de suas atividades, resguardar-lhe a coerência, a nobreza, a objetividade, a clareza, a simplicidade e a fidelidade aos princípios ético-morais do Evangelho de Jesus e aos princípios doutrinários estabelecidos pelos Espíritos Superiores, codificados por Kardec.

Assim sendo, um espírita ao tornar público algo que diga respeito à Doutrina, não necessita obter permissão de nenhum órgão censor ou controlador. Entretanto, deve avaliar se aquela mensagem – seja um simples folheto, uma mensagem recebida mediunicamente num centro, um artigo ou um livro – vai contribuir para o despertamento ou para o esclarecimento de alguém. Deve avaliar, com segurança, se acrescenta algum conteúdo útil, ou se está apenas repetindo lugares comuns, levando seus leitores ou ouvintes a uma perda de tempo. A questão se reveste de maior gravidade quando o leitor ou o ouvinte não conhece o Espiritismo. Algumas vezes, certos livros ou oradores causam péssima impressão seja pela ingenuidade dos conceitos, seja pelos absurdos apresentados.

Infelizmente, esse é o quadro com que nos deparamos na atualidade. Nota-se uma verdadeira avalancha de publicações ostentando o nome espírita. Publicações que vão desde simples mensagens mediúnicas obtidas em centros espíritas, até a obras volumosas, mediúnicas ou não, cujos autores as lançam ao público, sem uma avaliação cuidadosa quanto aos efeitos que sua iniciativa possa produzir.

Há publicações contendo comunicações simplórias, obtidas em reuniões mediúnicas, sem conteúdo algum e, às vezes, com conteúdo equivocado, até contrário àquilo que a Doutrina Espírita ensina.

Outras vezes, são livros com revelações mirabolantes, em linguagem não-condizente com a seriedade e a nobreza sempre observadas nas expressões dos Espíritos comprometidos com o Bem. São obras que, de permeio a algumas páginas boas, com bons comentários a respeito do Evangelho, trazem longas descrições de zonas tenebrosas, capazes de criar imagens negativas nas mentes menos avisadas, revivendo em muitas a terrível imagem do sofrimento após a morte. Há livros que primam pela apresentação de revelações atemorizadoras, profecias de ocorrências catastróficas que, embora com datas previstas, já se têm revelado falsas, por não se terem efetivado.

Nota-se, no ar, uma tendência infrene de se publicar tudo o que aparece, como se o maior trabalho que se faz no Espiritismo fosse a sua propaganda, feita de qualquer modo. Conscientizemo-nos de que o Espiritismo não precisa de promoções, como se fosse mercadoria a ser apresentada ao público. Embora não pareça, há diferença entre propaganda e divulgação. A divulgação do Espiritismo será muito mais eficaz se promovida através de literaturas e de palestras equilibradas, comedidas e, principalmente, da vivência pessoal dos postulados do Evangelho, levada a efeito pelos espíritas.

Lembremo-nos de Kardec que, malgrado o pouco tempo de que dispunha, face aos deveres profissionais, enfrentando os imensos tabus religiosos reinantes, enfrentando o custo elevado do material impresso, sem rádio, televisão ou internet, conseguiu divulgar o Espiritismo de maneira espantosa. A Doutrina foi sendo difundida, sempre em ritmo crescente, com segurança, firmeza e seriedade. Por que, agora, pretender-se uma propaganda leviana, sensacionalista, oportunista? Por que nos encantarmos com o volume de edições de livros, se não lhes avaliamos o conteúdo? Ou mesmo com o sensacionalismo de alguns expositores desejosos de inovar?

Será lícita a falta de coragem do responsável pela organização de palestras ou seminários, numa casa espírita, em pedir esclarecimentos ao expositor sobre pontos julgados duvidosos levados ao público em sua exposição? Se o questionamento for acatado com boa vontade e suficientemente esclarecido, isso mostra que o expositor está seguro do que expôs e está interessado em servir a Doutrina. Caso contrário, ao demonstrar-se agastado, ficará evidenciado que o amor à sua figura pessoal está acima da fidelidade aos conceitos doutrinários.

O que responderemos àqueles que, ao ingressarem nos estudos da Doutrina, nos perguntarem sobre pontos duvidosos expostos num livro ou numa palestra? Essa é uma difícil hora de testemunho à verdade, quando devemos colocar o nosso zelo para com a Doutrina acima de falsas noções de fraternidade, lembrando-nos da recomendação de Jesus: "Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim, Não, não, porque o que passa disso é de procedência

maligna.” (Mat, 5: 37)

Há aqueles que argumentam, dizendo que temos liberdade de ler tudo, como base em Paulo: "Examinai tudo. Retende o bem.” (I Tes, 5: 21) Sim, é verdade, não existe nenhuma orientação espírita no sentido de proibir qualquer leitura. Mas, devemos ter em mente que podemos comprometer o nome do Espiritismo não com o que lemos, mas com o que damos a público em seu nome. Por isso, é lícito nos perguntemos se temos tido o cuidado de examinar o que se publica em nome do Espiritismo. Ou temos deixado correr? Quem é o responsável pela fidelidade doutrinária?

Urge, mais do que nunca, uma ação corajosa, consciente de fidelidade não só à Doutrina, mas a nós próprios, à nossa consciência, pois "quem cala, consente".

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

LIBERDADE

O desejo de ser livre é inato. É tão inerente à criatura, que se pode dizer que faz parte da herança divina concedida desde a sua criação. A busca da liberdade, no ser humano, é tão natural como o é a busca da luz pela planta. É seguramente o anseio pela liberdade um dos impulsos mais fortes dentre os experimentados por todos os que têm a capacidade de sentir.

Entretanto, se é verdade que esse desejo sagrado do exercício da própria liberdade é inerente ao ser humano, não menos verdade é que os espíritos ainda dominados pelo egoísmo buscam cercear a liberdade dos outros.

Quantas guerras foram feitas exatamente na negação desse nobre sentimento, quando povos poderosos impunham sua dominação sobre outros, num flagrante desrespeito ao legítimo anseio de liberdade? Quantos indivíduos e povos se sublevaram, inconformados com a tirania, com a opressão, a que foram submetidos?

Se, nesses dois mil anos que se passaram desde as pregações de Jesus, houvessem sido postos em prática os ensinamentos do seu Evangelho, o homem teria aprendido que a sua liberdade termina exatamente onde começa a do seu próximo, e que não lhe é lícito impor a outrem aquilo que não quer para si.

No tempo de Jesus, nem a liberdade de a criatura relacionar-se com o Criador era observada. Havia uma clara agressão à liberdade, não só de culto, mas da própria crença. O Mestre, que a todos respeitou, nunca impondo nada a ninguém, não teve a sua liberdade de pensamento respeitada. Sofreu o peso da opressão daqueles mesmos que clamavam a Deus contra a dominação romana. Como podiam pedir a Deus uma libertação do jugo estrangeiro, se não reconheciam o direito de ser livre em seus próprios concidadãos?

Jesus foi acusado e condenado por ensinar que somos todos livres, e que, perante Deus, todos temos o mesmo direito. E é tão fácil entender que, se somos todos filhos de um mesmo Pai justo, temos todos o inalienável direito a igual quinhão de liberdade.

Entretanto, nem mesmo a nobre lição de Jesus conseguiu que se banisse da Terra a prática nefasta de se negar à criatura o direito de se relacionar livremente, como bem lhe aprouvesse, com o seu Criador. Quanta perseguição religiosa conheceram os séculos posteriores, em nome do maior libertador de consciências que o mundo conheceu?

Ao examinarmos os maus exemplos religiosos, podemos compreender por que pôde a nossa civilização cristã ter abrigado algo tão ignominioso como a escravidão. Como puderam, aqueles que pregavam a mensagem do Cristo, conviver com essa violação do direito de ser livre?

Hoje, passado mais de um século do fim desse jugo desumano, devemos parar e meditar, a fim de avaliarmos se a nossa civilização cristã, já no curso do terceiro milênio, aprendeu a respeitar integralmente a liberdade do próximo.

Somos livres para fazer tudo o que quisermos, desde que não interfiramos no direito do outro. Quando o uso da nossa liberdade interfere negativamente na vida do nosso próximo, incorremos em falta perante as leis eternas. Por isso, é necessário usarmos a nossa liberdade com sabedoria, a fim de não nos tornarmos vítimas de equívocos.

Entretanto, há muita confusão entre liberdade e libertinagem. Quantos, em nome da liberdade de expressão agridem outras pessoas através do mau uso da palavra? E o que dizer daqueles que, noite a dentro, no pretenso uso da sua liberdade, desrespeitam o direito ao sono de outras pessoas? Quantos, usando da liberdade de dirigir seu carro, não imprimem velocidade excessiva, pondo em risco a vida do seu semelhante?

Entretanto, é lícito se pergunte se uma sociedade, que cultiva os ideais de liberdade, tem o direito de encarcerar alguém. Pode parecer um paradoxo que as civilizações mais avançadas, onde os conceitos de liberdade são os mais profundos, possam prever a restrição de liberdade de uma criatura, encarcerando-a. Todavia, essa atitude, se olhada sob outro prisma, pode ser vista como a defesa do direito de outras criaturas, prejudicadas pelo mau uso da liberdade por parte daquele que ainda não aprendeu a viver livremente.

O exemplo maior a respeito do uso da liberdade foi dado por Jesus, que nunca invadiu a área de decisão de quem quer que fosse. Ele foi, sem sombra de dúvida, o Espírito que mais respeitou a liberdade do próximo, nunca impondo nada a ninguém! Seus ensinamentos sempre foram lançados como sementes do Bem e da Verdade, sem a exigência de que a criatura os assimilasse imediatamente e se modificasse da noite para o dia. Por sentir, em profundidade, essa postura do Mestre é que Paulo disse: "... onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade. (II Co, 3: 17).

"E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." (Jo, 8: 32). Com tal afirmativa, o Mestre certamente nos quer dizer que a verdadeira liberdade é aquela do Espírito, nascida da compreensão, do entendimento das leis da vida, pois à medida que o Espírito conhece a verdade, aprende a usar a sua liberdade com sabedoria, em consonância com os princípios de respeito à liberdade do próximo.

Mas, muitos se dizem livres e, por não conhecerem a Verdade, são escravos de paixões, do álcool, do fumo, de drogas, do sexo, da gula. A criatura que busca a Verdade, através do estudo e da meditação, vai-se libertando de jugo de interesses transitórios e ligando-se àquilo que tem importância para ela diante da Eternidade.

Quantos se dizem livres e são escravos da propaganda? É exatamente pela falta de reflexão que o homem se escraviza à moda, ao consumismo, tudo isso em nome da liberdade de escolha.

O ser humano, por falta de uma visão mais profunda da vida, está sempre tentando usar a sua liberdade em detrimento do direito do seu próximo. Não é exemplo disso a atitude de criaturas que, diante de uma gravidez indesejada, dizem: "Sou uma criatura livre. Tenho direito de decidir sobre o meu corpo, a minha vida me pertence." Entretanto, não se lembra que aquele ser cujo corpo está se formando em seu seio, pode dizer que também ele tem direito à vida, à liberdade de viver.

Uma pessoa sensata sempre deve pensar: "Será que a minha liberdade não estará esbarrando na liberdade, no direito do meu próximo?" "Será que estou

observando, em relação aos outros, o mesmo direito que desejo seja observado em relação a mim?”

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

LITERATURA MEDIÚNICA

"Melhor é repelir dez verdades do que
admitir uma única falsidade uma só,
teoria errônea."
Erasto - O Livro dos Médiuns, item 230

Por reviver a Mensagem Cristã na sua pureza, objetividade e pujança originais, tem o Espiritismo sofrido ataques ao longo dos tempos. Anos a fio, aqueles incomodados com os esclarecimentos propiciados pela obra de Kardec promoveram verdadeiros bombardeios, objetivando descaracterizar a Doutrina Espírita como religião cristã. Entretanto, como o bombardeio não alcançou o alvo desejado, decidiram os promotores desencarnados a mudar a estratégia, trocando o bombardeio pela implosão. O bombardeio sempre é mais notado pela movimentação de recursos externos, a fim de destruir. A implosão, ao contrário, passa despercebida até a hora do desmoronamento total.

Cansaram-se as forças contrárias ao Espiritismo de combatê-lo de fora para dentro. Através dos médiuns usados fora do meio espírita, as Trevas não conseguiram desacreditar a Doutrina, embora tenham-se empenhado por larga faixa de tempo. Pelo contrário, ajudaram muito na divulgação dos postulados espíritas, porque as acusações falsas e as tentativas de ridicularização sempre foram rebatidas com a verdade, o que propiciava o conhecimento da Doutrina Espírita a muitos que dela não tinham notícia.

Por isso, atualmente ninguém sai a público, através de periódicos ou de livros, na tentativa de atacar as teses espíritas, numa confrontação aberta, em que haja oportunidade de debate. Quando muito, uns ataques pela Internet, que não exibem endereço para resposta. Vê-se que o bombardeio vindo de fora quase desapareceu. As Trevas desistiram dessa prática. Agora, a o ataque é interno, pela implosão.

Hoje, a Treva se empenha em atuar dentro dos arraiais espíritas, usando principalmente médiuns invigilantes, que publicam tudo o que recebem, sem atentarem para as sábias palavras do Espírito Erasto, conforme citado acima. Decidiram, as forças das Trevas, não mais atuar confrontando-se, mas fingindo caminhar ao lado, falando em Jesus, falando no Bem, doando parte do produto das edições de livros e discos a instituições de amparo, no intuito de criar simpatia e credibilidade.

Mas, de permeio com ensinamentos nobres, estão atitudes ridículas, conversas banais, e verdadeiras caricaturas de respeitáveis personalidades que deixaram na Terra testemunho de trabalho e dignidade, agora mostradas como pessoas vulgares e desprovidas do nível de seriedade que sempre mantiveram enquanto encarnadas.

Existe uma verdadeira avalanche de obras fantasiosas que pretendem trazer novidades, que vão desde o comentário leviano que invade a intimidade de pessoas, a pretensas revelações de novos pontos doutrinários. São obras

capazes de causar admiração naqueles que não estudam e, por isso mesmo, se encantam e não observam que o objetivo maior delas é levar o Espiritismo ao descrédito.

Não podendo, os inimigos da Verdade, combater o Espiritismo no campo das idéias, procuram minimizá-lo, banalizá-lo através de diálogos pueris que, apresentando-se como linguagem descontraída, mais se assemelham à conversa descompromissada de uma roda de amigos do que a comentários em torno de temas doutrinários. Nessa tentativa de apequenamento da mensagem espírita, valem-se de tudo, até de humorismo barato, que tem aparecido através de médiuns fascinados, que ainda não atentaram para a milenar advertência: "Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo". (I Jo, 4: 1).

Essa advertência do Apóstolo João nunca encontrou tanta aplicabilidade como agora! É tempo de as livrarias espíritas analisarem com cuidado as obras que divulgam. Não se trata do estabelecimento de um index, mas de um critério para constatar o que é Espiritismo e o que não é, visto que, ao divulgar uma obra – seja um folheto, um disco ou um livro – um estabelecimento espírita está, automaticamente, pelo menos para o leigo – e é justamente esse que deve ser orientado – legitimando o valor e a fidelidade daquela obra quanto às bases doutrinárias. É chegada a hora de se alertar o irmão que se deixou envolver, apontando-lhe os equívocos, e não se calando, a pretexto de um falso sentimento de fraternidade. O compromisso com a Verdade foi claramente declarado por Jesus: "Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim, Não, não, porque o que passa disto é de procedência maligna." (Mt, 5:37).

Aos que acham que esse procedimento não é consentâneo com a liberdade que o Espiritismo confere aos seus profitentes, deve ser lembrado que sempre há um critério na seleção do que se entrega ao público numa casa que ostente o nome "espírita", pois o critério deve caminhar ao lado da liberdade, uma vez que, em nome desta, ninguém concordaria que um estabelecimento espírita divulgasse todos os tipos de livros e revistas que são expostos em bancas e livrarias. Oportuna nessa hora, a recomendação do Apóstolo Paulo: "Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas me convêm (...)." (I Co, 6: 12).

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

O CRISTIANISMO DO CRISTO E O DOS TEÓLOGOS

Observados atentamente os ensinamentos e os exemplos de Jesus, contidos no Novo Testamento, chega-se à conclusão que o Mestre não fundou religião alguma. A mensagem cristã é um forte apelo no sentido de reconhecermos a paternidade divina e, ao mesmo tempo, de nos reconhecermos como irmãos. Jesus apenas propôs que nos amássemos uns aos outros, mostrando-nos que o caminho para Deus é o próximo, deixando claro que só poderemos demonstrar nosso amor a Deus amando-Lhe os filhos: Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu? (I João, 4: 20). Ensinou que a busca de convivência pacífica entre as criaturas é mais agradável a Deus do que qualquer tipo de oferenda que Lhe possamos fazer: Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta. (Mateus, 5: 23 e 24). E, no versículo seguinte, Mateus registrou outra recomendação referente à convivência: Concilia-te depressa com o teu adversário enquanto estás no caminho com ele (...).

Exemplificou que o "amor ao próximo como a si mesmo" não deveria ser interpretado apenas como preceito abstrato, demonstrando sua prática através da "Parábola do Bom Samaritano" (Lucas, 10: 25 a 37). Além do mais, deixou recomendação geral no sentido de se socorrer o próximo, como Ele o fazia: ... e porão as mãos sobre os enfermos e os curarão. (Marcos, 16: 18).

Jesus nunca disse que ofereceria seu sangue a Deus para salvar a Humanidade.

Não instituiu culto, ritual ou cerimônia de qualquer espécie.

Não ministrou sacramento algum, nem orientou no sentido de que alguém o fizesse.

Não sacralizou lugar algum.

Não aconselhou a construção de templos, de lugares especiais à vivência religiosa, nem a frequência àqueles que existiam. Só fez referência a um lugar, relativamente à oração: Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu Pai, que vê secretamente, te recompensará. (Mateus, 6: 6).

Não recomendou qualquer tipo de indumentária.

Não estabeleceu classes de servidores.

Não nomeou intermediários entre o homem e Deus.

Não ensinou cânticos ou ladainhas; pelo contrário, advertiu quanto à repetição inconsciente de uma oração: Orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos. (Mateus, 6: 7).

Jamais recebeu qualquer retribuição material pelo que fazia às pessoas.

Não usou velas, nem fumaça, nem bebida.

Não deixou fórmulas para serem lidas durante cerimônias.

Não ensinou a orar diante de imagens.

Essas práticas, todas estranhas aos ensinamentos e aos exemplos de Jesus, foram sendo, pouco a pouco, introduzidas no movimento cristão pelos teólogos e por aqueles que detinham poder no meio religioso que se formou a partir de então. Além das interpretações tendenciosas e alienantes que produziram, foram incapazes de coibir o uso de imagens esculpidas e pintadas, em que os protetores espirituais – chamados anjos – se apresentassem com aquelas enormes asas.

Esses fatos são constatados sem que se lance acusações sobre outros, mesmo porque, de acordo com a consciência de imortalidade e de reencarnação que o Espiritismo suscita aos seus adeptos desenvolverem, ninguém poderá levantar libelos acusatórios contra aqueles que os antecederam na romagem terrestre, pois poderia estar acusando a si próprio. Em verdade, quem poderá, em sã consciência, afirmar que não tomou parte em ações que redundaram no desvirtuamento das lições de Jesus?

Como é que se conseguiu criar um Inferno de penas eternas, depois de Jesus ter ensinado tantas vezes que devemos nos perdoar uns aos outros? Por que teria Jesus contado a sublime "Parábola do Filho Pródigo", em que põe em evidencia a virtude do perdão, exercitada por um pai terreno? Estaria o Mestre incentivando a criatura a ter misericórdia maior do que a do próprio Criador?

Jesus sabia que haveria uma tendência ao desvirtuamento de suas lições, por isso deixou algumas recomendações: Quanto ao isolamento em comunidades apartadas do convívio social: Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos (...) (Mateus, 10: 16). Essa recomendação foi também registrada por outro Evangelista: Ide: eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos. (Lucas, 10: 3) E quanto ao profissionalismo religioso, deixou recomendação clara: (...) de graça recebestes, de graça dai. (Mateus, 10: 4).

Como é que foi criado o dogma da ressurreição da carne, em oposição flagrante às declarações de Paulo, na sua Primeira Carta aos Coríntios, cap. 15, onde fala em ressurreição em corpo espiritual? Mas alguém dirá Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão? (35). Assim também a ressurreição dos mortos. Semeia-se corpo em corrupção; ressuscitará em incorrupção. (42). Paulo, para ser melhor entendido, faz uma comparação entre o corpo físico e o corpo espiritual: o corpo físico é a semente que será enterrada, e o corpo espiritual é a planta, que se liberta: Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual. (44). Além disso, prevendo a criação do dogma da ressurreição da carne, diz, chamando o corpo físico de corruptível, e o corpo espiritual de incorruptível: E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção. (50).

Sabendo disso, é que precisamos, mais do que nunca, do exercício consciente do "Vigiai e orai para não cairdes em tentação (...). (Mateus, 16: 41), recomendado por Jesus. Devemos ter em mente que o Mestre nos enviou o Espiritismo na condição de o Consolador prometido: Vos enviarei o consolador, que vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que tenho dito.

Se bem interpretarmos essas palavras, registradas por João, nos capítulos 14 e 16 do seu Evangelho, veremos ali as duas vertentes principais do Espiritismo: o retorno aos ensinamentos e aos exemplos de Jesus, e os

esclarecimentos que Ele não pudera dar, por falta de maturidade das pessoas àquela época.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

O ESPERANTO COMO REVELAÇÃO

Segundo Pierre Burney, na sua obra "Les Langues Internationeles", Paris, 1962, haviam surgido no mundo, até aquele ano, mais de 600 projetos de línguas internacionais.

Diz bem o autor, quando se refere a projetos, pois ninguém cria uma língua. Alguém cria um projeto que, se adotado como meio de comunicação de um grupo humano, torna-se uma língua. É o povo – inconsciente do papel que representa – quem concede cidadania a um projeto, alçando-o à condição de língua.

Na Idade Média, o homem pouco se movimentava na superfície do Planeta, mas à medida que os meios de transporte foram progredindo, falantes de línguas diversas se defrontavam e o problema da comunicação foi cada vez mais se evidenciando.

Tal situação foi observada, mais de um século antes de Zamenhof, pelos filósofos Descartes e Leibniz, que preconizaram o aparecimento de um instrumento de comunicação humana para uso internacional, embora àquela época o Latim representasse esse papel no meio científico, filosófico e político. A língua de Roma, além de constituir-se no elemento de comunicação da Igreja Católica Romana, foi amplamente usada no meio universitário durante séculos. Mas era estudada e usada somente nos meios cultos, era a língua das elites.

Entretanto, o Alto desejava que a Humanidade recebesse um instrumento de comunicação acessível a todos, a pessoas de todos os níveis culturais, tanto o trabalhador braçal quanto o catedrático. Por isso mandou-nos o Esperanto, cuja facilidade de aprendizado e uso é sem precedentes, conforme é facilmente constatável por qualquer leigo. Hoje, nos meios universitários, há dissertações de mestrado e teses de doutorado, que expõem o Esperanto, não tendo jamais sofrido contestação.

Os espíritas sabem que a vinda do Esperanto para a Terra é decorrente de decisão do Alto, conforme se constata na obra "Esperanto como Revelação", psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier. Suas características particulares, sua aparição e sua resistência ao desaparecimento provam isso à saciedade.

É de se notar que as grandes revelações ocorrem sempre num ambiente onde existe um ambiente preparado, uma expectativa.

Assim se deu quando da vinda de Jesus, que foi anunciada e esperada, século após século, durante gerações consecutivas.

O mesmo também se deu com o Espiritismo, que surgiu em meio a um surto mediúnico sem precedentes na história da Humanidade. E é de se notar como o menino que seria mais tarde Kardec foi encaminhado para um ambiente onde pudesse receber não só os estímulos, mas também os elementos necessários para o desempenho da sua missão. O menino Hippolyte, nascido numa família de juristas, foi mandado ao educandário de Pestalozzi, onde deveria – além da cultura – receber o direcionamento que o

levaria, mais tarde, como professor, a inserir na Doutrina Espírita o caráter pedagógico dos ensinamentos de Jesus, conforme aprendemos no Evangelho.

A localização, na Terra, do missionário da comunicação humana foi planejada pelo Alto, assim como a de Kardec o foi.

Em Byalistok, o menino Lázaro recebeu o estímulo necessário ao despertamento para a sua missão, através da observação dos desentendimentos que surgiam pelo fato de os habitantes falarem quatro línguas diferentes naquela pequena comunidade.

Quando Zamenhof publicou o Esperanto, havia no ar uma conscientização muito forte a respeito da necessidade de um instrumento que facilitasse a comunicação mundial, conscientização essa materializada em várias publicações de projetos que não conseguiram tornar-se línguas.

Mesmo sem atentar-se para as informações dadas pelo Espírito Francisco Valdomiro Lorenz, através do médium Francisco Cândido Xavier, na obra "O Esperanto como Revelação", pode-se notar os aspectos de revelação no surgimento do Esperanto na face da Terra: A idéia nasceu do sonho de um menino, na pequenina Byalistok, que a materializou como estudante secundarista, aperfeiçoou-a como estudante de Medicina e concluiu-a como médico, sem nenhuma formação linguística.

Pode-se dizer que Zamenhof foi médium da obra cujo estudo e elaboração mereceram-lhe cuidadosa assistência no Mundo Espiritual, antes da sua reencarnação na Polônia. Só assim se explica a genialidade da concepção do Esperanto que, publicado e usado há 126 anos, não encontrou ainda alguém que, num estudo sério e consistente, apresentasse melhor e mais plausível solução para o problema da comunicação internacional.

Entretanto, sua facilidade de aprendizado e de uso não significam pobreza de expressão, pois nele foram produzidas traduções das mais expressivas peças da literatura mundial. Tem acompanhado esse imenso avanço técnico e científico surgido depois da sua publicação em 1887. Contemporâneo do telefone, viu surgir o rádio, o telex, a televisão e a internet, caminhando lado a lado com o progresso.

Hoje é conhecido e usado em mais de 120 países, usado por dezenas de sociedade científicas, religiosas, civis.

Sua facilidade de aprendizado tem sido demonstrada em trabalhos acadêmicos que, pouco a pouco vão sendo aceitos nos meios universitários.

A língua planejada que mais chamou a atenção do público antes do Esperanto foi o Volapuque, que conseguiu reunir centenas de adeptos em alguns países, chegou a ter alguma literatura e alguns periódicos, mas desapareceu. Desapareceu em pouco mais de uma década, porque é de difícil aprendizado e uso.

Uma língua posterior ao Esperanto foi publicada no Estados Unidos, a Interlíngua, elaborada por uma equipe de linguistas profissionais, subsidiada pela milionária Alice Wanderbilt Morris, também já desapareceu, sem ao menos ameaçar o crescente – embora lento – progresso do Esperanto.

Entretanto, seria de se perguntar por que diminuiu gradualmente, no século vinte, o aparecimento de novos projetos, se a necessidade de uma língua internacional se tornava, a cada dia, mais evidente? Não seria porque os adeptos da idéia de adoção de uma língua planejada estariam convencidos de que a solução para o problema já havia aparecido? Será que não teriam

chegado a essa conclusão pelo fato de que nenhum, dos poucos projetos surgidos nesse século, conseguiu abalar o sucesso sempre crescente alcançado pelo Esperanto?

Outra pergunta que se poderia fazer e a seguinte: Por que o Esperanto tem tantos adeptos no Brasil, colocando-se como o país que tem o maior número de delegados da Associação Internacional de Esperanto? No Brasil, fala-se a mesma língua, numa imensa extensão territorial, enquanto na Europa o problema de comunicação internacional é sentido diante da enorme variedade de línguas usadas ali. A resposta é clara: o apoio que a Federação Espírita Brasileira deu ao Esperanto desde que foi trazido ao Brasil, no início do século passado. O ideal de fraternidade, a chamada Ideia Interna, que Zamenhof imprimiu no Esperanto tocou – e toca – o Movimento Espírita Brasileiro.

Outro aspecto interessante a ser observado é o seguinte: no início do século XX, a língua internacional era o Francês, e muitas obras espíritas, publicadas nessa língua, ainda não haviam sido traduzidas em Português. Mas, apesar disso, Dirigentes da FEB, inspirados pelo Alto e tocados pelo ideal de fraternidade veiculado junto com o Esperanto, fizeram traduzir obras espíritas nessa língua, e iniciaram ampla campanha de sua divulgação.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

O ESPIRITISMO E O NOVO TESTAMENTO

O Espiritismo não traz verdade nova, não apresenta nenhuma tese ou prática que não seja baseada no Novo Testamento. À primeira vista, parece uma afirmativa ousada, mas nas páginas seguintes encontrará, o leitor isento de ideias preconcebidas, subsídios para a comprovação do que é dito aqui.

Há pessoas que, sem um estudo acurado, baseando-se apenas em opiniões apaixonadas, repetem equívocos flagrantes, dizendo, por exemplo, que o "O Evangelho segundo o Espiritismo", é um "evangelho dos espíritas", concebido por Allan Kardec. Certamente, quem afirma isso não leu a obra, pois nela não se encontra moral nova, nem algo que contrarie os ensinamentos de Jesus. Pelo contrário, os explicita, escoimando-os daquele aspecto místico, eclesiástico, monástico de que os revestiram os teólogos, restituindo-os à vida, fora dos templos.

Igualmente se pode dizer de "O Livro dos Espíritos". Essa obra veio aplicar às relações humanas os ensinamentos e os exemplos de Jesus. Esse livro reinsere na vida comum as lições do Mestre, até então isoladas nos templos, onde, num ambiente místico, passaram a fazer parte apenas de culto, em nada, ou em quase nada, orientando o homem nos atos comuns da vida em sociedade. Nessa obra são tratados temas relativos à vida prática, temas que foram amplamente desenvolvidos e exemplificados por Jesus, que chamava a atenção dos homens para a preocupação com o Bem, a expressar-se através de atos e não simplesmente de palavras, em todos os lugares, nos seus relacionamentos diários.

Muitos dos ensinamentos e exemplos de Jesus foram deixados de lado pelos teólogos ao criarem uma "teologia cristã". Kardec retomou esses ensinamentos e exemplos e, retirando-os dos templos, os reinseriu nas atividades humanas.

As obras espíritas, a começar pelas básicas, o assim chamado pentateuco kardequiano, embora contenham amplo material para estudo e reflexão, paradoxalmente não são analisadas nos cursos universitários, nas áreas do Direito, da Sociologia, da Filosofia e, mais estranhamente ainda, da Ciência da Religião.

Entretanto, quem se debruçar sobre a obra espírita, sem ideias preconcebidas, reconhecerá que seus princípios básicos e sua práticas fundamentam-se indiscutivelmente nos ensinamentos e exemplos de Jesus, registrados no Novo Testamento.

Imortalidade da alma

A ideia da morte sempre atormentou as criaturas humanas, conforme diz Emmanuel, na apresentação da obra "Obreiros da Vida Eterna", de André Luiz, psicografada por Francisco Cândido Xavier:

O homem moderno, pesquisador da estratosfera e do subsolo, esbarra, ante os pórticos do sepulcro, com a mesma aflição dos egípcios, dos gregos e dos

romanos de épocas recuadas. Os séculos, que varreram civilizações e refundiram povos, não transformaram a misteriosa fisionomia da sepultura. Milenário ponto de interrogação, a morte continua ferindo sentimentos e torturando inteligências.

Essa obra, editada em 1946, faz referência à estratosfera, ponto máximo até então atingido pela aeronáutica. Hoje, o Benfeitor certamente diria: *pesquisador do espaço cósmico*, porque o homem dilatou os limites de suas conquistas espaciais, mas esse avanço não se deu, na mesma proporção, no que se refere à libertação do temor da morte, pois principalmente no hemisfério ocidental, as religiões pouco têm feito no sentido de libertar a criatura humana desse temor, pelo fato de ensinarem a *sobrevivência da alma*, quando deveriam, pelo menos as que se dizem cristãs, ensinar a *imortalidade da alma*.

A imortalidade da alma não significa apenas a sobrevivência de uma parte do ser. É diferente, fundamentalmente diferente, a concepção de sobrevivência da concepção de imortalidade, pois aqueles que pregam a sobrevivência da alma admitem que uma parte do ser morre e a outra sobrevive, porque julgam terem sido os dois – alma e corpo – criados juntos, no momento da concepção. Assim pensando, é justo que digam *sobrevivência*, pois para eles, uma metade do ser morreu; a outra sobreviveu.

Mas, não é isso que se aprende, desde o Velho Testamento, onde se vê o conhecimento de que a alma existia antes da formação do corpo: *Antes que te formasse no ventre te conheci (...)* (Jer. 1:5).

Entende-se assim que morrer é apenas deixar o corpo físico, e voltar ao estado anterior àquele do nascimento, retornando à condição de Espírito livre do corpo carnal.

Prova irrefutável da imortalidade da alma foi dada a Pedro, Tiago e a João pelo próprio Mestre, que os levou a um encontro que teve com Moisés e Elias*: Seis dias depois, tomou Jesus consigo, a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu em particular a um alto monte*. *E transfigurou-se diante deles*; *o seu rosto resplandesceu como o sol, e os seus vestidos se tornaram brancos como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.* (Mt, 17: 1 a 3). Estavam tão materializados, que Pedro se propôs a fazer tabernáculos (abrigos) para cada um deles: *Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés, e um para Elias.* (Mt, 17: 4). Terminada a conversa, desapareceram Moisés e Elias, retornando ao Mundo Espiritual.

Jesus deixou lição muito clara sobre a imortalidade, que foi muito bem assimilada pelo Apóstolo Paulo, pois que este o vira vivo, depois da morte, na aparição que lhe fizera no caminho de Damasco. Com base nessa experiência pessoal, o Apóstolo explicitou, com profunda convicção a imortalidade da alma, conforme sua minuciosa explicação no capítulo 15 da sua Primeira Carta aos Coríntios:

Ora, se se prega que o Cristo ressuscitou dos mortos, como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição dos mortos? (v. 12)

E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação e também é vã a vossa fé. (v. 14)

Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. (v. 16)

Mas alguém dirá: Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão? (v.35) E é ele mesmo que responde:

Insensato! O que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer. (v. 36)

E o Apóstolo prossegue, até em tom repetitivo, buscando deixar muito claro que a alma prossegue viva, com o seu corpo espiritual, tendo apenas deixado o corpo físico pelo fenômeno da morte:

E há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes e outra a dos terrestres. (v. 40)

Pedagogicamente, continua repetindo, agora fazendo comparação com a semente que morre, e, enterrada, liberta a planta que nela já existia, em estado latente:

(...). Assim também a ressurreição dos mortos: semeia-se corpo em corrupção; ressuscitará em incorrupção. Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. (v. 42)

Paulo chama de corpo incorruptível o corpo espiritual, opondo-o ao corpo corruptível, o físico, que pode ser corrompido pela doença, pela idade ou por um acidente. E, para que não ficasse dúvida quanto ao corpo da ressurreição:

E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção. (v. 50)

Entretanto, apesar dos ensinamentos do Apóstolo, foi criado o dogma da ressurreição da carne, que atenta contra o que se lê no Novo Testamento, contra a Ciência e contra o bom senso.

Exemplo claro de que a ressurreição se dá em corpo espiritual foi dado por Jesus, cujo corpo físico fora levado nu ao sepulcro, pois era costume dos romanos despirem os crucificados, o que é comprovado pelo relato contido no Evangelho de João: *Tendo, pois, os soldados crucificado a Jesus, tomaram os seus vestidos, e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte; e também a túnica. A túnica, porém, tecida toda de alto abaixo, não tinha costura. Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos as sortes (...)* (Jo, 19: 23 e 24).

Atentemos ao que diz o Novo Testamento:

Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com as especiarias, como os judeus costumam fazer, na preparação para o sepulcro. E havia um horto naquele lugar onde fora crucificado, e no horto, um sepulcro novo, em que ainda ninguém havia sido posto. Ali, pois, (por causa da preparação dos judeus, e por estar perto aquele sepulcro), puseram a Jesus. (Jo, 20: 40 a 42)

O corpo de Jesus ainda não havia sido preparado para o sepulcro, consoante ao costume judaico, pois fora levado para lá no fim da tarde de sexta-feira, quando, para os judeus, começa o shabat, dia consagrado ao repouso semanal, que se estende até o por do sol de sábado. Como ninguém iria fazer a preparação do corpo no sábado à noite, Madalena foi ao sepulcro no domingo de madrugada, e encontrou-o aberto.

Correu, pois, e foi a Simão Pedro, e a outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram. Então Pedro saiu com o outro discípulo , e foram ao sepulcro. E os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais apressadamente do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro. E, abaixando-se, viu no chão os lençóis; todavia,

não entrou. Chegou, pois, Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro, e viu no chão os lençóis. E que o lenço que tinha estado sobre sua cabeça, não estava com os lençóis, mas enrolado num lugar à parte. (Jo, 21: 2 a 7)

Conforme se lê no relato de João, Pedro verificou minuciosamente a permanência dos panos no sepulcro, e depois retornaram. Madalena permaneceu.

Tornaram, pois, os discípulos para casa. E Maria estava chorando fora, junto ao sepulcro. Estando ela, pois, chorando, abaixou-se para o sepulcro. E viu dois anjos vestidos de branco, assentados aonde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. E disseram-lhe eles: Mulher, por que choras? E ela lhes disse: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. E, tendo dito isso, voltou-se para trás, e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus. Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde foi que o puseste, e eu o levarei. (Jo, 20: 10 a 15)

Como se vê, Jesus aparece a Madalena, completamente vestido, a ponto de ela imaginar que fosse o jardineiro:

Madalena certamente estava de costas quando conversou com Jesus, pensando que fosse o hortelão, o que fica claro no versículo seguinte: *Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Rabboni (que quer dizer, Mestre).* (Jo, 20: 16).

Se o corpo de Jesus fora tirado nu da cruz, e assim levado ao sepulcro, e tendo os panos com que o envolveram ficado no chão, como pôde o Mestre aparecer vestido a ponto de não causar espanto? É claro que usava roupa compatível com a situação em que se encontrava: a de Espírito desencarnado. Assim vestidos apareceram a Madalena os seres espirituais, falando-lhe do corpo de Jesus: *E viu dois anjos vestidos de branco, assentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira, outro aos pés.* (Jo, 20: 12). Também assim vestido, apareceu um varão ordenando ao centurião Cornélio que mandasse chamar Pedro em Jope (At, 10: 31), conforme citação nesta obra, no capítulo "Intervenção dos Espíritos no Mundo Corpóreo".

Para mostrar que estava vivo, mas não mais encarnado, não mais limitado pela matéria, Jesus, durante os quarenta dias que precederam a sua volta definitiva aos Planos Espirituais, fez o que não fizera quando ainda estava encarnado, mostrando que seu corpo espiritual, como de todos os Espíritos desencarnados, podia deslocar-se com rapidez e atravessar obstáculos físicos.

Passou a aparecer e desaparecer subitamente, conforme relata o evangelista: *Chegada, pois, a tarde daquele mesmo dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas, onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou Jesus e pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco.* (Jo, 20: 19).

Lucas relata que iam dois discípulos caminhando para Emaús – um lugarejo próximo a Jerusalém –, quando surgiu Jesus entre eles, sem se dar a conhecer. Jesus – dada a plasticidade do corpo espiritual – modificara sua fisionomia, a fim de não ser reconhecido imediatamente. Depois de conversarem com o Mestre durante algum tempo, chegaram à aldeia aonde iam, e convidaram-no para uma refeição:

E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o, e lhes deu. Abriram-se-lhes os olhos, e o conheceram, e ele

desapareceu-lhes. (Lc, 24: 30 e 31).

Qual teria sido o objetivo desse encontro de Jesus com os dois discípulos? Certamente não seria para mostrar-lhes poder, pois já o tinham visto curar cegos, aleijados, leprosos, endemoninhados... Não estaria Jesus querendo mostrar que continuava vivo, mas que não estava mais encarnado, limitado pelas leis materiais?

Além disso, não há registro de que se tenha hospedado em casa de alguém, durante os quarenta dias que medeiam a ressurreição e a sua volta definitiva aos Planos Espirituais, ou que tenha feito refeições regulares, como fazia enquanto encarnado, embora tenha comido um favo de mel e um pedaço de peixe, quando se apresentou aos onze, no cenáculo, onde estavam comentando o que acontecera durante a caminhada a Emaús: *E falando eles destas coisas, o mesmo Jesus se apresentou no meio deles, e disse-lhes: Paz seja convosco.* (Lc, 24: 36).

Jesus causou muito espanto pelo estado emocional em que se encontravam os discípulos, ante os últimos acontecimentos. Deviam estar profundamente abalados, diante do fato de terem os sacerdotes tido o poder de prender, de flagelar e de matar o Messias, que era tão poderoso. Se fizeram isso com o Mestre, o que fariam com seus seguidores? Jesus sentiu que deveria dar-lhes provas seguras da imortalidade, materializando-se ali diante deles: *E, não crendo eles ainda por causa da alegria, e estando maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que comer? Então lhe apresentaram parte de um peixe assado, e um favo de mel. O que ele tomou e comeu diante deles.* (Lc, 24: 41 a 43)

Um espírito materializado, conforme verificaram vários estudiosos, dentre os quais se destacaram Cesare Lombroso, Alexander Aksakof, William Crookes, apresenta-se com todas as características de um espírito encarnado, como se fosse uma encarnação temporária. O espírito materializado apresenta todos os órgãos do corpo físico, conforme experiências levadas a efeito por William Crookes, relatadas em sua obra “Fatos Espíritas”. Na obra “História do Espiritismo”, de Arthur Conan Doyle,[1] lê-se, num relato a respeito de um Espírito materializado: Ao falar, essas figuras movem os lábios exatamente como faziam em vida. Também foi mostrado que a sua respiração em água de cal produz a reação característica de dióxido de carbono.

1 The History of Spiritualism, trad. Júlio Abreu Filho, Editora Pensamento, São Paulo.

Corpo Espiritual

A existência do corpo espiritual e a sua independência do corpo físico, conforme ensina o Espiritismo, já era do conhecimento dos judeus mais esclarecidos, conforme se constata no relato do encontro de Jesus com Moisés e Elias (Mt, 17: 10 a 13), pois que Moisés e Elias, desencarnados há séculos, se apresentaram a Jesus e foram vistos pelos três discípulos, sem causarem o medo de *almas do outro mundo*, que foi, com o passar dos séculos, tomando conta das pessoas, por falta de firmes esclarecimentos da parte daqueles que tomaram a si a tarefa de difundir os ensinamentos de Jesus.

O sublime encontro de Jesus com Moisés e Elias, e o vigoroso testemunho de Paulo na estrada de Damasco, ao invés de se tornarem objeto de ensino, de estudo e de reflexão, objetivando a libertação do temor da morte, passaram a

ser apontados como fatos milagrosos, apenas comentados no interior dos templos, sustentados e explorados em momentos de grande emoção, sem que houvesse qualquer esforço no sentido de levá-los à análise, à compreensão, à racionalização, o que certamente conduziria as criaturas a perderem – ou ao menos diminuírem – o temor da morte, pois ao ver que Moisés e Elias continuavam vivos depois de perderem seus corpos físicos, as pessoas passariam a cultivar a certeza da sua própria imortalidade.

Essa certeza de que somos Espíritos imortais, e que usamos temporariamente um corpo mortal, nasce naturalmente naquele que estuda o Espiritismo, que resgatou-a do Novo Testamento. O estudo, a reflexão em torno desses ensinamentos leva a criatura humana a desenvolver um estado de consciência a que se pode chamar de cidadania espiritual. Como consequência, aprende-se que, ao dormir, o Espírito encarnado deixa o corpo físico, num fenômeno semelhante ao da morte. A única diferença é que esse afastamento não é definitivo, pois o Espírito fica ligado ao corpo por um cordão fluídico, que só é cortado quando o corpo morre. O conhecimento da capacidade de o espírito afastar-se do seu corpo físico era conhecida dos judeus, conforme se lê em duas passagens do Novo Testamento, citadas em Atos dos Apóstolos:

E, tendo passado por Mísia, desceram a Troas. E Paulo teve de noite uma visão, em que se apresentou um varão da Macedônia, e lhe rogou, dizendo: Passa na Macedônia, e ajuda-nos. *E, logo depois desta visão procuramos partir para a Macedônia, concluindo que o Senhor nos chamava para lhes anunciarmos o Evangelho.* (At, 16: 9 e 10)

Vê-se perfeitamente que o Apóstolo sabia que aquele homem dormira, lá na Macedônia, com o desejo de encontrar-se com ele, pois deixara seu corpo físico dormindo e fora procurá-lo em Troas, a fim de pedir-lhe ajuda. Médium vidente, cuja mediunidade começara a se desenvolver desde que vira Jesus na Estrada de Damasco, Paulo pôde ver aquele homem e ouvir-lhe o apelo.

Os escritos de Paulo mostram que ele assumira a sua cidadania espiritual, ou seja, tinha consciência plena de ser um espírito imortal habitando um corpo carnal, mortal, conforme ele próprio diz: *enquanto estamos no corpo*. Reconhecia, ao mesmo tempo, que durante o tempo em que o espírito está ligado ao corpo físico perde um tanto a noção dos valores espirituais:

Pelo que estamos de bom ânimo, sabendo que, enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor. (II Co, 5 e 6).

Uma leitura atenta do Novo Testamento mostra que as interpretações dos seus textos foram se tornando tendenciosas, pois foram sendo deixados de lado os ensinamentos libertadores – vivenciados pelos cristãos dos primeiros tempos – a respeito da vida espiritual, sendo introduzidos outros, que levavam a criatura humana temer a morte, em quadros tétricos, onde o espírito imortal, sublime criação divina, apenas por ter perdido seu invólucro material, se tornara agente de pavor, passando, não raro, de ente querido a fantasma atemorizador!

Outra passagem que atesta a naturalidade com que os judeus tratavam esse assunto é também demonstrada em Atos dos Apóstolos, cap. 12: Pedro estava preso, guardado por dois soldados.

E eis que sobreveio um anjo [2] *do Senhor, e resplandesceu uma luz na prisão; e, tocando Pedro na ilharga, o despertou, dizendo: Levanta-te*

depressa. E caíram-lhe das mãos as cadeias. E disse-lhe o anjo: Cinge-te e ata as tuas alparcas, e segue-me. (vs. 7 e 8).

Pedro, libertado da prisão altas horas da noite, procurou a casa de Maria, mãe de João Marcos, batendo à porta. Uma menina reconhece-lhe a voz, mas não lhe abre a porta, indo anunciar a boa nova no interior da casa. Mas não creram nela, pois àquela hora da noite não era costume libertar-se um prisioneiro, e nem era fácil alguém fugir da prisão. Por isso, aventaram a possibilidade de ser Pedro, desdobrado pelo sono físico, que ali estava a bater, pois disseram à menina: *Estás fora de ti, mas ela afirmava que assim era. E diziam: É o seu anjo.* (At, 12: 15) Vê-se claramente que *anjo* significava Pedro fora do corpo físico, pelo fenômeno do desdobramento pelo sono, conforme visto acima, na visão de Paulo em Troas. Jamais poderiam imaginar fosse o seu anjo da guarda, Espírito guardião de Pedro, pois se o fosse, estaria mentindo.

Com o passar do tempo, os teólogos apagaram esse entendimento de que somos seres imortais, que temos a posse temporária de um corpo mortal, passando a ensinar que somos corpos que temos uma alma, o que leva muitos a um temor doentio da morte que, por essa perspectiva tétrica, destruiria metade do ser.

Infelizmente, os estudos teológicos das várias correntes religiosas que se formaram a partir dos fatos relatados no Novo Testamento não atentam para o conhecimento real da vida espiritual que o Apóstolo Paulo demonstra ter. Com uma convicção inabalável, ele fala não como um homem que tem alma, mas como um Espírito imortal que tem a posse de um corpo carnal durante sua vida física, alertando que essa situação temporária faz esquecer os deveres maiores do espírito:

Pelo que estamos sempre de bom ânimo, sabendo que, enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor (II Co, 5: 6)

Mas temos confiança e desejamos antes de deixar este corpo, para habitarmos com o Senhor. (II Co, 5: 8)

E, mais uma vez, declara sua cidadania espiritual, sempre conceituando o corpo como mero instrumento de uso temporário:

Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal. (II Co, 5: 10)

[2] A palavra anjo, de acordo com sua origem, em Grego, significa *mensageiro*. Não há nenhuma fundamentação histórica para se crer que um Espírito tenha aparecido com aquelas asas enormes que pinturas e esculturas apresentam. No Novo Testamento não há nenhuma referência a Espíritos alados. Essa inovação apareceu por obra de pintores e escultores que, imaginando terem esses mensageiros chegado voando, deveriam ser alados como os pássaros. Infelizmente, os teólogos não tiveram a lucidez necessária para orientá-los.

Reencarnação:

A volta do Espírito ao mundo corpóreo é conhecida desde tempos remotos. Os Hindus, os Egípcios e os Gregos sabiam que a alma poderia voltar à Terra, usando um novo corpo. Esses povos acreditavam que, por efeito de

determinada punição, essa volta à vida física poderia dar-se até num corpo animal.

Também os Judeus sabiam da volta do Espírito ao mundo corpóreo, mas não há referências que imaginassem pudesse esse retorno dar-se num corpo que não fosse humano. A reencarnação, para eles, ocorria em algumas situações um tanto especiais: ou para concluir o que não tivessem conseguido terminar numa vida, ou para serem punidos, face a males praticados.

Quando o doutor da lei perguntou a Jesus: *Mestre, que farei para herdar a vida eterna?* (Lc, 10: 25), não estaria ele querendo que Jesus lhe ensinasse alguma fórmula especial, uma espécie de atalho, que o desobrigasse de voltar à Terra, numa nova encarnação? É difícil imaginar que o doutor da lei estivesse se referindo à obtenção da imortalidade, pois os Judeus tinham convicção profunda a esse respeito. Tudo indica que ele pretendia lhe ensinasse Jesus um procedimento que o livrasse do retorno aos trabalhos do mundo, como acontece ainda hoje com pessoas que, ao se inteirarem da reencarnação – sem levarem em conta a necessidade evolutiva –, solicitam expedientes que lhes possibilitem não terem mais que voltar à Terra...

Há outra situação em que os Judeus julgavam ser possível a reencarnação: o cumprimento de missão. O exemplo mais claro é o da esperada volta do Profeta Elias para a preparação dos caminhos do Messias, conforme atesta o próprio Mestre:

E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. (Mt, 10: 25), referindo-se a João Batista.

Coube ao Espiritismo trazer o conhecimento da reencarnação ao mundo ocidental, e o fez dando uma visão muito mais ampla e profunda, demonstrando que todos os Espíritos reencarnam, não apenas para a solução de equívocos de uma vida passada, ou para o cumprimento de determinada missão, mas pela necessidade inerente a toda a criação: o imperativo do progresso, da evolução.

Em verdade, ainda que não houvesse nenhuma afirmação a respeito da pluralidade das existências, ela seria depreendida como necessidade absoluta, face à amplitude do programa de aperfeiçoamento da alma apresentado por Jesus, através do Evangelho. De quantos milênios vamos necessitar para pormos em prática, integralmente, um ensinamento como esse:

Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos perseguem e caluniam. (Mt, 5: 44)?

De quantos milênios vamos necessitar, nós Espíritos ainda vacilantes entre o bem e o mal, que não sabemos amar plenamente nem os amigos? O Codificador demonstra sua visão lúcida a respeito do assunto, quando inquire os Espíritos:

Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se? (O L. E. 166)

A reencarnação – opondo-se frontalmente à salvação gratuita pela fé – dignifica o Espírito imortal, que vai galgando os degraus do aperfeiçoamento ao longo dos milênios sucessivos, crescendo em sentimento e intelectualidade, num trabalhoso processo de exteriorização da herança divina, concedida igualmente a todos os Espíritos. No nascedouro, todos absolutamente iguais. As diferenças individuais, portanto, não decorrem de capricho divino, mas sim do empenho de cada Espírito no sentido de promover o seu próprio progresso.

Nesse caminhar, vai recebendo, por justiça, os frutos de todo o bem semeado, e, em função dessa mesma justiça, é compelido a reparar os males praticados, mas não em igual medida, graças à misericórdia divina.

O Espiritismo, ao resgatar do Novo Testamento, e revelar ao mundo ocidental a reencarnação, prova que a verdade religiosa não é incompatível com a verdade científica, explicando que a evolução do Espírito caminha *pari passu* com a evolução física demonstrada por Darwin, ao tempo em que resgata diante da consciência humana um dos atributos básicos de um Ser Perfeito: a Justiça. Tudo provém de uma mesma fonte, todos partimos de um mesmo ponto, dotados da mesma potencialidade evolutiva, conforme ensinaram os Espíritos:

É assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo ao arcanjo, que também começou por ser átomo. (O L. E. 540).

Por conhecer essa luz divina imanente em toda a criação, é que Jesus lançou o desafio evolutivo:

Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens (...). (Mt, 5: 16).

A evolução do Espírito fica muito evidente nas palavras de Jesus, quando se declara, ele também, um Espírito em evolução:

Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas (...). (Jo, 14:12).

É verdade que no dia em que chegarmos a fazer o que o Mestre fazia à época em que pronunciou essas palavras – daqui a alguns milhões de anos –, pensando que nos igualamos a ele, ele estará ainda à nossa frente, pois ele disse que poderíamos fazer obras maiores do que as que ele fazia, mas não disse que nós o ultrapassaríamos. Ultrapassaremos o ponto evolutivo em que ele se encontrava naquele dia, mas ele estará ainda à nossa frente, de vez que a evolução é infinita. E nós nem sabemos o que é infinito, a não ser através de uma definição terrivelmente circular: *aquilo que não tem fim*!

Kardec, em brilhante ensaio (O L. E. 222), defende, com argumentação irretorquível, o imperativo da reencarnação sob a ótica da justiça e da misericórdia de Deus. É um trabalho monumental, até hoje não contestado por filósofo ou teólogo algum. Muitos livros foram escritos tendo como tema a reencarnação, mas não se conhece nenhum trabalho sério que rebata os argumentos ali apresentados.

Aos argumentos alinhados pelo Codificador, pode-se ainda acrescentar uma série de outros, graças aos esclarecimentos trazidos pelo Espiritismo:

Se o Espírito fosse criado juntamente com o corpo, como ficaria a justiça divina ante a flagrante diferença que existe entre as oportunidades deferidas ao homem e à mulher, na família, na sociedade e até mesmo nas religiões? Seria o caso de a mulher perguntar – e muitas perguntam – por que Deus as criou mulheres, sem as consultar, para sofrerem, em muitos casos, cerceamento de liberdade por parte dos pais, e depois as exigências e, não raro, a brutalidade dos maridos, enquanto lhes pesam nos ombros as sérias responsabilidades no encaminhamento e na manutenção da saúde dos filhos? O Espiritismo, dentro de uma visão evolucionista, mostra que o Espírito não tem sexo, podendo encarnar-se como homem ou como mulher, segundo o seu livre-arbítrio, ao longo dos milênios sucessivos.

De acordo com a doutrina da unicidade das existências, a criação de novas almas não seria decorrente da vontade do Criador, mas estaria sujeita ao

arbítrio dos casais, pois que poderiam usar um contraceptivo, impedindo Deus de usar o Seu poder de criar uma nova alma. O Espiritismo nos ensina que, ao usar qualquer recurso anticoncepcional, um casal apenas impede que um Espírito, já criado por Deus, que já encarnou-se outras vezes, volte à Terra para uma nova etapa de aprendizagem.

No caso de um estupro, por que se valeria Deus de um ato de violência, de ultraje, de desrespeito, para criar um Espírito? Onde estaria a justiça divina, se outros são criados, ao contrário, em momentos de amor sublime, como filhos altamente desejados? Por que teria esse Espírito, fruto de uma violência, de ficar estigmatizado por toda a Eternidade? Através dos esclarecimentos da Doutrina Espírita, sabe-se que o acontecimento brutal que se deu tem causas anteriores, e que o Espírito que se reencarna, aceitando ou sendo compelido a aceitar uma situação dessa natureza, tem ligações de natureza vária, estabelecidas no passado, principalmente com aquela que lhe será mãe.

Se não houvesse experiências anteriores, como explicar a rebeldia, a brutalidade, o mau caráter de um filho que tem toda uma ancestralidade constituída de pessoas dignas? Alguém poderá objetar, dizendo que é herança genética de um parente longínquo. Mas que culpa têm os pais? Por que Deus permitiria que esses *gens* danosos entrassem na formação daquela alma? A prosperar essa idéia, chegar-se-ia ao absurdo de, no esforço de impedir Deus de criar Espíritos de mau caráter, dever-se-ia esterilizar todos os que não fossem portadores de virtudes. Seria assim fácil *aperfeiçoar* a raça humana, como pretenderam, no campo físico, os cultores da louca teoria da raça pura.

O Espiritismo esclarece que ninguém herda inteligência, virtudes ou defeitos morais, por serem atributos do Espírito, que os traz como bagagem própria, intransferível quando reencarna. Se um casal tem um filho que lhes nega as linhas morais da família, trata-se de um Espírito que foi por eles adotado, em função do desejo de auxiliá-lo, ou o receberam como consequência de um passado comprometido com ele,

(...) Os laços de sangue não criam forçosamente os liames entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porquanto o Espírito já existia antes da formação do corpo. (O E.s.E. cap. 14: 8).

Dentro dessa linha de raciocínio, chega-se à conclusão que todos os filhos são adotivos, enquanto Espíritos criados por Deus. O casal apenas fornece o invólucro corporal. Diga-se, de passagem, que, para um ajustamento de linguagem, dever-se-ia dizer: filhos consanguíneos e não-consanguíneos, porque todos são adotivos.

A doutrina reencarnacionista é a única que não é racista, pois demonstra que Deus não seria justo se criasse um Espírito imortal dentro de uma raça. O Espírito é criado por Deus e evolui, passando pela humanização, no processo de angelizar-se. Ao humanizar-se, encarna-se inúmeras vezes, nas mais variadas raças, mas seu início, sua criação não está vinculada a grupo étnico nenhum. A bem dizer, todos os Espíritos pertencem a uma única raça, pertencem à raça divina, porque filhos de Deus.

Coube ao Espiritismo resgatar a reencarnação que, embora claramente explicitada no Novo Testamento, e aceita nos primeiros séculos do movimento cristão, foi banida a partir do século VI no Catolicismo Romano.

No Novo Testamento há muitas referências às vidas sucessivas, algumas

citadas nesta obra, no capítulo **Intervenção dos Espíritos no Mundo Corpóreo**, com referência à reencarnação do profeta Elias na pessoa de João Batista.

O próprio Mestre quis deixar bem claro que os judeus sabiam da reencarnação, conforme se vê nessa passagem:

E chegando Jesus às partes de Cesareia de Filipo, interrogou seus discípulos dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem?

E eles disseram: Uns João Batista, outros Elias e outros Jeremias ou um dos profetas. (Mt, 16: 13 e 14)

Jesus, naturalmente, não precisava interrogar os discípulos para saber o que eles tinham ouvido dizer ou o que pensavam, mas ele queria deixar claro que os judeus sabiam da reencarnação. A resposta mostra que os judeus tinham conhecimento da reencarnação, pois não poderiam pensar em ressurreição de algum profeta, no corpo que tiveram no passado, diante do fato de Jesus ser jovem e os profetas terem desencarnado já velhos. Em verdade, muitos não sabiam se ele era o Messias ou se era Elias que voltara.

Os judeus sabiam que o profeta Elias voltaria para preparar os caminhos do Messias, mas tinham dúvida quanto ao seu reconhecimento. Ao verem João Batista falando das coisas de Deus com tanta autoridade, mandaram procurá-lo.

E este é o testemunho de João, quando os judeus mandaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para que lhe perguntassem: Quem és tu? E confessou, e não negou; confessou: Eu não sou o Cristo. E perguntaram-lhe: Então quê? És tu Elias? E disse: Não sou. És tu profeta? E respondeu: Não.

Disseram-lhe pois: Quem és? Para que demos resposta àqueles que nos enviaram; que dizes de ti mesmo?

Disse: Eu sou a voz que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías. (Jo, 1: 19 a 23)

Vê-se claramente que os judeus sabiam da reencarnação, pois andavam pesquisando se a profecia da volta de Elias já se havia cumprido. De fato, João não se lembrava de ter sido Elias, pois se se lembrasse, de que tinha – quando Elias – patrocinado a morte dos quatrocentos e cinquenta sacerdotes de Baal (I Rs, 18:40), não teria autoridade para dizer:

Este é aquele que vem após mim, que foi antes de mim, do qual não sou digno de desatar a correia da alparca. (Jo, 19: 27).

João, ele próprio, sabia que tinha vindo para preparar os caminhos do Messias:

Vós mesmos me sois testemunhas de que disse: Eu não sou o Cristo, mas sou enviado adiante dele: (Jo, 4: 28).

O diálogo entre Nicodemos e Jesus revela claramente que os judeus sabiam da reencarnação, mas Nicodemos queria uma afirmação do próprio Mestre, por isso, pergunta-lhe:

Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele.

Jesus respondeu e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.

Disse-lhe, então Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer? (Jo, 3: 4).

Jesus estranha o fato de Nicodemos, um mestre em Israel, não saber da reencarnação, ou dela não ter certeza:

Jesus respondeu, e disse-lhe tu és mestre em Israel, e não sabes isto? (Jo, 3: 10)

Mediunidade

Embora a proposta desta obra seja a de demonstrar as raízes do Espiritismo no Novo Testamento, vamos recuar um pouco mais, alcançando o Velho Testamento, que retrata várias situações de prática mediúnica.

A mediunidade é conhecida e registrada desde tempos remotíssimos. Conheceram-na, hindus, egípcios, gregos e hebreus. Os registros mais acessíveis encontramo-los no Judaísmo, no assim chamado profetismo. Todos os reis de Israel eram aconselhados por profetas, quando eles próprios não o eram. Os profetas, além de anunciarem, por séculos seguidos, a vinda de Jesus, tiveram presença marcante nas cortes de Israel, cujos reis recebiam, através deles, orientações e até severas admoestações do Mundo Espiritual. Os reis, que não raro eram prepotentes, por não gostarem das advertências recebidas, às vezes ordenavam severos castigos aos profetas, conforme registra Paulo:

Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de pele de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados. (Heb, 11: 37).

O Velho Testamento registra inúmeros fenômenos mediúnicos, como esse diante da corte do rei Baltazar:

Na mesma hora apareceram uns dedos de mão de homem e escreviam, diante do castiçal, na estucada parede do palácio real; e o rei via a parte da mão que estava escrevendo. (Dan, 5: 5).

Diante do fato de ninguém entender o que havia sido escrito, o rei, que se pusera a tremer, mandou chamar astrólogos caldeus e adivinhadores, prometendo grandes prêmios a quem adivinhasse o teor da mensagem. Mas, nada conseguiram. Diante disso, a conselho da rainha, foi chamado Daniel, já conhecido pela sua sabedoria e prudência. O rei ofereceu-lhe roupa de púrpura e cordão de ouro, e posição de relevo na corte, como o fizera aos adivinhos, mas Daniel recusou qualquer recompensa. Corajosamente, traduziu a mensagem que dizia ter Baltazar caído em desgraça diante de Deus.

No capítulo 3, do Primeiro livro de Samuel, este, pela sua mediunidade nascente, informa ao sacerdote Eli que ele havia caído em desgraça diante de Deus por não educar convenientemente seus filhos. Nesse mesmo livro, no capítulo 28, intitulado *Saul consulta uma pitonisa de Endor,* pelo tradutor João Ferreira de Almeida, lê-se que o rei Saul, cujo conselheiro de sua corte, o profeta Samuel, já havia desencarnado, faz procurar nos arredores alguém que pudesse pô-lo em contato com o referido conselheiro, claro, agora por via mediúnica. Encontrada a pitonisa, através dela o rei Saul, embora disfarçado,

recebe mediunicamente severa admoestação de Samuel e o aviso de que se entrasse na batalha contra os Filisteus, a cujas vésperas se encontrava, morreria ele e morreriam seus filhos. A belicosidade venceu. Saul, que buscara não conselho, mas apoio, entrou na batalha, morrendo ele e seus dois filhos, como previsto pelo Espírito Samuel. (I Sam, 28)

É triste notar que, justamente no campo religioso, onde deveriam ser postas em relevo a seriedade, a verdade, encontrem-se distorções como essas, que evidenciam até onde a paixão é capaz de distorcer, de ofuscar a verdade: Em traduções mais modernas, a palavra *pitonisa* foi substituída por *médium*, sobressaindo-se uma que diz *médium espírita*. (Edição da Watchtower Bible and Tract Society of New York, Inc, 1967). A impropriedade da expressão é flagrante, pois se existem médiuns desde todo o sempre, Espiritismo só existe a partir de 1857, quando Kardec cunhou os vocábulos *Espiritismo*, *espiritista* e *espírita*. Foi ele quem tomou ao Latim a palavra *medium*, na sua forma original, para designar o intermediário, o profeta, em linguagem própria do Espiritismo. Por aí pode-se avaliar o grau de desconhecimento, ou o desejo de confundir...

Há, ainda, os que invocam a proibição de se consultarem os mortos, contida no livro Deuteronômio, capítulo 18, a ela referindo-se como *lei de Deus*. Como se sabe, as Leis de Deus são as dos *Dez Mandamentos.* A referida proibição faz parte dos regulamentos disciplinares de Moisés, que pretendeu, com essa medida, coibir os abusos do intercâmbio mediúnico – com o que o Espiritismo concorda plenamente – com a única diferença de não proibir, mas apenas desaconselhar, vez que o Espiritismo não proíbe nada... A mediunidade, segundo se aprende no Espiritismo, deve ser usada para fins nobres, de interesse geral, e não para conversa miúda.

Deve-se ressaltar, entretanto, que a própria proibição de Moisés constitui prova concludente a respeito da existência do fenômeno mediúnico, da comunicação de espíritos, pois ninguém proíbe o que não existe. As leis são sempre feitas *a posteriori*, isto é, para regulamentar ou mesmo proibir uma atividade já existente. Nesse contexto, é de se perguntar por que não há lei que proíba alguém voar sobre o quintal do seu vizinho? Simplesmente porque o homem não voa. Mas, no momento em que se inventar um aparelho que possibilite o voo individual ao homem, haverá certamente leis que irão resguardar a privacidade das pessoas, prevendo até punição àqueles que as transgredirem. A própria existência da lei constituirá prova cabal de que, a partir de determinada época, o homem começou a voar...

Quem pode negar a condição de médium aos profetas bíblicos? A palavra *profeta,* na sua origem, já indica a condição de medianeiro, de intermediário. A edição da Bíblia Sagrada da Editora das Américas, 1950 (vol. 15), na sua Introdução Geral dos Livros do Antigo e Novo Testamentos, diz que os homens que recebiam as manifestações divinas eram conhecidos por *nebi-in* (plural de *nabi*), que significa *aquele que fala em nome de alguém*. Quando os textos bíblicos começaram a ser traduzidos em Grego, a palavra *nabi* foi traduzida pelo termo *prophetes*.

O termo grego é formado pelo prefixo *pro,* que significa *em lugar de* e *phetes*, que quer dizer *locutor*, logo aquele que fala em lugar de alguém, por alguém.

A Enciclopædia Britannica (edição original) diz que a origem da palavra *nabi*

é obscura, mas que suas derivações significam *intensa excitação*, reportando-se a uma palavra assíria que significa *cair em transe*.

Algumas enciclopédias, como a Britannica e a Americana mostram o verdadeiro significado da palavra: A Britannica diz que profeta em Grego clássico quer dizer *aquele que, ao falar, não o faz pelos seus pensamentos, mas por uma revelação "de fora".* Cita Platão: *Não devem ser chamados profetas aqueles que simplesmente interpretam oráculos, mas aqueles que falam em transe.*

No dicionário de Funk & Wagnalls, lê-se: *no contexto bíblico, profetizar é pronunciar verdades religiosas sob inspiração divina, não necessariamente predizer acontecimentos futuros, mas admoestar, exortar, confortar*. (apud *As Marcas do Cristo*, de Hermínio Miranda). Exatamente como entende o Espiritismo: os profetas bíblicos eram médiuns! E existiram profetas maiores, que se notabilizaram, deixando seus nomes na História, e outros de menor expressão, que passaram anônimos. O mesmo ocorre na atualidade com os médiuns, sejam eles espíritas ou não.

É relevante que se diga que o Dicionário da Bíblia, de John D. Davis (1962), em seu verbete *Espírito Familiar* diz: *Espírito de uma pessoa falecida que os médiuns invocavam para consultas, que parecem falar desde a terra, ou encarnar-se* (sic) *no médium, homem ou mulher*.

As citações da mediunidade contidas no Velho Testamento revelam o seu uso prático, esporádico, não necessariamente vinculado à vivência religiosa. No Novo Testamento, constata-se que essa atividade passa a ser orientada e usada no meio religioso, sendo mesmo estimulada. No Cristianismo nascente, a presença da mediunidade foi marcante. É digna de nota a naturalidade com que são relatados os fenômenos mediúnicos no Novo Testamento. O Apóstolo Paulo, seguramente a maior autoridade em assuntos mediúnicos do seu tempo, escreveu o primeiro *livro dos médiuns* de que se tem notícia. O Apóstolo revela profundo conhecimento do fenômeno em sua Primeira Carta aos Coríntios, nos capítulos 12 e 14. Paulo, reconhece o exercício mediúnico como atividade útil, e recomenda o seu desenvolvimento:

Segui a caridade, e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar. (14:1).

No capítulo 12, Paulo assim se refere à mediunidade:

Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil. (12:7).

E passa, a seguir, a enumerar os vários tipos de mediunidade, que João Ferreira de Almeida, na sua tradução da Vulgata Latina para o Português, intitula: *Acerca da diversidade dos dons espirituais:*

Porque a um pelo Espírito é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência. (12: 8).

Paulo continua enumerando os *dons*, falando da mediunidade de cura, de efeitos físicos, a que ele chama *operação de maravilhas*. (A Parapsicologia diz *ectoplasmia)*. Chega mesmo a dizer do *dom de discernir espíritos* (12:10), que pode ser interpretado como a mediunidade intuitiva que deve ter aquele que dirige uma reunião mediúnica, a fim de saber com que espírito dialoga através de um médium.

Refere-se também à *capacidade de falar línguas*, mediunidade que o Espiritismo cataloga como *xenoglossia*. Mas, com o bom senso que lhe

conhecemos, Paulo adverte judiciosamente, numa demonstração de que entendia a mediunidade como prática útil, construtiva, edificante:

E, se alguém falar língua estranha, faça-se isso por dois, ou quando muito, por três, e por sua vez, que haja intérprete. Mas, se não houver intérprete, esteja calado na igreja, e fale consigo mesmo e com Deus. (14: 27 e 28)

Paulo entendia o exercício mediúnico como atividade eminentemente construtiva, não se perdendo ele em encantamentos místicos. É dentro dessa perspectiva que ele recomenda:

E falem dois ou três profetas, e os outros julguem. (14: 29).

Essa passagem está inserida num trecho a que João Ferreira de Almeida, em sua tradução, intitulou: *A necessidade de ordem no culto*. O que demonstra ter também o tradutor entendido que a prática mediúnica requer controle e avaliação. O *culto* referido acima é, no Espiritismo, denominado *reunião mediúnica*.

Essa necessidade de análise das comunicações é enfatizada também por João, quando diz:

Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. (I Jo, 4: 1)

Essas duas passagens, primeiro a de Paulo, recomendando seja feito um julgamento após duas ou três comunicações, e a de João, no sentido de se verificar a índole do espírito que se comunica, servem de resposta aos que dizem que é o *Demônio* que sempre se comunica. Ora, se se comunicassem apenas espíritos voltados ao mal, nem um nem outro teria feito recomendações no sentido de serem feitas as verificações e avaliadas as comunicações. Teriam, simplesmente, dito que todas as comunicações deveriam ser recusadas por serem produzidas por espíritos malignos, como querem aqueles que, teimosamente, negam a mediunidade.

Há, ainda no Novo Testamento outras referências ao profetismo:

... e os vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos. (At, 2: 17).

E, no dia seguinte, partindo dali Paulo, e nós que com ele estávamos, chegamos a Cesareia; e, entrando em casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele. E tinha este quatro filhas donzelas, que profetizavam. (At, 21, 8 e 9)

E, demorando-se ali por muitos dias, chegou da Judeia um profeta, por nome Ágabo. (At, 21: 11).

O cuidado com a condição moral do intermediário não se restringe a esses dois pronunciamentos feitos no meio religioso. A Enciclopædia Britannica (edição original), no seu verbete *profeta* registra a seguinte advertência, contida no *Didaquê ou Os Ensinos do Senhor através dos seus Doze Apóstolos,* que recomenda: *O profeta somente é digno de acatamento e respeito se a sua piedade é indubitável e a sua conduta digna do Senhor.* (Tradução do Autor).

Allan Kardec, no diálogo que manteve com os Espíritos Superiores na codificação do Espiritismo, interrogou-os a respeito do profeta:

Qual o caráter do verdadeiro profeta? (O Livro dos Espíritos, 624)

E recebeu esta resposta, que não deixa nenhuma dúvida quanto à coerência com o que disseram os Apóstolos Paulo e João*:*

O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Podeis reconhecê-lo pelas suas palavras e pelos seus atos. Impossível é que Deus se sirva da boca do mentiroso para ensinar a verdade. (O Livro dos Espíritos, 624)

E, seguindo as sábias e inspiradas orientações de Paulo, insere em "O Livro dos Médiuns" judiciosa advertência do Espírito Erasto, obtida mediunicamente: *Melhor é repelir dez verdades a admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea.* (item 230)

Intervenção dos Espíritos no Mundo Corpóreo

A intervenção de Espíritos no mundo corporal, que o Espiritismo demonstra em seus ensinamentos, conforme enunciado no cap. 9 da II Parte de *O Livro dos Espíritos*, já era conhecida dos Judeus, como se constata nos relatos em toda a Bíblia, mas de modo mais convincente no Novo Testamento, onde uma verdadeira interação do plano espiritual com o plano material é facilmente constatável a todo aquele que se debruce sobre os textos sem ideias preconcebidas.

Ao longo dos séculos, a vinda do Messias foi proclamada através dos profetas, que anunciavam a volta do Profeta Elias, a fim de preparar-lhe o caminho. Essa volta de Elias foi anunciada diretamente, numa intervenção do Alto, por um Espírito, ao seu futuro pai:

Existiu, no tempo de Herodes, rei da Judeia, um sacerdote chamado Zacarias, da ordem de Abias, e cuja mulher era das filhas de Arão, e o seu nome era Isabel.

E eram ambos justos perante Deus, andando sem repreensão em todos os mandamentos e preceitos do Senhor.

E não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos eram avançados em idade.

E aconteceu que, exercendo ele o sacerdócio diante de Deus, na ordem de sua turma.

Segundo o costume sacerdotal, coube-lhe em sorte entrar no templo do Senhor para oferecer o incenso.

E toda a multidão do povo estava fora, orando, à hora do incenso.

E um anjo do Senhor lhe apareceu, posto em pé, à direita do altar do incenso.

E Zacarias, vendo-o, turbou-se, e caiu temor sobre ele.

Mas o anjo lhe disse: Zacarias, não temas, porque tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João;

E terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento.

Porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe;

E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus (...) E irá diante dele no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos (...). (Lc, 1: 5 a 17).

Outra intervenção notável é relatada em Atos dos Apóstolos:

E havia em Cesareia um varão por nome Cornélio, centurião da corte chamada italiana. Piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa, o qual fazia

muitas esmolas ao povo, e de contínuo orava a Deus. Este, quase à hora nona do dia, viu claramente numa visão um anjo de Deus, que se dirigia para ele e dizia: Cornélio. O qual fixando nele, e muito atemorizado, disse: Que é Senhor? As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para memória diante de Deus. Agora, pois, envia homens a Jope, e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro. Este está com um certo Simão curtidor, que tem a sua casa junto do mar. Ele te dirá o que deves fazer. (At, 10: 2 a 6).

Note-se que é de tal objetividade a mensagem, que chega a conter o endereço de onde se encontrava Pedro.

Obedecendo o aviso recebido, o centurião Cornélio enviou uma pequena comitiva à casa onde Pedro estava hospedado. Quando a comitiva chegou, Pedro realmente encontrava-se na casa de Simão, o curtidor, no terraço. Entretanto, ele por certo não atenderia o convite – pelo fato de os discípulos de Jesus não pregarem a Boa Nova a quem não fosse judeu –, mas ele recebeu uma ordem espiritual:

(*...) disse-lhe o Espírito: Eis que três varões te buscam. Levanta-te pois, e desce, e vai com eles, não duvidando; porque eu os enviei."* (At, 10: 20 e 21)

Pedro atendeu e foi ao encontro de Cornélio. Ao chegar à casa do centurião, é recebido pessoalmente por ele, que reunira parentes e amigos mais íntimos.

E aconteceu que, entrando Pedro, saiu Cornélio a recebê-lo, e, prostrando-se a seus pés, o adorou. Mas Pedro o levantou, dizendo: Levanta-te, que eu também sou homem. (At, 10, 25 e 26).

É de se notar que Pedro, embora respeitadíssimo entre seus compatriotas, que lhe conheciam a elevada estatura espiritual, não permitiu que um ser humano se ajoelhasse diante dele. Essa frase lapidar deveria estar insculpida na consciência de todos aqueles que, ao longo dos tempos, foram investidos de poderes nos movimentos cristãos do mundo...

Mas, Pedro estranhou o fato de um centurião, uma autoridade romana, tê-lo mandado chamar:

(...) Pergunto, pois, por que razão mandastes chamar-me? (At, 10: 29).

E obteve a seguinte resposta:

Há quatro dias estava eu em jejum até esta hora, orando em minha casa à hora nona. E eis que diante de mim se apresentou um varão com vestes resplandescentes, e disse: Cornélio, a tua oração foi ouvida (...). Envia, pois, a Jope e manda chamar Simão, o que tem por sobrenome Pedro; este está na casa de Simão o curtidor, junto do mar, e ele, vindo, te falará." (At, 10: 30 a 32)

Note-se que Cornélio, ao descrever a aparição, disse que lhe aparecera *um varão com vestes resplandescentes.* Daí pode-se deduzir que o Espírito tinha a forma perfeita de um homem, que fez resplandescerem suas vestes talvez para não ser confundido com um encarnado. Deve-se notar que a palavra *anjo*, encontrada frequentemente no Novo Testamento, significa, segundo sua origem, *mensageiro*. Mas, graças à criatividade de artistas, esses seres espirituais, ao serem representados em pinturas e esculturas foram dotados de asas, talvez inspirados no Velho Testamento, onde se encontram algumas descrições, de seres espirituais até com seis asas (Is, 6: 2). Entretanto, no Novo Testamento, nada há que justifique tais figuras. Infelizmente, aqueles que passaram a liderar as comunidades cristãs nada fizeram no sentido de impedir tal prática, que passou a criar imagens mentais fantasiosas e irreais na

mente das pessoas.

Outra intervenção espiritual foi a libertação de Pedro, já citada, que se deu graças à ação de um Espírito que fez caírem as correntes que o prendiam*:*

E eis que sobreveio o anjo do Senhor, e resplandesceu uma luz na prisão; e, tocando a Pedro na ilharga, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa. E caíram-lhe das mãos as cadeias. E disse-lhe o anjo: Cinge-te e ata tuas alparcas. E ele o fez assim. Disse-lhe mais: Lança às tuas costas a tua capa, e segue-me. (At, 12: 7 e 8)

Não só em Atos, mas também o evangelista Lucas é claro ao relatar a intervenção de dois Espíritos, que se dirigiram às mulheres que chegaram ao sepulcro a fim de preparar o corpo de Jesus:

E aconteceu que, estando elas perplexas a esse respeito, eis que pararam junto delas dois varões, com vestidos resplandecentes. E, estando elas muito atemorizadas, e abaixando o rosto para o chão, eles lhes disseram: Por que buscais o vivente entre os mortos? (Luc, 24: 4 e 5)

Infelizmente, por não terem esses acontecimentos sido levados ao conhecimento do grande público como educação espiritual, a ser efetivada no âmbito religioso, e lá discutidos como ensinamento libertador, a aparição e a intervenção de Espíritos ficou na área do sobrenatural, dando origem a incríveis estórias, criando na imaginação popular o terrível medo de "almas do outro mundo", a ponto de muitas pessoas temerem seres amados que, simplesmente porque deixaram o corpo físico, foram promovidas a fantasmas e passaram a causar horror.

Grande, muito grande é a responsabilidade de grupos religiosos que optaram por sonegar ao público essas informações preciosas, pois assim agindo, transformaram a formosa mensagem cristã em religiões semimaterialistas, algumas atribuindo quase exclusivamente ao Demônio o poder de intervir na vida humana.

Atuação religiosa não profissional

O Espiritismo não tem sacerdócio organizado e não admite, em absoluto, o profissionalismo religioso. A começar por Allan Kardec, que sempre se manteve ganhando seu sustento como professor, nada recebendo pela publicação dos livros editados. Nesse padrão de conduta têm-se mantido aqueles que honram o nome do Espiritismo, cujo exemplo mais marcante nos tempos atuais foi o de Francisco Cândido Xavier, médium de mais de quatrocentas obras, escritas por dezenas de Espíritos. Ganhou o seu pão com o seu trabalho, desde criança. Teve várias ocupações, terminando sua vida como funcionário público aposentado. Nesse sentido, o maior exemplo nos vem de Jesus, que não foi um profissional religioso. Ele era carpinteiro, conforme está registrado no Novo Testamento:

E, chegando o sábado, começou a ensinar na sinagoga; e muitos ouvindo-o, se admiravam, dizendo: Donde lhe vêm essas coisas? E que sabedoria é essa que lhe foi dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos?

Não é esse o carpinteiro, filho de Maria, e irmão de Tiago, e de José, e de Judas, e de Simão? E não estão aqui conosco suas irmãs? E escandalizaram-se nele. (Mc, 6: 2 e 3).

E o próprio Mestre, prevendo a profissionalização da prática religiosa,

recomendou, embora tenha dado o seu exemplo pessoal:

(...) de graça recebestes, de graça dai. (Mat, 10:8).

Não há registro, no Novo Testamento, que autorize alguém a formar uma ideia de profissionalismo religioso no Cristianismo dos primeiros tempos. Notável exemplo é o de Paulo que, desde o seu desligamento das hostes judaicas, não mais recebeu os subsídios que até então o mantinham como doutor da lei. Ao abraçar a mensagem cristã, abraçou também o trabalho, retomando um ofício aprendido na adolescência – consoante costume judaico –, o de tecelão. Notabilizando-se o Apóstolo não só por trabalhar para ganhar seu sustento, mas também por aconselhar aos companheiros que trabalhassem:

Porque bem vos lembrais, irmãos, do nosso trabalho e fadiga; pois, trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós, vos pregamos o Evangelho de Deus. (I Tes, 2: 9).

Ainda nessa mesma carta:

E procureis viver quietos, e tratar dos vossos próprios negócios, e trabalhar com as vossas próprias mãos, como já vo-lo temos mandado. (I Tes. 4: 11).

Talvez porque tenha notado alguma tendência de profissionalismo religioso entre os tessalonicenses, na sua segunda carta dirigida a eles, volta a recomendar:

Nem de graça comemos o pão de homem algum, mas com trabalho e fadiga, trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós. (II Tes, 3: 8).

Porque quando ainda estávamos convosco, vos mandamos isto, que, se alguém não quiser trabalhar, não coma também. (II Tes, 3: 10).

Porquanto ouvimos que alguns entre vós andam desordenadamente, não trabalhando, antes fazendo coisas vãs. (II Tes, 3: 11).

A esses tais, porém, mandamos, e exortamos por nosso Senhor Jesus Cristo, que, trabalhando com sossego, comam o seu próprio pão. (II Tes, 3: 12).

Outras provas de que Paulo e outros divulgadores do Evangelho trabalhavam, encontram-se em Atos dos Apóstolos:

E, achando um certo judeu por nome Áquila, natural de Ponto, que havia pouco tinha vindo da Itália, e Priscila, sua mulher, (pois Cláudio tinha mandado que todos os judeus saíssem de Roma), se ajuntou com eles. E, como era do mesmo ofício, ficou com eles, e trabalhava; pois tinham por ofício fazer tendas. (At, 18:3).

Vós mesmos sabeis que para o que me era necessário a mim, e aos que estão comigo, estas mãos me serviram. (At, 20: 34).

Ausência de Sacramentos

Dentre as práticas espíritas não se encontra a ministração de sacramentos, como sejam batismo, casamento, encomendação de corpos, ou, mais modernamente, de almas, etc.

Jesus jamais ministrou sacramentos, nem aconselhou que alguém o fizesse. Seus discípulos, inclusive Paulo, nos primeiros tempos batizavam, influenciados pelos costumes judaicos. Deve-se notar que os poucos batismos relatados no Novo Testamento foram levados a efeito em pessoas adultas que, em plena

consciência, aderiam aos seguidores de Jesus. Não há registro de que os cristãos dos primeiros tempos tenham batizado crianças.

Paulo, à medida em que se aprofundava nas verdades do Evangelho, foi se libertando dos costumes judaicos, compreendendo que o batismo e a circuncisão eram práticas meramente exteriores. Por isso, colocou-se contra a circuncisão e deixou de batizar, conforme declara em várias oportunidades:

Dou graças a Deus, porque a nenhum de vós batizei, senão a Cristo e a Gaio.

Para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome.

E batizei também a família de Estéfanas; além destes, não sei se batizei algum outro.

Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar (...) . (I Co, 1: 14 a 17).

Ausência de Vida Monástica

O Espiritismo, desde os seus primórdios, jamais orientou seus profitentes no sentido de criarem locais apartados do meio social. Como os cristãos dos primeiros tempos, os espíritas constroem casas de trabalho destinadas ao estudo, ao amparo material a pessoas necessitadas, ao amparo espiritual a pessoas espiritualmente perturbadas, locais inteiramente abertos ao público, para cuja frequência não são exigidas adesões formais, tanto de colaboradores, quanto de beneficiários.

Embora Jesus nunca tenha se apartado da vida em sociedade, sabia ele que a tendência do ser humano é criar lugares especiais, tidos como santificados, habitados por determinadas criaturas que pretenderiam ser detentoras de maior identificação com as coisas espirituais. Prevendo isso, deixou orientação firme no sentido de que os aprendizes do Evangelho não se apartassem da vida em sociedade, conforme foi registrado por dois evangelistas:

Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos; portanto sede prudentes como a serpente e símplices como as pombas. (Mt, 10: 16)

Ide; eis que vos mando como cordeiros no meio de lobos. (Lc, 10: 3)

Religião sem templos

Encontram-se no Novo Testamento várias afirmativas a respeito da fundação de igrejas por Paulo. O Apóstolo não erigiu nenhum templo, nem estruturou instituição alguma. A palavra igreja – tomada por muitos como templo – no Novo Testamento não significava *organização*, mas *núcleo*, conforme a sua etimologia grega: *ekklesia*, que passou para o Latim *ecclesia*, chegando ao Português *igreja*. De acordo com sua origem, significava apenas reunião, núcleo, grupo. Portanto, Paulo fundou muitos núcleos familiares, conforme se verifica pela saudação em suas cartas:

Saudai a Priscila e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus. Os quais pela minha vida expuseram suas cabeças; o que não só eu lhes agradeço, mas também todas as igrejas dos gentios. Saudai também a igreja que está em sua casa. (Rm, 16: 3 a 5).

E à nossa irmã Áfia, e a Arquipo, nosso camarada, e à igreja que está em sua casa. (Fi, 1: 2).

As igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos afetuosamente no Senhor Aquila e Prisca, com a igreja que está em sua casa. (I Co, 16: 19).

O Espiritismo não edifica templos, e não considera um centro espírita como *casa de Deus*. Essa ideia de santificação, de sacralização de um lugar, em detrimento de outros, é negativa, pois leva a criatura a ter dois comportamentos: um, respeitoso, para o templo, e outro liberado para o ambiente profano.

Jesus nunca sacralizou lugar algum, nem convidou alguém a buscar determinado lugar por ser sagrado. É de se notar que talvez evitasse repetir suas atuações nos mesmos lugares, como a montanha onde fez o memorável Sermão, a fim de não deixar a ideia de sacralização do local.

No diálogo com a Samaritana, à beira da fonte de Jacó, Jesus desautoriza a necessidade de orar num templo. Essa passagem é muito ilustrativa, no sentido de demonstrar por palavras aquilo que ensinava por atos:

(...) Jesus, pois cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte. Era isto quase à hora sexta. Veio uma mulher de Samaria tirar água; disse-lhe Jesus: Dá-me de beber. Porque os seus discípulos tinham ido à cidade comprar comida. Disse-lhe pois a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana? (Lc, 4: 6 a 9).

A mulher estranhou o fato de aquele homem dirigir-lhe a palavra, por não ser comum um homem dirigir-se a uma mulher desconhecida, e, ainda mais, sendo ele judeu e ela samaritana, pois os judeus e samaritanos, por questões religiosas, não se falavam; até vestiam-se de maneira distinta. Jesus, que estava acima dessas coisas, conversando, demonstrou conhecer-lhe a vida como se fora um livro aberto. Nada lhe era oculto. Maravilhou-se a mulher, dizendo:

Senhor, vejo que és profeta. (Jo, 4: 19).

Os judeus e os samaritanos tinham muito respeito pelos profetas, assim chamados *homens de Deus*. A mulher, reconhecendo o poder espiritual de Jesus, disse-lhe:

Nossos pais adoravam neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar. (Jo, 4: 20)

Em verdade, essa foi uma conclusão dela, pois Jesus, que nada lhe indicara, nada lhe dissera nesse sentido, respondeu-lhe:

Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. *Deus é espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.* (Jo, 4: 21 e 24).

Fica muito claro que Jesus chamava a atenção para o fato de que chegaria o dia em que o homem se conscientizaria de que Deus, por ser Espírito, não necessitaria de ser adorado num determinado lugar, em determinada hora. Quis o Mestre deixar registrado o seu ensinamento relativo à onipresença de Deus, contrapondo-o àquele ensinamento das religiões que afirmam às criaturas que devem comparecer à *casa de Deus* para orar.

Entretanto, se há um lugar recomendado por Jesus para a oração é o lar, conforme ensinou no Sermão da Montanha:

Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e o teu Pai, que vê secretamente, te recompensará. (Mt, 6: 6).

Esses ensinamentos são libertadores, talvez tenham sido um dos motivos

mais fortes para que os sacerdotes desejassem o desaparecimento do Messias. Ele, com seus ensinamentos, estava dando carta de alforria aos escravos do poder sacerdotal, libertando-os daquele jugo terrível, da tirania mais cruel e daninha de que se tem notícia, aquela que usurpa o sentimento do sagrado, latente em todo espírito humano. Os sacerdotes sentiram seu poder fortemente ameaçado: Jesus libertava o homem, simultaneamente, do templo e do intermediário.

Buscando por em prática os ensinamentos e os exemplos de Jesus, o Espiritismo não tem templos para oração. As casas espíritas são locais de trabalhos, cujas realizações têm a precedê-los e a finalizá-los, uma prece. Por isso, o espírita, quando necessita apenas de orar, o faz em seu lar, que o considera como o seu santuário maior.

Oração, Prece

No Espiritismo, não são praticadas orações decoradas, apenas recitadas. Daí não se usar o termo *rezar*, que vem do Latim *recitare* que, na sua evolução para o Português, deu *recitar* e *rezar* que, no fundo, significam a mesma coisa, ou seja, a repetição decorada, até inconsciente, de uma sequência de palavras. Por isso, objetivando adequar a ideia à prática, no meio espírita, usam-se *orar* ou *fazer uma prece*.

O *Pai Nosso*, ensinado por Jesus (Mat, 6: 9 - 13) não é considerado, no meio espírita, uma fórmula sagrada de comunicação com Deus. É conceituado como um modelo singelo de oração, à altura do entendimento de todas as criaturas, desde as mais simples e incultas. Foi o recurso pedagógico de que se valeu Jesus para demonstrar à criatura humana que, para comunicar-se com o Pai, não há necessidade de lugares especiais, de fórmulas complicadas, de uma linguagem literária, nem de intermediários – muitas vezes assalariados – e muito menos de rituais pomposos. Não há, no Novo Testamento, nenhuma referência a algum momento em que Jesus se recolhesse a algum templo para orar.

Entendendo isso, e com o mesmo objetivo pedagógico, Kardec colocou em "O Evangelho segundo o Espiritismo", no cap. 28, modelos – simplesmente modelos – de preces, objetivando conscientizar o leitor de que ele mesmo pode dirigir-se a Deus, usando sua prerrogativa de filho, dispensando, por isso, fórmulas elaboradas por pessoas que se atribuem um pretenso poder de atingir as alturas celestiais pelo uso de determinados conjuntos de palavras ou pelos rituais levados a efeito.

Aprende-se no Espiritismo que oração é uma mensagem dirigida a Deus, a Jesus ou aos Bons Espíritos. Como mensagem, ela deve ser um ato consciente contendo um pedido, um agradecimento ou um ato de louvor. No Novo Testamento não há exemplo da prática de orações repetidas, nem de cânticos laudatórios. Pelo contrário, há uma recomendação de Jesus exatamente no sentido de ser evitada tal prática, conforme diz o Mestre no Sermão da Montanha:

E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos. (Mat, 6: 7)

Assim, fica claro que devemos orar com plena consciência daquilo que falamos; que a nossa oração não seja uma repetição emocional de uma

fórmula decorada, como se fosse algo recitado ou declamado. Ao contrário, que seja uma mensagem conscientemente elaborada, com um conteúdo de comunicação dirigida ao Alto, e que não seja uma simples ladainha.

Evangelho aplicado à Vida

Kardec soube buscar no Novo Testamento as nobres lições de convivência humana, aplicando-as à vida. Jesus, na visão espírita, não foi um místico, um chefe religioso, comparável a um clérigo ou sacerdote. O Espiritismo resgatou-lhe a figura do educador de almas, tendo em vista o caráter eminentemente santificante e pedagógico de sua atuação, através de ensinamentos sempre voltados à vida em sociedade e não a fugazes momentos de êxtase religioso nos templos.

Como exemplo da aplicação do Evangelho fora dos templos, deve ser notado o diálogo de Allan Kardec com os Espíritos Superiores a respeito do trabalho. No século XIX, a exploração dos trabalhadores era de fato ignominiosa. A jornada de trabalho do operário europeu era superior a 12 horas. (Enciclopédia Larousse). Se o operário adoecia ou envelhecia, era alijado do campo de trabalho como uma peça gasta ou defeituosa é retirada de um mecanismo e lançada fora. Nenhuma voz religiosa se fazia ouvir, lembrando os poderosos de que o operário é também um filho de Deus. A religião estava confinada nos templos. Aquela religião dinâmica, ensinada e vivenciada por Jesus tinha se transformado em práticas solenes e suntuosas vivenciadas apenas no interior das assim chamadas *casas de Deus*, em nada influindo na vida diária dos cristãos.

Numa demonstração de que entendia a moral cristã como orientadora dos atos da criatura humana em todos os lugares e em todas as atividades, e vendo um distanciamento imensurável entre o que era pregado nos templos, daquilo que era posto em prática na vida comum, Kardec inquire os Espíritos, no sentido de obter deles pronunciamentos sobre inúmeros assuntos nos quais as religiões cristãs não se imiscuíam:

Que se deve pensar dos que abusam de sua autoridade, impondo a seus inferiores excessivo trabalho?

Isso é uma das piores ações. Todo aquele que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que imponha a seus inferiores, porquanto, assim fazendo, transgride a lei de Deus. (O L. E. item 684).

Essa resposta, séria advertência do Mundo Espiritual, dirigida àqueles que exploravam o trabalhador, mostrando-lhes que a moral religiosa ouvida nos templos não era para ali ficar confinada, mas aplicada à vida, em todos os relacionamentos humanos, de modo particular no relacionamento capital / trabalho, buscando clarear a visão daqueles que tinham o poder de facultar ao próximo ganhar o "pão nosso de cada dia".

A consciência profunda de que os valores espirituais não deveriam restringir-se a práticas e comentários nos momentos de culto, Kardec continua, avançando em temas sociais, cuja discussão nem de leve era considerada no seio das religiões cristãs:

Tem o homem o direito de repousar na velhice?

Sim, a que a nada é obrigado, senão de acordo com as suas forças. (O L. E., item 685).

Kardec prossegue, demonstrando que *o amar o próximo como a si mesmo, e a Deus sobre todas as coisas*, ensinado no Novo Testamento, é para ser aplicado na vida em sociedade, pois prossegue seu diálogo com os Espíritos Superiores:

Mas, que há de fazer o velho que precisa trabalhar para viver e não pode?

O forte deve trabalhar para o fraco. Não tendo este família, a sociedade deve fazer as vezes desta. (O L. E., item 685 – a).

Fé Raciocinada

Em torno da fé existem inúmeras afirmativas negando-lhe o caráter racional. Segundo alguns teólogos, raciocina-se sobre a crença, mas não sobre a fé. A fé, segundo eles, é uma virtude, um dom que transcende a própria razão.

Por colocarem-na como virtude ou dom transcendental, pertencente exclusivamente à área do sentimento, é que muitas pessoas confundem emoção com fé. Por isso, é comum pessoas dizerem ter sentido uma fé imensa, capaz de levá-las a grandes realizações, no momento em que ouviam o relato de passagens do Evangelho, ou de ações levadas a efeito por benfeitores da Humanidade, ou até mesmo em decorrência da simples leitura de uma página edificante. A emoção, a vibração espiritual que os atos nobres suscitam nas almas já portadoras de alguma sensibilidade não pode ser confundida com fé.

O estado emocional é transitório, enquanto a fé verdadeira é permanente. A emoção, se analisada e orientada pela inteligência, pode ser auxiliar valiosa para levar a criatura a modificar-se para melhor. Entretanto, se não for esclarecida pela razão pode conduzir ao fanatismo, à chamada fé cega, que é a negação da própria fé.

O mundo está cheio de exemplos tristes dos frutos do fanatismo religioso. Em nome da fé, quantas perseguições, quantas mortes e até guerras? Ainda nos dias atuais, principalmente na semana santa, existem pessoas que vertem seu próprio sangue, ferindo seus corpos, ou se entregam a privações terríveis no intuito de mostrar sua fé em Deus. Se raciocinassem, veriam que Deus, como Pai amoroso, bom e misericordioso, nunca poderia ser homenageado com o derramamento do sangue dos seus filhos. Essa concepção, de um deus sanguinário, combateu-a o Profeta Elias, séculos antes de Jesus, quando enfrentou os sacerdotes adoradores do deus Baal. (I Reis, 18: 22 a 40).

Allan Kardec não foi um místico. Foi um homem de ciência, um professor. Profundo conhecedor do Novo Testamento, onde soube ver o caráter altamente racional dos ensinamentos de Jesus, que jamais se portara como um místico. Por isso, colocou na folha de rosto da obra espírita mais voltada à religião, "O Evangelho segundo o Espiritismo", os seguintes dizeres: *Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.*

Aprende-se no Espiritismo que, na sua caminhada evolutiva, o Espírito vai conhecendo as leis de Deus, vai percebendo-lhes a perfeição e, quanto mais as conhece, mais se identifica com elas, mais confia na justiça e no amor do Criador, mais se conscientiza da Sua perfeição, mais tem fé. Essa, a fé que nasce do entendimento: inabalável, indestrutível.

Ter fé é guardar no coração a luminosa certeza em Deus, certeza que

ultrapassou o âmbito da crença religiosa, fazendo o coração repousar numa energia constante de realização divina da personalidade. Conseguir a fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer eu creio, mas afirmar eu sei, com todos os valores da razão, tocados pela luz do sentimento. (O Consolador, Emmanuel, perg. 354).

A fé que o Espiritismo preconiza não é uma fé contemplativa, capaz de levar uma pessoa à imobilidade, em situações de êxtase, em que fica aguardando providências de Deus em seu favor. Ao contrário, é uma fé dinâmica, edificada vagarosa e conscientemente pelo Espírito, à medida que evolui:

A árvore da fé viva não cresce no coração miraculosamente. A conquista da crença edificante não é serviço de menor esforço. A maioria das pessoas admite que a fé constitua milagrosa auréola doada a alguns espíritos privilegiados pelo favor divino. (Caminho, Verdade e Vida, Emmanuel, cap. 40).

A fé espírita não é aquela que se fixa em objetos materiais como cruzes, escapulários, bentinhos, talismãs, amuletos, medalhas, etc. O espírita tem fé em Deus, em Jesus, nos bons Espíritos, entidades dotadas de sentimento e de inteligência, seres capazes de movimentar recursos em seu favor. Essa fé é muito diferente da crença infantil num pretenso poder mágico de objetos materiais, que não poderiam jamais movimentar, com inteligência e sentimento, recursos a benefício de alguém.

Entretanto, é lícito se indague sobre a origem da fé raciocinada. Teria ela nascido com o Espiritismo? Não, a fé raciocinada nos vem de Jesus, dos ensinamentos do seu Evangelho. O Mestre mudou completamente o próprio conceito de religião, introduzindo no campo até então puramente emocional da fé, o componente razão, entendimento. Ninguém, até Jesus, fez tantos apelos ao raciocínio no âmbito religioso.

Kardec, conhecedor profundo da atuação de Jesus, o conhecia, não como um místico, mas como um educador de almas que, ao tempo em que tocava o sentimento daqueles que o ouviam, sabia também levá-los ao entendimento das lições. Por isso, tem a Doutrina Espírita essa característica de racionalidade. E não podia ser de outra forma, de vez que ao Espiritismo coube o papel de reviver o Cristianismo na sua pureza, simplicidade e pujança originais

Jesus nunca explorou a emoção de ninguém. Sua fala, mansa e humilde, precisa e firme, era dirigida ao sentimento e à inteligência. Suas lições foram sempre pautadas no diálogo, através do qual propunha o exame racional daquilo que ensinava.

Aconteceu num sábado que, entrando ele em casa de um dos principais dos fariseus para comer pão, eles o estavam observando. E eis que estava ali diante dele um certo homem hidrópico. E Jesus, tomando a palavra, falou aos doutores da lei, e aos fariseus, dizendo: É lícito curar no sábado? Eles, porém, calaram-se. E, tomando-o, o curou e despediu. E disse-lhes: Qual será de vós o que, caindo-lhe num poço, em dia de sábado, o jumento ou o boi, não o tire logo? (Lc, 14: 1 a 5).

Os ensinamentos espíritas dão ênfase à fé raciocinada porque Jesus sempre insistia, dentro do ambiente místico que se formava por ocasião das curas – lembrar os circunstantes da necessidade usar o raciocínio, a compreensão:

O sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do

sábado. (Mc, 3: 27).

Ao invés de fazer um discurso eloquente e emocionado sobre a Providência Divina, o Mestre buscava, através de perguntas, levar seus ouvintes a pensarem, a raciocinarem sobre Deus. Depois de lhes ter falado sobre os lírios do campo, dizendo que Deus os veste, e compara sua vestimenta ao luxo do rei Salomão, procura levá-los a raciocinar:

Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé? (Mt, 6: 30).

E qual de vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhos pedirem? (Mt, 7: 9 a 11).

Também por essa passagem pode-se ver que Jesus não buscava levar ninguém a uma adoração emotiva, a uma fé cega. Ele poderia ter dito, por exemplo que se deve ter fé em Deus, criador de tudo o que existe, que é bom, amoroso, misericordioso, providente etc. Mas não, só isso não bastava. Se ficasse só nessas afirmações, teria suscitado uma fé passiva. Ele queria fazer as criaturas entenderem, através de uma comparação, que o Todo Poderoso deveria ser, necessariamente, melhor do que um pai terreno e, portanto, capaz de dar maiores bens aos Seus filhos.

Os apelos que Jesus, nas suas lições, fazia não só ao sentimento, mas também à inteligência, foi objeto de estudo até mesmo fora do ambiente religioso, por um médico psiquiatra da atualidade:[3]

... ele não anulava arte de pensar, ao contrário, era um mestre intrigante nessa arte. Cristo não discorria sobre uma fé sem inteligência. Para ele, primeiro se deveria exercer a capacidade de pensar e refletir antes de crer, depois vinha o crer sem duvidar. Se estudarmos os quatro evangelhos e investigarmos a maneira como Cristo regia e expressava seus pensamentos, constataremos que pensar com liberdade e consciência era uma obra-prima para ele.

O trecho do Novo Testamento que mais evidencia o ambiente pedagógico, de diálogo, de liberdade de análise, na busca de esclarecimentos, que Jesus propiciava a todos que ouviam-lhe as lições é, certamente, o assim chamado *A Transfiguração,* já referido nesta obra: Registra Mateus, no capítulo 17, que Jesus subiu a um alto monte, acompanhado de Pedro, Tiago e João. O Mestre orou e se transfigurou, cobrindo-se de luz, ao tempo em que apareceram – seguramente materializados, pois que os três discípulos os viram – Moisés e Elias conversando com ele. Passado o momento sublime, ao regressarem, o Mestre ordena aos discípulos que não contem nada do que acontecera até que ele ressuscitasse. É de se imaginar o contentamento e a emoção que devem ter sentido aqueles discípulos ao contemplarem Jesus coberto de luz, Moisés, o pai dos profetas, e o grande profeta Elias. Entretanto, eles não se detiveram em atitude de contemplação mística, de deslumbramento. Pelo contrário, o raciocínio funcionou imediatamente, na busca de resposta para algo que lhes pareceu estranho:

E os discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro? (Mt, 17: 10).

Por que a pergunta? Ora, havia sido predito pelos profetas – e os escribas

sempre o repetiam – que o Mestre seria precedido por Elias, que voltaria para preparar-lhe o caminho. Os discípulos, vendo Elias desencarnado, deduziram que algo estava errado: ou as profecias não espelhavam a verdade, ou aquele que se apresentara e conversara com Jesus não era Elias, ou Jesus não era o Messias! Jesus, com a tranquilidade daqueles que detêm a verdade, respondendo, disse-lhes:

Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem. (Mt, 17: 12).

E, em seguida, conclui o Evangelista:

Então entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista. (Mt, 17: 13).

Tudo estava certo. A profecia já se havia cumprido.

Diante do que se acabou de ver, conclui-se que Jesus foi um pedagogo e não um místico. Sabia atrair seus ouvintes com as doces consolações da fé, mas não alimentava atitudes de deslumbramento contemplativo, face aos apelos ao raciocínio com que mesclava suas sublimes lições. Encaminhava-os ao entendimento lógico, racional dos fatos! Jesus, como Mestre admirável que foi, soube criar um clima de diálogo aberto. Foi essa liberdade que levou os discípulos a buscarem imediatamente esclarecimento sobre a aparição de Elias, embora a pergunta formulada por eles contivesse embutido um grave questionamento, qual seja o da própria condição de Messias do seu Mestre. Jesus não se sentiu agastado e, com a segurança daqueles que estão com a Verdade, os esclarece. Assim, vê-se claramente que Jesus não impunha suas idéias, não violentava consciências, nem exigia fé cega, sem exame. Não. Sua mensagem sempre foi dirigida ao intelecto e ao sentimento, bases legítimas da fé raciocinada, ensinada no Novo Testamento, que o Espiritismo veio reviver.

3 Análise da Inteligência de Cristo, Augusto Jorge Cury, Editora Academia da Inteligência, 1999

Negação das Penas Eternas

Uma das atitudes mais danosas dos teólogos dos primeiros séculos do Movimento Cristão foi a ressurreição do Deus cruel e vingativo mostrado no Velho Testamento, aquele que seria capaz de condenar ao apedrejamento um filho simplesmente por ter sido apanhado recolhendo lenha num sábado:

Estando pois os filhos de Israel no deserto, acharam um homem apanhando lenha no dia de sábado. E os que o acharam apanhando lenha o trouxeram a Moisés e a Aarão, e a toda a congregação. E o puseram em guarda; porque ainda não estava declarado o que se lhe devia fazer. Disse pois o Senhor a Moisés: Certamente morrerá o tal homem; toda a congregação com pedras o apedrejará para fora do arraial. Então toda a congregação o tirou para fora do arraial, e com pedras o apedrejaram, e morreu, como o Senhor ordenara a Moisés. (Núm, 15: 32 a 36).

São inúmeros os exemplos da ausência de amor, de misericórdia desse Deus mostrado no Velho Testamento, onde é sempre apresentado como um rei cruel e vingativo:

Disse o Senhor a Moisés:

Toma os todos os Cabeças do povo, e enforca-os ao Senhor diante do sol, e

o ardor da ira do Senhor se retirará de Israel. (Núm, 25: 4).

Embora Jesus tenha substituído aquela figura atemorizante do Deus dos Exércitos, pela amorável certeza de uma força criadora e mantenedora do Universo, fonte de toda a perfeição, a que deu o nome de *Pai*, baseando-se no Velho Testamento, os teólogos criaram o Inferno de penas eternas, ao arrepio dos doces ensinamentos de Jesus, que nos trouxe a certeza de um Pai misericordioso, conforme se lê no Sermão da Montanha:

E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente?

Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai , que está nos céus, dará bens aos que lhos pedirem? (Mt, 7: 9 a 11).

A criação do Inferno é uma verdadeira negação dos ensinos de Jesus, que fala constantemente em perdão das ofensas, reportando-se à Lei Antiga, ensinada e seguida pelos fariseus, do olho por olho, dente por dente:

Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus. (Mat, 5:20).

Ouvistes que foi dito: amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem. (Mt, 5: 43 e 44).

Como poderia Jesus ensinar aos filhos a virtude do perdão se o Pai não a exercitasse?

Entretanto, no século VI, a Teologia Católica Romana, talvez reconhecendo como excessivo o rigor das penas, reviu o seu posicionamento, incorporando uma nova interpretação da justiça divina, decidindo que deveria haver um local intermediário, menos drástico, e criou o Purgatório.

No século XVI, Martinho Lutero, padre católico, insurgiu-se contra a venda de indulgências, que garantiriam uma diminuição de tempo no Purgatório às almas que para lá fossem encaminhadas. Entretanto, ao criar o Luteranismo, baniu o Purgatório dos seus ensinamentos, baseando-se no fato de não haver nenhuma referência a ele no Novo Testamento. Segundo a visão protestante, a alma ao separar-se corpo pelo fenômeno da morte ficaria dormindo até o dia do Juízo Final, quando seria decidido seu futuro: Ceu ou Inferno.

No Novo Testamento, no Sermão da Montanha, Jesus adverte quanto a consequências futuras de posições lesivas à fraternidade, mas não diz que as essas consequências terão duração infinita:

Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não te aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e te encerrem na prisão. Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último ceitil. (Mt, 5: 25 e 26).

Uma análise lúcida e desapaixonada dos ensinamento de Jesus mostra claramente o equívoco dos posicionamentos tanto Católico quanto Protestante. Se houvesse sofrimento eterno, este seria uma negação da misericórdia divina. E para que não ficasse dúvida quanto à misericórdia de Deus ante o arrependimento de um filho, Jesus deixou-nos a Parábola do Filho Pródigo.

Nessa parábola, Jesus mostra um pai que perdoa o filho faltoso que volta arrependido, depois de ter experimentado a miséria, depois de ter esbanjado

tudo o que havia recebido como herança. Sofrendo até fome, decidiu voltar ao pai:

Levantar-me-ei e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o ceu e perante ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros. E, levantando-se, foi para seu pai; e , quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou. (Lc, 15: 18 – 20).

E o Jesus é enfático, mostrando que o pai não só o perdoou com misericórdia, mas também com alegria:

E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o ceu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho.

Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa o melhor vestido, e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão, e alparcas nos pés;

E trazei um bezerro cevado, e matai-o e comamos, e alegremo-nos.

Porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado. E começaram a alegrar-se. (Lc, 15: 21 a 24).

Agora, é de perguntar-se: pode a misericórdia da criatura ser maior do que a do Criador?

O Espiritismo resgata a figura de Pai compassivo e misericordioso delineada por Jesus, negando veementemente a existência de um Inferno de penas eternas.

Allan Kardec, revelando-se um discípulo de Jesus, que vê a pena não como castigo, mas como processo educativo para a redenção do Espírito faltoso, escreveu a obra "O Ceu e o Inferno", pela qual revela sua visão de penólogo moderno, destruindo completamente a nefasta teoria das penas eternas.

Igualdade de Direitos do Homem e da Mulher

Em muitos registros contidos no Novo Testamento, verifica-se claramente que Jesus, contrariando os costumes da época, sempre tratou a mulher em nível de igualdade em relação ao homem, embora o tratamento discriminatório fosse usual até da parte dos Apóstolos, que sempre enfatizavam sua condição de servidora e não de par no colegiado de Jesus, conforme se observa nos Evangelhos:

E estavam ali, olhando de longe, muitas mulheres que tinham seguido Jesus desde a Galileia, para o servir. (Mt, 27: 55).

E Joana, mulher de Cusa, procurador de Herodes, e Suzana, e muitas outras que o serviam com suas fazendas. (Lc, 8: 3).

As quais também o seguiam, e o serviam, quando estava na Galileia; e muitas outras que tinham subido com ele a Jerusalém. (Mc, 15: 41).

Entretanto, é lícito se pergunte: Será que Jesus não desejou demonstrar seu apreço pela atuação das mulheres durante o seu apostolado, aparecendo primeiramente a Maria Madalena na sua primeira manifestação em corpo espiritual?

E Jesus, tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios. (Mc, 16: 9).

Também nesse particular, o Espiritismo traz de volta os exemplos dignificantes de Jesus em relação à mulher.

Kardec observou a atuação corajosa de mulheres, tanto durante o período da missão de Jesus, como, principalmente, nos primeiros tempos do movimento cristão. Observando as mulheres subjugadas na sociedade do seu tempo e em posição de absoluta subalternidade nas religiões, que as discriminavam – e quase todas as discriminam até os dias atuais –, o Codificador soube buscar nos ensinamentos e nos exemplos de Jesus, contidos no Novo Testamento, elementos que lhe permitiram dialogar com os Espíritos Superiores a respeito da igualdade de direitos do homem e da mulher. Poderia Kardec fazer sólida defesa dos direitos da mulher, face à sua condição de humanista e de educador, mas preferiu obter a manifestação dos Espíritos Superiores com os quais dialogava:

São iguais perante Deus o homem e a mulher, e têm os mesmos direitos?

Não outorgou Deus a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir? (O L. E., item 817).

Deve-se notar que os Espíritos julgaram a questão não merecer comentários mais extensos, dada a clareza da resposta,

Esse posicionamento cristão relativamente à mulher foi tomado por Kardec em 1860, nove anos antes da publicação da obra "Sujeição das Mulheres", de Stuart Mill, que é tida como uma das molas propulsoras do movimento feminista no mundo.

Acha-se registrado na obra "O Livro dos Espíritos" o diálogo que Kardec manteve com os Espíritos Superiores, ao qual aduziu alguns comentários, pelos quais defende a igualdade dos direitos do homem e da mulher, enquanto as demais correntes cristãs mantinham, e ainda mantêm em seu próprio seio, posições altamente discriminatórias, em que a mulher continua como subalterna, malgrado os exemplos dignificantes de Jesus.

Passe

O passe, ou imposição de mãos é outra atividade que o Espiritismo resgatou dos tempos apostólicos. Jesus praticava suas curas geralmente impondo as mãos sobre os enfermos:

E, ao por do sol, todos os que tinham enfermos de várias doenças lhos traziam; e, pondo a mão sobre cada um deles, os curava. (Lc, 4: 40).

Era conhecida a sua maneira de curar pela imposição de mãos, conforme se vê:

E, eis que chegou um dos principais da sinagoga, por nome Jairo, e, vendo-o, prostrou-se a seus pés, e rogava-lhe muito dizendo: minha filha está moribunda; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos para que sare, e viva. (Mc, 5: 22 e 23).

Claro é que Jairo não iria dizer a Jesus como deveria proceder para curar sua filha, mas se assim falou é porque sabia que Jesus habitualmente impunha as mãos para beneficiar alguém. Entretanto, sabe-se que o Mestre não necessitava da postura física para restituir a harmonia física ou espiritual a quem o procurasse. Se o fazia, era para ensinar-nos, pois que nós ainda necessitamos da postura física. Isso fica provado pela cura do servo do centurião, que lhe disse:

Senhor, meu criado jaz em casa paralítico e violentamente atormentado. E Jesus lhe disse: Eu irei e lhe darei saúde. E o centurião, respondendo, disse:

Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu telhado, mas dize somente uma palavra , e o meu criado sarará. (Mt, 8: 6 a 8)
O Mestre maravilhou-se com a sua fé.
Então disse Jesus ao centurião: vai, e como creste te seja feito. E naquela mesma hora o seu criado sarou. (Mt, 8:13).
Note-se que Jesus não precisou fazer gesto algum, nem ao menos voltar-se para a direção da casa do centurião.
Jesus não só curou pela imposição de mãos, como também recomendou sua prática:
(...) *e porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão.* (Mac, 16: 18).
Paulo, ainda Saulo, depois da visão que teve de Jesus na estrada de Damasco, ficou cego. Entrara na cidade e fora deixado por um dos seus acompanhantes numa hospedaria.
Ananias, aquele que seria preso por Saulo, recebeu, diretamente de Jesus, a incumbência de curá-lo:
E disse-lhe o Senhor: Levanta-te, e vai à rua chamada Direita, e pergunta em casa de Judas por um homem de Tarso chamado Saulo; pois eis que ele está orando. (At, 9: 11).
Paulo estava cego, mas sua visão espiritual não se apagara, pois, como estava orando, pôde ver Ananias entrando:
E numa visão ele viu que entrava um homem chamado Ananias, e punha sobre ele a mão, para que tornasse a ver. (At, 9: 12).
Ananias, ao curar Saulo, explica-lhe por que o fazia:
E Ananias foi, e entrou na casa, e, impondo-lhe as mãos, disse: Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo. (At, 9: 17).
Pelas citações acima, vê-se, claramente, que o Espiritismo não criou a imposição de mãos. Resgatou-a das práticas dos tempos apostólicos, dando - lhe o nome de *passe.*
As curas, amorosamente praticadas por Jesus e pelos cristãos dos primeiros tempos, foram esquecidas no âmbito das religiões cristãs, restando apenas a prática do exorcismo, pelo qual se pretendia a expulsão do Demônio.
A prática da imposição de mãos foi resgatada pelo Espiritismo e vulgarizou-se com o nome de passe.

Água Fluidificada

Dentre as práticas espíritas encontra-se o uso da água, como portadora de energia benéfica, prática que também encontra apoio no Novo Testamento:
E qualquer que tiver dado só que seja um copo d'água fria a um destes pequenos, em nome de discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão. (Mat, 10: 42).
Os Espíritos ensinam que a água pode ser magnetizada ou fluidificada, tornando-se
portadora das mesmas energias transmitidas pela imposição de mãos, o passe.
Essa impregnação de energia benéfica já era conhecida nos tempos apostólicos, conforme se lê no Novo Testamento:
E Deus pelas mãos de Paulo fazia maravilhas extraordinárias.

De sorte que até os lenços e aventais se levavam do seu corpo aos enfermos, e as enfermidades fugiam deles, e os espíritos malignos saíam. (At, 19: 11 e 12)

Ora, se os panos poderiam ser portadores de energias curadoras, por que não a água?

Oração no Lar

Desde épocas remotas, os judeus teem o hábito da oração no lar, às sextas-feiras, após o por do sol. É um momento religioso, vivenciado junto à família, num culto dirigido pelo chefe da casa, ou por alguém que lhe faça as vezes.

Em verdade, não há, no Novo Testamento, nenhuma recomendação nesse sentido, mas também não há referência alguma a qualquer recomendação no sentido de encaminhar pessoas a lugares tidos como sagrados a fim de orarem.

A única recomendação de Jesus com referência a local de oração encontra-se no Sermão da Montanha:

Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu Pai, que vê secretamente, te recompensará. (Mt, 6: 6).

Por isso, o Espiritismo não tem casas de oração. O espírita, se apenas necessita orar, o faz em casa. Os centros espíritas são considerados locais de trabalho à luz da oração, pois todas as atividades ali desenvolvidas são precedidas e finalizadas por uma prece.

O espírita é orientado no sentido de manter em seu lar, num determinado dia da semana, uma reunião familiar, em que são lidos e comentados ensinamentos de Jesus e de bons Espíritos, reunião essa a que se dá o nome de Culto do Evangelho no Lar, ou Culto Cristão do Lar.

Consolador Prometido

Jesus sabia da limitação daqueles que o ouviam. Sabia que a Humanidade evoluiria e que a sua capacidade de apreensão se ampliaria no sentido de entender-lhe as lições. Mas, sabia também, que muitos dos seus ensinamentos e exemplos seriam deixados de lado por aqueles que tomariam em suas mãos o poder religioso, suprimindo os mais libertadores e acrescentando outros. Por isso, prometeu o Consolador:

Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir. (Jo, 16: 12 e 13).

Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito. (Jo, 14: 26).

O Espiritismo coloca-se como o Consolador prometido por Jesus por ter, nos tempos modernos, revivido a mensagem cristã na sua pureza, simplicidade e pujança originais, restabelecendo os principais ensinamentos e escoimando-a de todos os acréscimos levados a efeito por aqueles que dela se apossaram, no

correr dos séculos. Além disso, cumprindo a promessa de Jesus, trouxe ao Mundo os ensinamentos que o Mestre não pudera ministrar, por falta de maturidade dos homens àquele tempo.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

O EVANGELHO COMO CÓDIGO DIVINO

O Espiritismo, ao trazer de volta o Evangelho de Jesus na sua simplicidade e alcance originais, no-lo mostra como um vade mecum para a vida, e não como se ensinava até então: um livro sagrado para ser lido no interior dos templos, braços cruzados sobre o peito, em atitude de reverência. Pelo contrário, é o livro-guia de todas as horas. Seus ensinamentos são para a vida diária e não apenas para os momentos de culto. Constitui o Evangelho de Jesus um verdadeiro código de evolução para a Humanidade, um verdadeiro manual para a angelização do homem.

Jesus, o Mestre mais perfeito que a Terra conheceu, por basear seus ensinamentos na pedagogia do exemplo, não ficava recolhido em santuários, em mosteiros, em atitude contemplativa. Não há um só ensinamento dele que tenha ficado sem a sua exemplificação pessoal na vida prática. Prevendo a tendência muito humana da criação de grupos religiosos isolados, onde viveriam apartados do convívio social aqueles que se quisessem santificar, deixou recomendação, registrada por dois evangelistas: "Eis que vos mando como ovelhas no meio de lobos." (Mat, 10: 16 e Lc, 10: 3)

Allan Kardec demonstra isso à saciedade ao elaborar a Parte Terceira de "O Livro dos Espíritos", intitulando-a "Das Leis Morais", onde publica os diálogos que teve com os Espíritos Superiores a respeito da aplicação dos postulados evangélicos na vida diária. Pela primeira vez, na história do Cristianismo, os ensinamentos de Jesus foram tirados para fora dos templos e entraram como código ético-moral na discussão de temas sociais. Foi verdadeiramente uma volta às origens da mensagem cristã, nos moldes dos ensinamentos e exemplos de Jesus, que fundia as duas realidades: a religiosa e a profana, tornando-as indissociáveis no viver cotidiano.

No capítulo intitulado "Da Lei do Trabalho", Kardec dialoga com os Espíritos, propondo-lhes questões de alta relevância para o aperfeiçoamento da relação entre capital e trabalho, obtendo respostas que se constituíram em verdadeiro libelo do Evangelho contra a exploração do trabalhador. As idéias moralizadoras do relacionamento entre o capital e o trabalho não foram estribadas nas imperfeitas leis terrenas, elaboradas, quase sempre, no interesse dos poderosos. Não, Kardec conseguiu dos Espíritos Superiores, e deu, ele próprio, sua valiosa colaboração nesse assunto, no sentido de se estabelecer uma diretriz mais humana, mas com base no Evangelho. Pela primeira vez, na Europa dita cristã, uma voz se levanta e sai de dentro do contexto religioso a orientar o homem na vida fora dos templos, numa demonstração de que o amor ao próximo que se aprende no Evangelho é para ser aplicado na vida comum e não apenas ouvido emocionadamente no interior dos santuários. O Codificador, mediante sábias e humanas perguntas, obtém dos Espíritos Superiores, respostas lapidares como estas, registradas em "O Livro dos

Espíritos”: “(...) Todo homem que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que impõe a seus inferiores, porque transgride a lei de Deus.” (684) “O forte deve trabalhar pelo fraco. Na falta da família, a sociedade deve tomar o seu lugar; é a lei da caridade.” (685-a)

Kardec, inaugurando uma verdadeira sociologia cristã, dialoga com os Espíritos Superiores a respeito de temas como: liberdade de pensar, direitos da mulher, escravidão, pena de morte, laços de família e tantos e tantos outros temas que eram deixados de lado pelos teólogos, ocupados que estavam em criar teorias salvacionistas, na pretensa condição de depositários únicos da Mensagem de Jesus.

E ao Espiritismo coube a primazia de reviver esses ensinos na sua pureza, objetividade e pujança originais, reinserindo a vivência das verdades do Evangelho na vida diária. É verdade histórica: não pode ser contestada.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

O EVANGELHO FORA DOS TEMPLOS

"Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar."

Paulo, I Co, 1: 17

Nas várias religiões cristãs, o termo evangelizar define o entendimento e a aplicação dos ensinamentos contidos no Novo Testamento de modo particular. No Espiritismo, essa particularidade se revela na ênfase que é dada à vivência, à exemplificação dos ensinamentos de Jesus e dos Apóstolos, não só nos momentos de prática religiosa, mas em todas as situações de sua vida.

O próprio entendimento do que significa religião foi modificado a partir dos ensinamentos de Jesus. Com Ele, aprende-se que religião não é algo mágico a ser vivenciado no interior dos templos. Não mais aquela idéia de que religião é prática mística, contemplativa, ritualística, cheia de oferendas e fórmulas repetitivas levadas a efeito no interior das assim chamadas "Casas de Deus". Religião, conforme seus ensinamentos e, principalmente seus exemplos, passou a ser, para aquele que lhe entendeu as lições, um novo modo de viver, de se relacionar com o próximo, em todos os ambientes, em todos os momentos. Ensinando que Deus está presente em todo o universo, alargou os limites dos templos, mostrando o Universo como um templo imenso: "Na casa de meu Pai há muitas moradas" (Jo, 14: 2).

Jesus libertou, assim, a criatura humana da necessidade do comparecimento ao templo, a fim de ali encontrar-se com Deus. O Mestre jamais convidou alguém a orar num templo. Pelo contrário, quando a Samaritana manifestou-se no sentido de adorar a Deus no Templo de Jerusalém, o Mestre desautorizou tal atitude, dizendo-lhe: "Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Deus é espírito e importa que os que O adoram O adorem em espírito e em verdade." (Jo, 4: 21 e 24). Para Jesus não havia santuários, lugares especiais. Seus ensinamentos, suas curas, suas orações sempre foram levados a efeito onde quer que ele se encontrasse.

Entretanto, uma concepção religiosa libertadora não agrada àqueles que desejam exercer o poder religioso, dominando consciências. Estes procuram conservar a religião como algo mágico, místico, extático, complexo a ponto de a ela só terem acesso os doutos e os sábios, pessoas pretensamente especiais, que estariam mais habilitadas a intermediarem as mensagens das criaturas ao Criador, e vice-versa. Jesus concedeu carta de alforria à Humanidade, em relação à intermediação sacerdotal, ao informar a criatura humana de que ela tem o direito legítimo e inalienável de se comunicar com seu Criador, diretamente, em qualquer lugar onde se encontre: "Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu Pai, que vê secretamente, te recompensará." (Mt, 6: 6).

Ele foi crucificado exatamente pela coragem de contrapor-se ao poderio sacerdotal, àquela verdadeira ditadura religiosa.

Jesus foi um educador de almas, que sempre enfatizou a necessidade do empenho da criatura no sentido de educar-se, de progredir, conforme ensinou no Sermão do Monte: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens (...)." (Mt, 5: 16). Toda a mensagem religiosa do Mestre fundamenta-se no esforço da criatura no sentido de revelar essa herança divina que todos trazemos. Nada de graças, além da graça da vida. Nada de privilégios: "(...) e então dará a cada um segundo as suas obras." (Mt, 16: 27).

Sua mensagem é um verdadeiro desafio, no sentido de transcender os limites da lei antiga, que preconizava "olho por olho, dente por dente por dente, mão por mão, pé por pé." (Ex, 21: 24) Jesus delineia um novo horizonte na concepção religiosa do Mundo: "(...) se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus." (Mt, 5: 20). "Ouvistes o que foi dito: amareis o vosso próximo e odiareis os vossos inimigos. Eu, porém, vos digo: amai a vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam; (...)." (Mt, 5: 42 e 43).

Como educador que foi, Jesus não desejou discípulos passivos, encantados, deslumbrados. Pelo contrário, sempre buscou tocar o sentimento, juntamente com o apelo para que a criatura raciocinasse, a fim de saber, de compreender porque deveria agir desse ou daquele modo.

O Sermão da Montanha, que para muitos é apenas um hino ao sentimento, é, também, uma vigorosa mensagem à inteligência, ao raciocínio: "E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus dará bens aos que lhos pedirem?" (Mt, 7: 9 a 11).

Entendendo que o sistema pedagógico de Jesus fundamenta-se no binômio sentimento/razão, o Espiritismo ensina que a evangelização não se restringe unicamente ao campo do sentimento, pois a fé raciocinada começou, inquestionavelmente, com Jesus: "Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?" (Mt, 6: 26). Ao ensinar a criatura a não criar fantasias sobre a fé, mostra a linha divisória entre aquilo que deve ser objeto da preocupação do homem, e o que deve ser entregue a Deus, perguntando: "E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?" (Mt, 6: 27).

A educação religiosa que Jesus propicia ao homem leva-o a conscientizar-se de que não será através de orações repetidas que estaremos agradando a Deus: "E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos." (Mt, 6: 7). Nem através de oferendas ou bajulações: "Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem e apresenta a tua oferta." (Mt, 5: 23 e 24).

No Seu trabalho educativo do Espírito humano, Jesus mostrou a importância

do bom relacionamento com o próximo como caminho para Deus, conforme bem entendeu o Apóstolo João, que registrou: "Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?" (I Jo, 4: 20).

Mas, com o passar dos tempos, o eixo da mensagem cristã foi-se desviando, saindo da área do estudo, da meditação à luz da oração consciente, passando às práticas exteriores.

Essas verdades religiosas simples, que estiveram ao alcance de humildes pescadores, de viúvas e de deserdados, foram, com o passar do tempo, relegadas a segundo plano, tendo sido postos em primeiro lugar o ritual, a solenidade, o manuseio de objetos de culto, a vela, o vinho, a fumaça, os cantochãos, todo um conjunto imenso de práticas exteriores alienantes, buscadas no paganismo romano, que distanciavam o homem cada vez mais do esforço de auto-aprimoramento preconizado pelo Mestre.

Infelizmente, os pronunciamentos libertadores de Jesus não foram objeto de estudo pelos teólogos, que criaram as liturgias, os sacramentos, e, pior ainda, a hedionda teoria das penas eternas, desfazendo a imagem do Deus Misericordioso, tão bem delineada pelo Mestre.

A mensagem cristã foi apequenada, podada, enxertada por aqueles que dela se apossaram, construindo uma religião atemorizadora e salvacionista, com base em atitudes místicas e na crença de que seria o sangue de Jesus o remissor dos pecados da Humanidade. Foi enfatizada a adoração extática a Jesus-morto, em detrimento do esforço em seguir Jesus-vivo. Evangelizar passou a significar o encaminhamento da criatura ao interior dos templos, onde deveria assumir uma atitude inteiramente passiva, ficando no aguardo das bênçãos de Deus, que seriam conseguidas através de rezas intensamente repetidas, quando não de longas penitências.

Mas, o Mestre, conhecedor da fragilidade humana, sabia que, de alguma forma, isso iria acontecer, por isso, prometeu o Consolador: "Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito." (Jo, 14: 26)

Cumprindo sua promessa, enviou-nos o Espiritismo, que não é apenas mais uma religião cristã, mas o próprio Cristianismo Primitivo, que ressurge na sua pureza, pujança e objetividade originais, destacando-se das demais religiões, pelo menos das do Ocidente, pelo seu aspecto altamente educativo.

Dentro dessa perspectiva, fica claro que evangelizar, na concepção espírita, tem um sentido muito mais amplo do que aquele que é entendido por outras correntes cristãs, pois tem como componente básico, indissociável, o elemento educação.

Evangelizar, na conceituação espírita, representa não só informar alguém a respeito da vida, dos ensinamentos e dos exemplos de Jesus, mas, principalmente, conscientizar a respeito da necessidade da aplicação constante desses conhecimentos teóricos à vida diária.

A evangelização, assim compreendida, não se dá num determinado período de tempo: é um processo contínuo de despertamento da criatura para a necessidade do esforço, no sentido de promover a sua transformação moral,

numa busca de auto-aprimoramento, que se inicia num determinado momento da vida, mas que não tem data alguma que lhe marque o fim.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

O SILÊNCIO DAS RELIGIÕES

Vivemos uma época de paradoxos: nunca se falou tanto em paz, mas nunca se ensinou tanto a guerra, a grosseria, a brutalidade, a violência. Como é possível criar uma sociedade pacífica, serena, nos modelos ensinados por Jesus, por Buda, por Francisco de Assis, por Ghandi, se desde a infância a criatura humana é submetida a um aprendizado de violência por meio áudio-visual em cores no cinema e no lar? Observem-se os desenhos animados, plenos de exemplos de brutalidade, de destruição, de desrespeito às coisas e à vida, que são apresentados às crianças na televisão e na internet. As cenas se sucedem, mostrando seres disformes, monstruosos, criaturas que se combatem e se destroem de modo espetacular, arruinando tudo o que está ao seu redor, através de socos, pancadas, raios, explosões. Pergunta-se como ensinar à criança a paz, a tranquilidade, o respeito às coisas e às criaturas, se lhe são apresentados exemplos que a induzem exatamente ao contrário? O resultado dessa sementeira de brutalidade e desumanização é visto todos os dias nas estatísticas, que apresentam o crescente número de desavenças, de agressões e de mortes.

Como será possível a uma criança chegar à condição de adulto sem tornar-se consumidora de alcoólicos, se a televisão faz uma pregação insistente sobre o prazer de consumi-los, em todos os horários, dentro dos lares, usando como pano de fundo a euforia do futebol, a alegria do convívio humano? Nesse particular, evidencia-se o imenso poder dos produtores de bebidas alcoólicas, que não só conseguiram manter sua propaganda na mídia, como ganharam o espaço anteriormente usado pelos produtores de cigarros. A batalha contra o fumo foi vitoriosa, colocando o Brasil bem à frente de países mais desenvolvidos. Entretanto, o fumo é bem menos lesivo à sociedade do que o álcool. O dano produzido pelo fumo se restringe quase que só ao seu usuário, enquanto que o do álcool é capaz de destruir uma família inteira. Por que não regulamentar a propaganda, a venda e o uso de alcoólicos como se fez com o fumo? Mas apesar de o uso do álcool ser muito mais danoso que o do fumo, não há legislação que obrigue os fabricantes de bebidas alcoólicas colocarem, nos seus produtos, avisos quanto aos malefícios do seu uso, conforme é exigido nas embalagens de cigarros.

E, por falarmos em propaganda danosa, o que dizer quanto à licenciosidade sexual, o que dizer sobre as aulas de prostituição que entram nos lares, em todos os horários? As cenas de intimidade vividas por casais são apresentadas em novelas exibidas à tarde e à noite. Alguns programas são apresentados em horário mais avançado, dado o nível de sensualidade que apresentam, mas as suas chamadas, os seus anúncios são feitos em todos os momentos. Há programas que não apenas são atentatórios aos bons costumes, à moral, à ética, mas à própria dignidade humana, onde se evidencia não só a licenciosidade, mas também a ausência de pudor, de senso de privacidade,

este, um dos atributos que distingue o ser humano do restante da criação. Há programas humorísticos que pregam abertamente a promiscuidade, o desrespeito, o deboche, o uso do palavrão. O aviltamento da mulher se tornou tão comum que é olhado pelo viés humorístico. Há flagrante apoio à mulher leviana, despudorada, em detrimento da nobre figura da mulher-esposa, da mulher-mãe.

Mas, afinal, vivemos num país que se diz cristão. Será que o Cristianismo é para ser vivenciado apenas no interior das comunidades religiosas? Será que se deveriam isolar do mundo aqueles que não desejam compactuar com esse estado de coisas, ou lutar para que o mundo se torne compatível com os ensinamentos do Cristo? Se aqueles que desejam manter uma vida equilibrada, respeitosa pretenderem afastar-se do convívio com a sociedade, como interpretariam a recomendação de Jesus, registrada por dois evangelistas: "Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos (...)" (Mt, 10: 16) e "Ide; eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos." (Lc, 10: 3)?

Diante da recomendação de Jesus, não devemos criar ilhas onde se viva cristãmente, mas devemos trabalhar no sentido de cristianizar todos os lugares.

Como nos sentiríamos se, subitamente, aparecesse Jesus ao nosso lado, quando nossas crianças estão vendo certos desenhos, ou estamos assistindo a algumas dessas novelas, desses filmes ou algum desses programas?

E o que estão fazendo as religiões no sentido de despertar as criaturas para uma mudança de atitude, a fim de que assumam sua real posição diante do Cristo? Será que o papel das religiões é levar seus fiéis a pensarem em Deus, ouvindo enternecidamente comentários sobre os ensinamentos de Jesus, somente no interior dos templos, em momentos sagrados? Mas Jesus nunca separou a vida em momentos sagrados e momentos profanos. De acordo com os Seus ensinos, os princípios éticos e morais devem permear todos os atos da vida, em todos os ambientes. Portanto, é premente a necessidade de se despertar o homem para o esforço de proceder de conformidade com esses ensinamentos, em todas as circunstâncias da vida, conforme Ele ensinou e exemplificou. Logo, as religiões devem esclarecer o homem no sentido de não esperar o Céu depois da morte, mas de construí-lo aqui, em todos os ambientes, principalmente dentro de si mesmo, desde agora.

E como estamos procedendo nós, espíritas, nesse cenário caótico em que vivemos? As casas espíritas estão promovendo reflexões sérias que nos levem a nos situarmos na vida como espíritos imortais temporariamente encarnados? Estamos tendo oportunidade de avaliação das propostas da televisão, do cinema, do teatro, da literatura ante nosso futuro no Mundo Espiritual? Lembremo-nos de que, se o Espiritismo não nos atemoriza com o Inferno, também não nos oferece um Ceu conquistado sem esforço no Bem. A verdade é que também nós estamos um tanto acomodados diante do panorama atual, pois raras vozes se erguem para denunciar esse tremendo antagonismo entre o que nos oferece a mídia, e as diretrizes de conduta ensinadas no Evangelho.

Portanto, diante dessa ruína moral que se vê na atualidade, é de se perguntar onde estão as vozes dos condutores de almas, onde estão as vozes das religiões que silenciam diante de tanta ignomínia? Será que aguardam a

volta de João Batista?

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

O SUDÁRIO, HÁ POSSIBILIDADE DE SER AUTÊNTICO?

O Sudário de Turim ou o Santo Sudário é uma peça de linho que mede 4,36 m por 1,10 m, que se encontra sob a custódia da Igreja Católica Romana, em Turim. Tem sido objeto de adoração por crentes e de estudo por cientistas, estes divididos entre uns poucos que o consideram uma falsificação, e muitos – inclusive agnósticos – que lhe atestam autenticidade. A autenticidade assegurada por muitos não inclui a afirmação de que seja realmente a peça de pano que esteve em contato com o corpo de Jesus. Apenas declaram estarem convencidos de que não se trata de uma falsificação, de um pano pintado na Idade Média, como tantos outros o foram, adquirindo a condição de relíquias religiosas e passando a ser adorados por fiéis.

O Sudário começou a ganhar notoriedade a partir do século XIV, precisamente no ano 1357, quando foi exposto por Joana de Vergy, esposa do dono da peça. Mais tarde, passou a pertencer à família Savoia, tendo sido, há pouco tempo, doado à Igreja Católica.

Um teste com o carbono-14 nega que o Sudário seja um tecido do primeiro século da Era Cristã. Alguns cientistas apresentam, contra a validade desse teste, dois argumentos fortes: o fato de ter sido a peça de linho cozida em azeite, na Idade Média, na tentativa de se provar que se tratava de pintura recente, e de ter estado exposta a dois incêndios nos locais onde se achava depositada, tendo numa dessas ocorrências se derretido parte da caixa de prata onde ela se encontrava. O fogo, nas duas ocasiões, deixou marcas que não chegaram a afetar seriamente a figura nela impressa.

Embora a tomemos por base, não nos propomos aqui a repetir tudo o que está afirmado na obra editada nos Estados Unidos, traduzida em Português sob o título "A Verdade sobre o Sudário", de Kenneth E. Stevenson e Gary R. Habermas, que contaram com a colaboração direta de profissionais das áreas médica, física, biofísica, química e fotográfica, além de se estribarem em conclusões de outros pesquisadores, franceses e italianos.

Os citados autores não têm a mínima dúvida de que se trata do pano sobre o qual o corpo de Jesus foi colocado, tendo sido dobrado por sobre o corpo, razão por que apresenta duas figuras, uma de frente e outra de costas. Atestam os autores que foram feitos exames de partículas de sangue e de plasma, de polem de flores do oriente, de fibras de algodão, além de terem comprovado que o corpo havia sido chicoteado, que teria recebido uma coifa de espinhos sobre a cabeça, que tivera parte da barba arrancada, que tivera os pulsos e os pés trespassados por cravos, e que fora lanceado no flanco esquerdo, depois de morto. Além disso, apresentava sinais de que duas moedas haviam sido colocadas sobre seus olhos para mantê-los fechados, consoante o costume da época. Em nada, segundo os Autores, a figura do Sudário contraria os relatos contidos no "Novo Testamento".

Entretanto, nenhum dos pesquisadores conseguiu explicar como a figura se fixou naquela peça de linho. Atestam não se tratar de pintura, nem de tintura, nem de marca de fogo, nem de qualquer processo conhecido tanto na Idade Média, quanto na atualidade. Verificaram, todos os pesquisadores, que as fibras dos fios estão marcadas apenas na superfície, não havendo nenhum indício do uso de tinta ou corante, que, por mais cuidadosa fosse a operação, penetraria no interior das fibras. Deve ser ressaltado que a figura não apresenta distorções como seriam naturais se o pano tivesse sido calcado sobre o corpo a fim de colher-lhe as impressões.

Várias hipóteses foram levantadas para explicar a fixação da figura no linho: emprego de ácido, emprego de vapor, uma chamuscadura produzida por um calor rápido; irradiação de alta energia; radiação atômica. Além do mais, deve ser ressaltado que a imagem foi fixada no linho como num processo fotográfico e a figura se apresenta como um negativo.

Diante da dificuldade de se produzir peça semelhante, um cientista afirmou: "Precisaríamos mais do que um milagre para apresentar o Sudário como uma farsa e não como um objeto autêntico."

E Yves Delage, membro da Academia Francesa, agnóstico confesso, ao concluir que o Sudário é o lençol fúnebre de Jesus, declarou: "Um problema religioso foi desnecessariamente injetado num assunto que, em si, é puramente científico... Se, em vez de Cristo, se tratasse de alguma outra pessoa, como um Sargão, um Aquiles ou um dos Faraós, ninguém teria pensado em fazer nenhuma objeção... Reconheço Cristo como uma personagem histórica e não vejo razão que justifique o fato de alguém se sentir escandalizado porque ainda existem vestígios de sua vida terrena..."

Outros pesquisadores, inclusive os autores, que, por serem católicos, a partir do limite aonde a Ciência chegara, apelam para o "sobrenatural", vez que fora constatado o fato de o corpo não ter sofrido nenhum processo de decomposição sobre o Sudário. Alegam que houve um milagre, uma intervenção direta de Deus, que propiciou a Jesus levantar-se da sepultura com o seu corpo carnal.

Não explicam, entretanto, como Jesus apareceu vestido como um homem da época – a ponto de Madalena, ao vê-lo de costas, imaginar fosse o hortelão –, se o seu corpo fora deixado nu sobre o Sudário, conforme atesta a figura nele impressa. Nem explicam por que Jesus passou a agir de maneira totalmente diferente de como agia antes do suplício: aparecia e desaparecia subitamente; atravessava portas fechadas; não mais se hospedou em casa de ninguém; não fez mais refeições habituais como fizera até então.

Será que durante esses quarenta dias que medeiam a ressurreição e a ascensão, Jesus não quis mostrar que continuava vivo, mas não estava mais encarnado? Se o corpo era o mesmo, por que não agira assim antes? Por que voltaria para o "céu", levando um corpo que não tivera antes? E, raciocinando-se de acordo com o dogma católico-protestante, de Jesus ter sido o próprio Deus encarnado – ou pelo menos um terço da Trindade –, como pôde levar um corpo físico gerado na Terra e acrescentá-lo à Divindade? Nesse caso, Deus não estaria completo até então, pois aquilo que está completo não aceita mais acréscimo algum... Além do mais, esse raciocínio seria aceitável durante a

Idade Média, quando a Terra gozava do status de ser o centro do Universo, mas hoje, diante do que se conhece a respeito do Cosmo, é inaceitável tal teoria, mesmo que o Universo fosse constituído apenas pela nossa galáxia, a Via Látea.

Os autores chegam à tese da ressurreição em corpo espiritual, chamando-a de tese naturalista, mas negam-na. Negam-na veementemente, chegando a citar a I Carta de Paulo aos Coríntios, no seu capítulo 15, mas o fazem de modo incompleto, pois deixam de lado os versículos 35, 36, 37, 40, 42, 44 e 50, nos quais o Apóstolo pergunta com que corpo ressuscitaremos, respondendo, ele próprio, que temos dois corpos: o espiritual e o animal, dizendo: "semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual." E, para que não pairem dúvidas, ainda diz: "... que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção."

Ao deixarem a condição de pesquisadores e assumirem a de teólogos, os autores dizem que a ressurreição de Jesus se deu por intervenção direta de Deus e que se trata de fenômeno irrepetível. Diante de tal afirmativa é lícito seja perguntado com que corpo apareceram Moisés e Elias a Jesus, no Tabor, conforme relatado no Novo Testamento (Mt, 17: 1 a 13; Mc, 9: 1 a 13; Lc, 9: 28 a 36). Como puderam aparecer, tão materializados, a ponto de Pedro propor a construção de três cabanas, uma para Jesus, outra para Moisés e outra para Elias, conforme o relato dos três Evangelistas? Que corpo tinham eles, se a ressurreição de Jesus foi irrepetível?

Não temos conhecimento de que existam na Codificação, nem em obras subsidiárias, referências ao Sudário. Entretanto, com base em experiências mediúnicas e revelações feitas por Espíritos, podem ser levantadas algumas hipóteses:

André Luiz (Obreiros da Vida Eterna, caps. 15 e 16), em duas situações, revela que trabalhadores do Bem dissipam as energias remanescentes nos cadáveres, antes do sepultamento, a fim de que não sejam profanados por Espíritos vadios. Diante disso, é de se perguntar: quem teria condições para dissipar a energia remanescente no corpo de Jesus, se não ele próprio? E ao fazê-lo, não o teria desmaterializado completamente? Com que objetivo Jesus deixaria na sepultura o corpo físico que lhe servira de instrumento, vez que, embora não mais pudesse ser explorado por Espíritos que quisessem se apossar dos fluidos remanescentes, sê-lo-ia por certo pelos sacerdotes interessados em apagar quaisquer indícios que lembrassem o Carpinteiro? Imaginemos o que aconteceria se o túmulo não estivesse efetivamente vazio: promoveriam uma exposição do cadáver, dizendo que as aparições de Jesus eram falsas.

Jesus não procurou convencer a ninguém de que o corpo que lhe servia de instrumento para suas aparições depois da desencarnação não era mais carnal. Pretendeu, por certo, provar a vitória da vida sobre a morte. Isso, para a época, era o suficiente. Entretanto, ao ser visto por Saulo, na Estrada de Damasco, este compreendeu perfeitamente a imaterialidade daquele corpo luminoso com que o Mestre se apresentava. Daí, suas declarações na Carta aos Coríntios, já citada.

Mas, se Jesus desmaterializara o seu corpo, como poderia deixar prova de que não havia sido retirado da cruz ainda com vida – como querem alguns fantasistas – e levado para um lugar distante, onde teria continuado a viver? Pode-se supor que tenha deixado que as radiações produzidas pela desmaterialização plasmassem no tecido do Sudário a figura do seu corpo, que tinha sido colocado sobre uma parte do tecido e coberto com a outra.

As palavras de Jesus, quando promete o Consolador, ajudam a entender por que ele decidira não falar mais sobre o assunto, deixando as explicações para mais tarde, quando a Ciência tivesse avançado e pudesse estudar e explicar aquele fenômeno. Para quando o entendimento dos homens tivesse se alargado, de molde a entender-lhe a lição sem palavras a respeito da imortalidade, quando tivessem condições de entender a condição acidental – e não essencial – do corpo físico. Analisemos suas palavras: "Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora." (Jo, 16: 12). E disse mais: "Aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que tenho ensinado." (Jo, 14: 26).

O Espiritismo, na sua condição de o Consolador prometido por Jesus, veio lembrar a sublime lição de imortalidade deixada pelo Mestre, escoimando-a de todas as fantasias criadas por teólogos, clérigos e leigos, tirando-lhe o caráter milagroso, mágico, irreal, e trazendo-a ao campo do raciocínio claro, lógico e coerente. Apoiado na Ciência, pôde o Espiritismo, séculos mais tarde, demonstrar que as aparições de Jesus não significaram uma derrogação das leis eternas. Inúmeras experiências de materialização foram levadas a efeito por cientistas de renome, que provaram à saciedade que o espírito desencarnado pode materializar-se, tornando-se visível, audível e tangível, conforme relata Arthur Conan Doyle, em sua obra "História do Espiritismo", em que cita o testemunho de pesquisadores da estatura e respeitabilidade de Sir William Crookes, Cesare Lombroso, Sir Oliver Lodge, Camile Flammarion, Charles Richet, entre outros.

Digna de destaque é a figura do Prof. Crookes, tanto pela sua contribuição à Ciência, quanto pelos seus títulos. Descobriu o tálio, inventou o radiômetro, os tubos eletrônicos de catódio frio para a produção dos raios-X. Recebeu o Prêmio Nobel de Química, o título de Cavaleiro da Rainha Vitória, recebeu a Gold Medal, a Davy Medal, a Sir Joseph Copley Medal, na Inglaterra. Na França, foi premiado pela Academia de Ciências, que lhe concedeu medalha de ouro e um prêmio de 3.000 francos. Esse eminente homem de Ciência se destaca também nas pesquisas de fenômenos psíquicos. Durante quase quatro anos, promoveu sessões em que se materializava o Espírito Katie King, que lhe proporcionou oportunidade de aplicar todo o seu rigor científico em pesquisas que o convenceram, a ele e a outros cientistas, da veracidade dos fenômenos. Além disso, o Espírito Katie King proporcionou-lhe memoráveis ocasiões de convívio, não só com ele, mas com outros pesquisadores e até com familiares, inclusive crianças, conforme se constata na obra "Fatos Espíritas", de sua autoria.

Alguns desses cientistas aceitaram pesquisar fenômenos de materialização, desmaterialização e rematerialização, com o objetivo declarado de provar-lhes a irrealidade, mas acabaram por se convencer dos fatos, e se tornaram

espíritas convictos. É o caso de William Crookes, que teve a coragem de declarar seu convencimento a respeito da autenticidade dos fenômenos à Sociedade Real de Londres, para escândalo de muitos de seus membros ilustres. Esse eminente homem de Ciência, provando que todo testemunho da Verdade é penoso para aquele que se propõe a dá-lo, amargou com a incompreensão de muitos colegas

Nos anos que se seguiram à publicação das obras básicas do Espiritismo, houve uma verdadeira onda de pesquisas desses fenômenos, cujos resultados se acham registrados em vasta bibliografia que pode ser consultada por aqueles que, libertos do ranço religioso, se proponham a fazê-lo.

Concluindo, chega-se à hipótese mais plausível a respeito do Sudário: se ele é realmente a peça de linho sobre a qual foi depositado o corpo de Jesus, a explicação mais clara, mais racional e lógica – livre de qualquer idéia de derrogação das leis da Natureza e de milagre – é essa que o Espiritismo nos proporciona. É um raciocínio que vem explicar, não confundir. É um raciocínio que não agride a razão, como o faz a teoria da ressurreição em corpo carnal.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

PALAVRAS AOS EVANGELIZADORES

> "Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir aqueles incumbidos de educá-lo (O L.E., 383)

A visão que se tem da criança pela ótica espírita difere fundamentalmente da que é sustentada pelas doutrinas que pregam a unicidade da existência corpórea. Para essas correntes de pensamento religioso, a criança traz, ao nascer, apenas os ascendentes biológicos, que seriam herdados dos antepassados próximos ou remotos. A concepção espírita difere, também, de outras doutrinas reencarnacionistas que consideram a volta do Espírito ao mundo material apenas com fins punitivos ou, quando muito, para o cumprimento de uma missão.

O Espiritismo não nega a reencarnação missionária, e ensina que aquilo que é visto como punição é apenas o funcionamento da lei de causa e efeito. Entretanto, vai além, ampliando a compreensão da própria vida, ao revelar o aspecto evolutivo da reencarnação.

Vista sob essa ótica, a criança é um Espírito imortal, detentor de imensa bagagem de experiências vivenciadas em outras épocas, herdeira de si mesma, que retorna à Terra a fim de adquirir novos conhecimentos e, principalmente, de reformular sua maneira de proceder, ajustando-a, tanto quanto possível, aos postulados do Evangelho de Jesus.

Assim, aprendemos, no Espiritismo, que reencarnamos para prosseguirmos a nossa jornada evolutiva. Ao responderem a Kardec a respeito da utilidade de passar pelo estado de infância, os Espíritos Superiores atribuíram a responsabilidade da execução dos procedimentos educativos, não só aos pais, mas a todos aqueles que têm oportunidade de propiciar à criança ensinamentos e exemplos que a ajudem a adquirir novos conhecimentos e a reformular seu modo de proceder, ou seja, de reeducar-se através do esforço consciente, no sentido de exteriorizar sua luz, herança divina de que todos os Espíritos somos dotados, conforme ensinamento de Jesus (Mt, 5: 16).

Dentre esses "incumbidos de educá-lo", conforme expressão dos Espíritos, estamos nós, evangelizadores da infância, ligados a esses irmãos recém-chegados do Mundo Espiritual, não pelos laços da consanguinidade nem do parentesco físico, mas pelos mais sagrados elos da nobre tarefa que assumimos perante o Evangelizador Maior. Entendemos, assim, que fomos admitidos num trabalho que é continuação daquele iniciado no Mundo Espiritual, na preparação do Espírito para sua volta às lides terrenas. Ao considerarmos a Escola Espírita de Evangelização como um Posto Avançado do Mundo Espiritual, devemos meditar sobre a extensão e a responsabilidade da

tarefa que nos é atribuída.

Conscientes dessa grave responsabilidade, qual seja a de iluminar consciências, urge que nos preparemos convenientemente através da oração sincera, da meditação serena, do estudo edificante, a fim de que nossa palavra, portadora de carga magnética gerada na convicção profunda, e não apenas na informação superficial, possa tocar os pequeninos, pois quem não está convencido do que diz raramente consegue convencer alguém. Como exemplo, é oportuna a lembrança das palavras do Benfeitor Alexandre, citadas no livro "Missionários da Luz", à página 311: "O companheiro que ensina a virtude, vivendo-lhe a grandeza em si mesmo, tem o verbo carregado de magnetismo positivo, estabelecendo edificações espirituais nas almas que o ouvem. Sem essa característica, a doutrinação, quase sempre, é vã." Desse modo, a palavra suave, embora firme, nos abrirá as portas do entendimento da criança, propiciando-nos oportunidade à semeadura das lições do Evangelho, agora explicado à luz da Doutrina Espírita.

Devemos ter consciência de que a Escola Espírita de Evangelização – chamada afetivamente de "escolinha" – é, malgrado o pouco tempo de que dispomos para o convívio com a criança, apesar da incompreensão de alguns dirigentes de centros espíritas, e das dificuldades materiais, a escola que mais esclarece no mundo, aquela mais propícia à implantação dos tempos novos, face aos ensinamentos libertadores, capazes de levar o evangelizando a uma mudança de mentalidade, que o capacitará a colaborar efetivamente na implantação de uma sociedade mais justa, mais fraterna, dos tempos novos, conforme preconizam os Espíritos.

Importa seja lembrado também que o Espiritismo, ao trazer-nos de volta os ensinamentos de Jesus, na sua simplicidade, objetividade e pujança originais, tira-nos aquele sentimento místico do comparecimento ao templo – assim chamado casa de Deus – e nos revela o mundo como oficina da nossa vivência religiosa, portanto do nosso aperfeiçoamento. Tira-nos, também, outro referencial religioso, além do templo, qual seja a figura do sacerdote, do pastor, do guru.

Tendo isso em mente, devemos meditar sobre o que representamos para a criança, que nos observa efetivamente como referencial religioso, embora nos empenhemos em mostrar-lhe as figuras veneráveis que, através dos tempos, têm trazido suas contribuições para a iluminação da criatura humana, no que se destaca a figura maior de Jesus.

Assim pensando, devemos nos empenhar, com toda a força do nosso entendimento, no sentido de nos aprimorarmos cada vez mais para a execução do nosso trabalho junto à criança. Esse aprimoramento envolve três aspectos principais, que devem ocupar o primeiro plano das preocupações do evangelizador: o pensar, o sentir, e o fazer.

O pensar nos leva à reflexão, à conscientização plena do valor do nosso trabalho. Quando meditamos sobre nossa atuação no setor de evangelização infantil, devemos avaliar o nível do nosso comprometimento com a tarefa; que espaço ela ocupa em nossa mente; quantas horas por semana dedicamos ao preparo da mensagem que levaremos à criança, que espera de nós a orientação a fim de que caminhe com segurança neste mundo tão conturbado

em que vivemos. Sem que nos julguemos grandes missionários ou Espíritos iluminados, é justo que tenhamos consciência da relevância e do valor da tarefa a que nos dispomos, ainda que a nossa turma de evangelizandos seja pequena, que seja "turma" de um só! E quando nos assalte dúvida a respeito da validade do nosso esforço, devemos nos lembrar de que no trabalho mediúnico de desobsessão – que deveria denominar-se "evangelização do desencarnado" – um grupo de várias pessoas se empenha, às vezes durante muito tempo, no encaminhamento de um único Espírito que trilha caminho equivocado, não raro por não ter sido evangelizado na infância.

Aos serem examinados os resultados das tarefas desenvolvidas nas instituições espíritas, fica evidente que a Evangelização da criança é a atividade mais importante, de vez que beneficia o Espírito desde a fase infantil, influenciando seu proceder, dando-lhe diretrizes que o ajudarão não só nesta sua passagem pela Terra, mas que servirão como farol a iluminar-lhe a consciência em sua vida de Espírito imortal. Por isso é que, embora reconhecendo o valor das outras tarefas desenvolvidas nos centros espíritas, chega-se facilmente à conclusão que a Evangelização da Criança deveria ter primazia, deveria ser atividade olhada com a maior responsabilidade por parte dos dirigentes das instituições espíritas, por ser a encaminhadora do Espírito, numa verdadeira continuação do trabalho iniciado no Mundo Espiritual, durante os preparativos para sua volta.

É a consciência profunda do insubstituível valor da tarefa que nos deve alentar nos momentos de desânimo, quando a incompreensão de dirigentes da casa onde trabalhamos, a falta de espaço físico, de material apropriado, a falta de cooperação dos próprios pais, as dificuldades com a criança, todos esses obstáculos quiserem nos tirar dessa seara bendita a que fomos convocados.

O Evangelizador deve empenhar-se, também, no desenvolvimento da sua capacidade de sentir. Todos temos em nós o amor, em estado de latência. Essa herança divina, que se revela através dos séculos sucessivos, pode ter sua exteriorização acelerada pelo esforço consciente da criatura. E o Evangelizador é desafiado ao esforço de amar, pois quem não ama não tem condição de suscitar nos pequeninos o desejo de amar. O pensar é muito importante, imprescindível mesmo. Mas o pensar sem o sentir pode levar-nos a uma postura muito fria, muito calculada que, embora matematicamente certa dentro dos parâmetros meramente pedagógicos, vistos do ângulo acadêmico, não se coaduna com o espírito do trabalho de evangelização, que deve primar pelo incentivo ao desenvolvimento das virtudes preconizadas pelo Evangelho.

Dentro dessa visão, o nosso fazer nos aponta o caminho do esforço na preparação das aulas, no que tange ao conteúdo a ser ministrado, ao material a ser usado, mas, principalmente, o caminho do esforço da preparação da nossa capacidade de sentir, de amar, iluminando-nos para que possamos iluminar consciências.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

PALAVRAS AOS PAIS E AOS EVANGELIZADORES DA INFÂNCIA

"Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir aqueles incumbidos de educá-lo (O L.E., 383)

A visão que se tem da criança pela ótica espírita difere fundamentalmente daquela que é sustentada pelas doutrinas que pregam a unicidade da existência corpórea. Para essas correntes de pensamento religioso, a criança traz, ao nascer, apenas os ascendentes biológicos, que seriam herdados dos antepassados próximos ou remotos. A concepção espírita difere, também, de outras doutrinas reencarnacionistas que consideram a volta do Espírito ao mundo material apenas com fins punitivos ou, quando muito, para o cumprimento de uma missão.

O Espiritismo não nega a reencarnação missionária, e ensina que aquilo que é visto como punição é apenas o funcionamento da lei de causa e efeito. Entretanto, vai além, ampliando a compreensão da própria vida, ao revelar o aspecto evolutivo da reencarnação.

Vista sob essa ótica, a criança é um Espírito imortal, detentor de imensa bagagem de experiências vivenciadas em outras épocas, herdeira de si mesma, que retorna à Terra, a fim de adquirir novos conhecimentos e, principalmente, de reformular sua maneira de proceder, ajustando-a, tanto quanto possível, aos postulados do Evangelho de Jesus. Assim, aprende-se, no Espiritismo, que a reencarnação tem por objetivo o prosseguimento da jornada evolutiva do Espírito.

Ao responderem a Kardec a respeito da utilidade de passar pelo estado de infância, os Espíritos Superiores atribuíram a responsabilidade da execução dos procedimentos educativos, não só aos pais, mas a todos aqueles que têm oportunidade de propiciar à criança ensinamentos e exemplos que a ajudem a adquirir novos conhecimentos e a reformular seu modo de proceder, ou seja, de reeducar-se através do esforço consciente, no sentido de exteriorizar sua luz, herança divina de que todos os Espíritos somos dotados, conforme ensinamento de Jesus (Mt, 5: 16).

Dentre esses "incumbidos de educá-lo", conforme expressão dos Espíritos (O E.s.E., cap. 14, item 8), estão os evangelizadores da infância, ligados a esses irmãos recém-chegados do Mundo Espiritual, não pelos laços da consanguinidade nem do parentesco físico, mas pelos mais sagrados elos da nobre tarefa assumida perante o Evangelizador Maior. Entende-se, assim, que foram admitidos num trabalho que é continuação daquele iniciado no Mundo Espiritual, na preparação do Espírito para sua volta às lides terrenas. Ao ser considerada a Escola Espírita de Evangelização como um Posto Avançado do Mundo Espiritual, deve-se meditar sobre a extensão e a responsabilidade da

tarefa que é atribuída ao evangelizador.

Consciente dessa grave responsabilidade, qual seja a de iluminar consciências, urge que se prepare convenientemente através da oração sincera, da meditação serena, do estudo edificante, a fim de que a sua palavra, portadora de carga magnética gerada na convicção profunda, e não apenas na informação superficial, possa tocar os pequeninos, pois quem não está convencido do que diz, raramente consegue convencer alguém. Como exemplo, é oportuna a lembrança das palavras do Benfeitor Alexandre, citadas no livro "Missionários da Luz", à página 311: "O companheiro que ensina a virtude, vivendo-lhe a grandeza em si mesmo, tem o verbo carregado de magnetismo positivo, estabelecendo edificações espirituais nas almas que o ouvem. Sem essa característica, a doutrinação, quase sempre, é vã." Desse modo, a palavra firme, embora suave, abrirá as portas do entendimento da criança, propiciando oportunidade à semeadura das lições do Evangelho, agora explicado à luz da Doutrina Espírita. O Benfeitor Alexandre deve ter-se inspirado nas palavras do "Sermão da Montanha", no seu último versículo, em que Mateus põe em relevo a eficácia das palavras de Jesus: "Porquanto os ensinava como tendo autoridade, e não como os escribas." (Mat, 7: 29)

Deve, o evangelizador, ter consciência de que a Escola Espírita de Evangelização – chamada afetivamente de "escolinha" – é, malgrado o pouco tempo de que dispõe para o convívio com a criança, apesar da incompreensão de alguns dirigentes de centros espíritas, e das dificuldades materiais, a escola que mais esclarece no mundo, aquela mais propícia à implantação dos tempos novos, face aos ensinamentos libertadores, capazes de levar o evangelizando a uma mudança de mentalidade, que o capacitará a colaborar efetivamente na implantação de uma sociedade mais justa, mais humana, mais fraterna, conforme preconizam os Espíritos.

Importa seja lembrado também que o Espiritismo, ao trazer de volta os ensinamentos de Jesus, na sua simplicidade, objetividade e pujança originais, anula aquele sentimento místico do comparecimento ao templo – assim chamado casa de Deus – e revela o mundo como oficina da vivência religiosa, portanto do aperfeiçoamento espiritual. Anula, também, outro referencial religioso, além do templo, qual seja a figura do guru, do sacerdote, do pastor.

Tendo isso em mente, deve o evangelizador meditar sobre o que ele representa para a criança, que o observa efetivamente como referencial religioso, malgrado o seu empenho em mostrar-lhe os verdadeiros referenciais nas figuras veneráveis que, através dos tempos, têm trazido suas contribuições para a iluminação da criatura humana, no que se destaca a figura maior de Jesus.

Assim pensando, deve o evangelizador empenhar-se, com toda a força do seu entendimento, no sentido de aprimorar-se cada vez mais para a execução do seu trabalho junto à criança. Esse aprimoramento envolve três aspectos principais, que devem ocupar o primeiro plano das suas preocupações: o pensar, o sentir e o fazer.

O pensar leva-o à reflexão, à conscientização plena do valor do seu trabalho. Quando medita sobre sua atuação no setor de evangelização infantil, deve avaliar o nível do seu comprometimento com a tarefa; que espaço ela ocupa em sua mente; quantas horas por semana dedica ao preparo da mensagem que levará à criança que espera dele a orientação, a fim de que

caminhe com segurança neste mundo tão conturbado da atualidade. Sem que se julgue grande missionário ou Espírito iluminado, é justo que tenha consciência da relevância e do valor da tarefa a que se dispõe, ainda que a sua turma de evangelizandos seja pequena, que seja “turma” de um só!

E quando o assalte alguma dúvida a respeito da validade do seu esforço, deve lembrar-se de que no trabalho mediúnico de desobsessão – que deveria denominar-se “evangelização do desencarnado” – um grupo de várias pessoas se empenha, às vezes durante muito tempo, no encaminhamento de um único Espírito que trilha caminho equivocado, talvez por não ter sido evangelizado na infância.

Ao serem examinados os resultados das tarefas desenvolvidas nas instituições espíritas, fica evidente que a Evangelização da criança é a atividade mais importante, de vez que beneficia o Espírito desde a fase infantil, influenciando seu proceder, dando-lhe diretrizes que o ajudarão não só nesta sua passagem pela Terra, mas que servirão como farol a iluminar-lhe a consciência em sua vida de Espírito imortal. Por isso é que, embora reconhecendo o valor das outras tarefas desenvolvidas nos centros espíritas, chega-se facilmente à conclusão de que a Evangelização da Criança deveria ter primazia, deveria ser atividade olhada com a maior responsabilidade por parte dos dirigentes das instituições espíritas, por ser a encaminhadora do Espírito, numa verdadeira continuação do trabalho iniciado no Mundo Espiritual, durante os preparativos para sua volta à Terra. Esse particular deveria ser periodicamente relembrado aos pais, no sentido de colocá-los como parceiros no trabalho, cuja parcela maior de responsabilidade é deles.

É a consciência profunda do insubstituível valor da tarefa que deve alentar o evangelizador nos momentos de desânimo, quando a incompreensão dos dirigentes da casa onde trabalha, a falta de espaço físico, de material apropriado, a falta de cooperação dos próprios pais, as dificuldades com a criança – todos esses tropeços quiserem tirá-lo dessa seara bendita a que foi convocado.

O Evangelizador deve empenhar-se, também, no desenvolvimento da sua capacidade de sentir. Todos temos em nós o amor, em estado de latência. Essa herança divina, que o Espírito vai revelando através dos séculos sucessivos, pode ter sua exteriorização acelerada pelo esforço consciente da criatura. E o evangelizador é desafiado ao esforço de amar, pois quem não ama não tem condição de suscitar nos pequeninos o desejo de amar. O pensar é muito importante, imprescindível mesmo. Mas o pensar sem o sentir pode levá-lo a uma postura muito fria, muito calculada que, embora matematicamente certa dentro dos parâmetros meramente pedagógicos, vistos do ângulo acadêmico, não se coaduna com o espírito do trabalho de evangelização, que deve primar pelo incentivo ao desenvolvimento das virtudes preconizadas pelo Evangelho.

E, quando após anos de trabalho junto a uma criança souber que ela se desviou, a partir da adolescência ou da juventude, o evangelizador não deve desanimar, julgando perdido todo o seu esforço ao longo de anos sucessivos. O Bem nunca se perde. Mais cedo ou mais tarde, às vezes com o concurso da dor, as sementes recolhidas com os risos da infância germinarão, até mesmo regadas pelas lágrimas na idade adulta.

José Passini
Passinijose@yahoo.com.br

PENAS ETERNAS

A doutrina das penas eternas é extremamente inconsistente e não resiste a um exame sério, porque, segundo ela, a misericórdia Deus seria inferior à de suas próprias criaturas. Colocaria Deus como incapaz de resgatar um filho que tivesse errado. Nesse caso, Deus seria menos misericordioso do que um pai terreno decente que, malgrado a sua imperfeição, socorre o filho perdido que pede perdão e amparo. Em verdade, ninguém explica de onde foram os teólogos tirar essa aberração chamada inferno de penas eternas, depois de Jesus ter falado tanto a respeito da misericórdia de Deus, chamando o Pai, que João assim se expressa: Deus é caridade. (I Jo, 4: 8)

Através da Parábola do Filho Pródigo, Jesus deixa sublime ensinamento a respeito da capacidade de um pai terreno de perdoar o filho ingrato que o deixou depois de ter recebido sua parte da herança que lhe cabia. Depois de gastar tudo e de ficar na miséria, ele se lembrou de que seu pai era bom para os empregados, raciocinando: Levantar-me-ei e irei a meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o ceu e perante ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros. (Lc, 15: 18 e 19)

Assim pensando, voltou imediatamente: E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o ceu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho. Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa o melhor vestido, e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão e alparcas nos pés; e trazei o bezerro cevado, e matai-o e comamos, e alegremo-nos. Porque este filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido e foi achado. E começaram a alegrar-se. (Lc, 15: 20 a 24)

Pode, a misericórdia da criatura ser maior do que a do Criador? Pode a bondade de um pai terreno ser maior que a do Pai Celestial? A esse respeito, é pertinente sejam lembrados ensinamentos de Jesus, quando compara o pai terreno com o Pai Celestial: E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? (Mt, 7: 9 a 11).

E, como o Mestre viera para ensinar as criaturas a desenvolverem uma fé baseada não apenas em momentos emocionais, mas na razão, no entendimento, completa: Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está nos céus, dará bens aos que lhos pedirem? (Mt, 7: 11)

Por outro lado, se Deus é infinitamente misericordioso, como se dará o seu perdão? Deus simplesmente apagaria as culpas daquele que errou, esquecendo-as? Nesse caso Ele não seria justo, pois agiria do mesmo modo em relação à virtude e ao crime.

O Espiritismo ensina que o perdão divino significa uma nova oportunidade ao espírito falido, a fim de que possa reconstruir tudo o que ele danificou, destruiu. Isto é, o pecador deve fazer o bem em igual medida ao mal anteriormente feito. Entretanto, não se trata de punição, mas de ação educativa. Essa posição está em perfeito acordo com a afirmativa: porque o amor cobre a multidão dos pecados. (I Pe, 4: 8).

O Espiritismo não aceita a idéia da encarnação da alma humana em corpo animal. Muito embora essa teoria seja mais admissível que a das penas eternas. Muitos dos que negam a teoria da reencarnação, confundindo-a inconsciente ou conscientemente com a metempsicose, não vêem que, embora difícil de se aceitar, a metempsicose seria mais razoável do que a doutrina das penas eternas. Ora, seria mais suave para o Espírito faltoso passar uma encarnação latindo no corpo de um cão, ou puxando carroça e recebendo chibatadas no corpo de um burro, durante uns vinte anos, a ficar eternamente queimando no Inferno.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

PERDOE-SE

Ainda pesa muito na consciência de certas pessoas o espectro terrível do Inferno com suas penas eternas, criado pelos teólogos que, esquecidos dos ensinamentos de Jesus, relativamente à misericórdia do Pai, conceberam essa monstruosidade, ainda capaz de atormentar a muitos.

Mesmo no meio espírita, há pessoas que, embora não temam o Inferno eterno, acham que fatalmente irão para o Umbral por algum tempo, em razão de faltas cometidas nesta encarnação.

Recebemos, há alguns anos, uma carta de uma irmã que havia feito um aborto, antes de se tornar espírita.

Conscientizada da extensão do erro cometido e da necessidade do esforço para a sua reparação, começou a colaborar na casa que frequentava, onde recebeu proposta de trabalho na evangelização infantil.

Como havia errado no passado, entrara num terrível drama de consciência, pois se julgava indigna de trabalhar junto aos pequeninos, ela que se negara a trazer uma criança ao mundo.

Escreveu-nos carta pungente, dorida mesmo, expondo-nos sua angustiosa situação. Respondemos-lhe o seguinte:

Estimada Irmã,

Recebi sua carta, que mereceu a minha melhor atenção, e que passo a responder:

Você fez um aborto. E aborto é coisa séria, mas não irremediável.

O Espiritismo, trazendo-nos de volta os ensinamentos libertadores e consoladores de Jesus, nos ensina que não há condenação fixa, a não ser na teologia criada pelos homens.

Você diz temer o Umbral, em função de seus erros. Essa preocupação é justa, pois demonstra que você não é uma criatura impenitente, mas, pelo contrário, alguém que conhece a responsabilidade que assumiu quando errou.

Entretanto, não devemos julgar os nossos equívocos do passado com o conhecimento que temos hoje. Se erramos no passado, o fizemos dentro do conhecimento que tínhamos. O importante é agora, que conhecemos mais profundamente a Verdade, não reincidir nos erros.

O perdão, minha Irmã, que o Evangelho nos ensina, deve chegar até nós próprios também! É importante que nos perdoemos, compreendendo que aquilo que está feito está feito, não nos sendo possível mudar mais. Devemos olhar para o passado, não para lamentar, mas para tirar valiosas lições, experiências.

Lembre-se de que Jesus, depois que se foram aqueles que acusavam a mulher apanhada em adultério, perguntou-lhe: "Mulher, onde estão os teus acusadores? Ninguém te condenou? E ela disse: ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: nem eu também te condeno: vai-te e não peques mais." (João, 8: 10 e 11).

Lembre-se, também, de Madalena. Ela era uma mulher que vivia do seu corpo, entregando-se a homens ricos e poderosos, a fim de manter a vida de luxo e gozo. Quem sabe se não terá feito até abortos?

Quando ela conheceu Jesus, acordou para uma vida nova, rompendo com aquele passado equivocado. Jesus recebeu-a com o mesmo respeito com que recebia as outras mulheres que faziam parte do grupo que o acompanhava, enfrentado até mesmo a incompreensão dos Apóstolos, que viviam presos aos preconceitos contra a mulher. O Mestre deu-lhe oportunidade de dignificar-se através do trabalho no bem, que desenvolveu entre leprosos. Ao final da vida, foi recebida pessoalmente por Jesus. (Leia o capítulo 20, Maria de Magdala, do livro "Boa Nova", de Humberto de Campos, psicografado por Francisco Cândido Xavier).

Você, hoje, não tem leprosos para tratar. Mas tem crianças para evangelizar. Lembre-se que podem ser leprosos da alma que, reencarnados, serão curados através do Evangelho de Jesus que você irá mostrar-lhes.

Pedro, na sua Primeira Carta, no capítulo 4, versículo 8, diz: "... a caridade cobrirá a multidão dos pecados." Algumas traduções, ao invés de "caridade" trazem a palavra "amor", o que dá na mesma...

Em relação ao Umbral, que tanto a preocupa, lembre-se de que só irão para zonas de sofrimento aqueles que continuam agindo no mal, que não despertaram para o Bem. No livro "Voltei", do irmão Jacob, psicografado por Francisco Cândido Xavier, capítulo 7, página 78, você verá que um assassino estava sendo levado num grupo, conduzido por Bezerra de Menezes, a uma colônia espiritual, onde seria recebido com respeito e fraternidade. Por que? Por privilégio? Não. Nem proteção arranjada à última hora, mas sim por mérito adquirido depois que se arrependeu e pôs-se a trabalhar no bem, a fim de compensar o mal anteriormente praticado. O mal exige reparação, e não punição.

Deus, segundo nos ensina Jesus, não quer o nosso sofrimento. Quer apenas que trabalhemos no Bem. Quando uma criatura está trabalhando no Bem, ninguém vai tirar-lhe a oportunidade de servir, para colocá-la em regiões de sofrimento. Se você está evangelizando, vai continuar o seu trabalho abençoado depois de desencarnar, pois no Mundo Espiritual também há crianças a carecerem de orientação.

Quanto ao filho que não quis ter, lembre-se de que é filho de Deus e que poderá tê-lo numa nova encarnação (talvez até mesmo nesta, se encontrar um homem que a respeite e queira não apenas aproveitar-se de você, mas ser pai de seus filhos). Há, ainda, a alternativa de adoção, pois há tantas crianças sem mãe neste mundo.

Quem sabe você não estará encaminhando – agora na evangelização – o mesmo Espírito que rejeitou, e que veio por outra mãe?

Assim, minha Irmã, não tema o futuro. Não guarde sentimento de culpa. Lembre-se de que não existe ninguém no mundo que não tenha errado, nesta ou noutra vida. É sempre tempo de renovação. Jesus nos ensinou que Deus é amor, é misericórdia, e não castigo!

Observe que você – como diz em sua carta – queria apenas ser faxineira no centro, mas os Espíritos, vendo a sua boa-vontade e o seu desejo ardente de redimir um passado culposo, deram-lhe a oportunidade de trabalhar justamente no campo infantil. Não é isso significativo? Seu arrependimento foi sincero e bem aceito pela Espiritualidade. O acaso não existe, minha Irmã. Valorize a oportunidade que recebeu. Agarre-se a ela. Sinta-se dignificada, esforce-se, estude, ore e confie. Jesus está com você. Esteja com Ele!

Abraço amigo do seu irmão,

Passini

Já nos havíamos esquecido do fato, quando, poucos anos depois, em cidade próxima, a encontramos, feliz, no trabalho de evangelização infantil.

REFLEXÕES SOBRE O NATAL

A palavra natal, como se sabe, significa nascimento. Assim, pode-se dizer terra natal, significando terra onde nasceu alguém. Emprega-se a palavra também para significar dia do aniversário, do natalício. Entretanto, quando escrita com maiúscula, a palavra significa, para os cristãos, o nascimento de Jesus. Nesse caso, dizemos O Natal, ou o dia de Natal.

A maioria da Humanidade cristã comemora o Natal sem atentar no que significou, para a Terra, o nascimento de Jesus. A sua vinda foi anunciada século após século, por vários profetas. O povo hebreu esperava ansiosamente pelo Messias. Esperava-o como se espera um libertador, um guerreiro que, segundo pensava a maioria, viria libertar o povo de Israel do domínio romano. Imaginavam muitos que o Messias seria um homem rico e poderoso, que viria à frente de exércitos, que venceria os romanos, devolvendo-lhes os sofrimentos e as humilhações impostos aos Judeus, anos a fio.

Contrastando com as expectativas, a vinda de Jesus não se revestiu do luxo e da pompa de um palácio, nem de demonstrações exteriores de poder. Pelo contrário, as primeiras paredes que o abrigaram foram as de um estábulo e o seu berço foi a humilde palha de uma manjedoura. O seu poder manifestou-se na firmeza de suas convicções, na força da Verdade e na exemplificação profunda do Amor.

Sabe-se que o seu nascimento se deu nessas circunstâncias não por estarem seus pais em condições de penúria. José, conquanto fosse um carpinteiro pobre, tinha com que pagar uma pousada, pois conforme relatam o Evangelho de Lucas (2: 7) e Irmão X (Antologia do Natal, cap. 50), o casal procurou algumas hospedarias, mas a cidade, em vista do recenseamento, estava repleta de viajantes e não havia aposentos disponíveis. Pode parecer que Jesus nasceu em meio humilde por essa condição meramente circunstancial, de não terem seus pais encontrado vaga em nenhuma hospedaria de Belém. O seu nascimento num estábulo pode ter sido circunstancial, mas a condição de pobreza já estava programada, visto ter escolhido a família de um carpinteiro.

Desde o seu nascimento, Jesus deixou mensagens da mais profunda significação na história humana. Começou por mostrar que o verdadeiro poder não se manifesta de modo visível senão àqueles "que têm olhos de ver", pois emana do Espírito imortal e não da matéria transitória. Começando a vida num berço pobre, entre pessoas comuns, demonstrou a força imensa da simplicidade e da humildade.

Trinta e três anos mais tarde, para a grande massa popular de Jerusalém, naquela sexta-feira de triste memória, Jesus foi um derrotado, vencido ao peso da iniquidade e dos interesses materiais do sacerdócio judaico. Entretanto, como previsto pelo profeta, sua passagem pela Terra seria a de um vencedor:

"O seu túmulo passará como o de um malvado e a sua morte como a de um ímpio. Mas, desde o momento em que oferecer a sua vida, verá nascer uma posteridade e os interesses de Deus hão de prosperar em suas mãos." (Citado por Emmanuel, A Caminho da Luz, cap. 12). E Emmanuel completa, na obra já citada, "Começava a era definitiva da maioridade espiritual da Humanidade terrestre, de vez que Jesus, com a sua exemplificação divina, entregaria o código da fraternidade e do amor a todos os corações". Por essas palavras do Benfeitor, vemos que a passagem de Jesus pela Terra não foi a de mais um missionário, mas constituiu-se num marco luminoso na história da evolução humana, foi algo de tal significação que chegou a mudar a contagem do tempo, em "antes" e "depois” de Cristo.

Com o Cristo, o próprio conceito humano de religião mudou completamente. Não mais aquela religião mística, contemplativa, ritualística, cheia de oferendas e fórmulas repetitivas no interior dos templos. Religião, conforme seus ensinamentos e, principalmente seus exemplos, passou a ser, para aquele que lhe entendeu as lições, um novo modo de viver, de se relacionar com o próximo, em todos os ambientes, em todos os momentos. Ensinando que Deus está presente em todo o universo, alargou os limites dos templos, transformando o mundo num templo imenso.

Jesus, com simplicidade e humildade, mudou milenares conceitos religiosos, a começar pela idéia errônea que se tinha a respeito de Deus, substituindo o conceito Deus temor por Deus amor. Repetiu antigos conceitos de fé a respeito da justiça de Deus, mas em frases de luminosa beleza, colocou a misericórdia acima da justiça, apresentando Deus não mais como aquele soberano inflexível, e sim como Pai amoroso e bom. A bondade e a humildade eram tidas como atributos dos fracos, daqueles que não sabiam lutar, sendo, por isso, os humildes desprezados pelos fortes e poderosos. Jesus veio mostrar a força da humildade, pois ele, a criatura mais humilde e mansa que a Terra conheceu, abalou para sempre os conceitos de força e de poder, deixando lições que sobreviveram e ganharam adeptos com o passar dos séculos, apesar dos esforços daqueles que quiseram sufocá-las.

Ensinou, consolou, amparou, curou, libertou do mal pobres e ricos, fracos e poderosos, com a mesma naturalidade e solicitude amorosa. Soube contrapor-se ao mal com sinceridade e firmeza, sem arrogância ou revolta, mesmo nos momentos mais difíceis do seu testemunho. Como diz Emmanuel, na obra já citada, "Combateu pacificamente todas as violências oficiais do judaísmo, renovando a Lei Antiga com a doutrina do esclarecimento, da tolerância e do perdão. Espalhou as mais claras visões da vida imortal, ensinando às criaturas humanas que existe algo superior às pátrias, às bandeiras, ao sangue e às leis humanas." Viveu essas verdades, enfrentado sereno e calmo a farsa do seu julgamento, a zombaria, os flagelos, a cruz e a morte. Coroando sua passagem pela Terra, deixou o marco da imortalidade gloriosa ao ressurgir no esplendor do seu corpo espiritual, mostrando aos discípulos a vitória da vida sobre a morte.

Da palha da manjedoura à ressurreição gloriosa, sua passagem pela Terra foi um marco luminoso.

Nasceu sobre a palha simples de um estábulo, mas mudou o próprio

calendário terrestre.

Transformou aparentes derrotas em marcos luminosos para a evolução humana.

Condutor da evolução humana, não apenas apontou o caminho a ser seguido, mas como Mestre perfeito, o trilhou, Ele próprio, à frente.

De sua origem humilde, elevou-se como um gigante do Bem, cujas palavras amorosas ressoam até hoje.

É o aniversário desse Missionário Maior, enviado por Deus à Terra, que comemoramos no dia de Natal. Por termos consciência do valor da mensagem que ele nos deixou, é que devemos, nesta época do ano, meditar sobre como lhe oferecemos essa comemoração. O que temos a oferecer ao Mestre? É de senso comum que as lições bem aproveitadas agradam aos mestres. Estaremos demonstrando a Jesus que somos discípulos aplicados? Podemos apresentar-lhe algum progresso desde o último Natal? Quanto crescemos em tolerância, bondade, paciência, benevolência, caridade?

Será que essas festas ruidosas, com bebidas, com excesso de comida, de doces, de presentes estariam ao gosto de Jesus, que primou sempre pela sobriedade e pelo equilíbrio? Como nos sentiríamos, se o Sublime Aniversariante viesse à nossa mesa participar da festa que, afinal, é em sua homenagem? Justo festejemos com alegria, com boas refeições, na companhia de familiares e amigos queridos, num clima de tranquilidade e paz. Podemos e devemos festejar o Natal, mas sempre com a preocupação de agradar ao aniversariante. E se o festejássemos depois de termos repartido um pouco, ainda que seja daquilo que temos de supérfluo, com os que nada têm?

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

SALVAÇÃO OU EVOLUÇÃO?

> "É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo." 1

Todos nós, Espíritos imortais, ao sermos criados, partimos de um mesmo ponto, recebendo como herança a capacidade de progredir, em medida absolutamente igual, em consonância com a indefectível justiça de Deus. Ao longo dos milênios sucessivos, através do esforço evolutivo individual, vamos revelando a luz divina que trazemos dentro de nós, conforme se depreende da recomendação de Jesus: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens (...)." 2

Jesus não teria feito essa recomendação se não soubesse da existência dessa herança divina imanente em todos os seres, cantada com o nome de amor pelo poeta:

O amor em nós, certo existe desde o nosso alvorecer,

remontando a priscas eras, no esboço do nosso ser.

Em estado de latência, no dealbar da existência,

Deus concede de antemão, a sua herança bendita,

que a alma busca contrita nas asas da evolução."3

A exteriorização mais ou menos intensa dessa herança divina que trazemos é que nos torna diferentes uns dos outros. Só dentro de uma perspectiva evolutiva é que podemos ver um silvícola feroz e um Francisco de Assis como filhos de um mesmo Deus justo, pois o que diferencia esses dois Espíritos não é a sua natureza, a sua origem, mas apenas evolução. As diferenças individuais se originam no homem, não em Deus.

A evolução do Espírito se efetiva através de inúmeras vidas sucessivas, que oferecem-lhe oportunidades variadas de incorporar em si as experiências que o meio lhe propicia, num processo que se pode chamar de desenvolvimento da inteligência e das virtudes que lhe são imanentes. Essa visão da evolução do Espírito é muito clara no Espiritismo.

Em outras religiões reencarnacionistas, a reencarnação é vista apenas como oportunidade de os Espíritos faltosos retornarem à Terra a fim de reparar seus erros ou de concluir aquilo que deixaram inacabado. Admitem, também, a reencarnação de Espíritos mais adiantados, que retornam ao mundo físico em missão, para ensinar o caminho do Bem. Essas religiões não têm a perspectiva evolutiva.

O Espiritismo não nega essas duas situações, indo, todavia, mais além, ensinando que não se reencarna só em missão ou resgate, mas que a reencarnação é absolutamente necessária, indistintamente, a todos os Espíritos, por ser inerente ao processo evolutivo.

Portanto, a reparação de faltas anteriormente cometidas não é vista como punição, mas como elemento essencial da escalada evolutiva rumo à perfeição, a que todos estamos sujeitos. Igualmente, no desempenho de missão sacrificial, o Espírito Superior que a leva a efeito não está fora do processo evolutivo, porque também ele está progredindo, embora nada deva à Terra, tendo o seu retorno sido motivado apenas pelo amor.

No Espiritismo, a reencarnação ocupa lugar de destaque, constituindo-se num dos pilares básicos de toda sua estrutura doutrinária, contrapondo-se frontalmente à tese salvacionista, ensinada por outros setores do Cristianismo. Em verdade, a respeito de salvação, o Espiritismo vai muito além de outras religiões, pois ao nos ensinar que não existem penas eternas, leva-nos a concluir que todos estamos salvos, porque somos cidadãos do Universo, filhos amados de Deus, habitantes da "Casa do Pai", conforme ensinou Jesus.

Em verdade, o Mestre nunca apresentou soluções mágicas de salvação gratuita, com base apenas na fé. Pelo contrário, suas lições sempre foram no sentido de acordar a criatura para a necessidade de assumir sua vida, tomando em suas mãos as rédeas do seu próprio destino: "(...) renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me." 4

São muitas as recomendações do Mestre no sentido de a criatura despertar para a necessidade de progredir: "Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei o bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem." 5 e, mais adiante, continua a recomendação: "Sede, pois, vos outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial." 6

E por ser uma doutrina eminentemente evolucionista e não salvacionista é que o Espiritismo prioriza a oração consciente, o estudo, a reflexão, obediente à recomendação do Espírito da Verdade: "Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo." 7

Assim, se bem atentarmos para a amplitude e profundidade dos ensinamentos de Jesus, veremos que, em última análise, seus ensinamentos se constituem numa ampla proposta de aperfeiçoamento do Espírito, num chamamento ao esforço individual, que não pode ser desenvolvido numa só vida. Por isso, quem medita sobre os ensinamentos e exemplos de Jesus encara o Evangelho não como um livro sagrado que deva ser lido de mãos cruzadas sobre o peito em atitude de reverência, mas o vê como um manual de evolução do Espírito, que traça um roteiro de luz, a ser seguido ao longo de milênios sucessivos.

José Passini

jose.passini@gmail.com

1 – O Livro dos Espíritos, item 540

2 – Mateus, cap. 5, vers. 16

3 – José Soares Cardoso (Acordes Espirituais)

4 – Mateus, cap. 16, vers. 24

5 – Mateus, cap. 5, vers. 44

6 – Mateus, cap. 5, vers. 48

7 – O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. 6, item 5

SANTOS DUMONT E A PROFECIA

A manifestação de espíritos através de pessoas que dispõem da faculdade de intermediá-la é conhecida no mundo desde tempos remotíssimos. Para não irmos mais longe, analisemos a atuação dessas pessoas entre os Judeus. Esse povo as conhecia por nebi-in, forma plural do vocábulo nabi.

Ao serem os textos hebraicos traduzidos em Grego, essas pessoas receberam o nome de profetas. Os profetas exerceram enorme influência naquele povo, mantendo-o unido, em torno do conhecimento da existência do Deus Único, além de manterem acesa a chama da certeza da vinda do Messias.

Os profetas fizeram sentir a sua presença entre o povo e os reis de Israel por séculos a fio. Existiram os profetas maiores e os menores; aqueles que se notabilizaram pela sua atuação junto aos reis, exortando-os, admoestando-os, orientando-os, e outros, que viviam mais em contato com o povo, como Ágabo, que foi o instrumento de um aviso sobre uma grande fome em todo o mundo, no tempo de Cláudio César (Atos, 11: 27-28). Esse mesmo profeta predisse a prisão de Paulo, pelos Judeus e sua entrega aos gentios (Atos, 21: 10-11). A palavra dos profetas era lembrada constantemente, conforme se verifica no que diz Pedro, referindo-se ao profeta Joel: "... e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos." (Atos, 2: 17).

Era tão natural o exercício do profetismo entre os Judeus, que Paulo recomendou o desenvolvimento da faculdade de profetizar: "Segui a caridade, e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar." (I Cor, 14: 1). A atuação dos profetas era tão comum, que Paulo fez uma série de recomendações, no sentido de que fossem observados determinados princípios norteadores do exercício do profetismo, a fim de que as mensagens fossem úteis ao esclarecimento das pessoas: "E, se alguém falar língua estranha, faça-se isso por dois, ou quando muito por três, e por sua vez, haja intérprete." (I Cor, 14: 27). Além disso, dá instruções a fim de que sejam analisadas as mensagens, objetivando evitar o deslumbramento inoperante: "E falem dois ou três profetas, e os outros julguem." (I Cor, 14: 29).

Essa recomendação de Paulo está em perfeita consonância com o que diz João: "Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo." (I Jo, 4: 1).

O exercício do profetismo era também muito comum nos tempos do Cristianismo nascente, mas nem por isso era prática vulgar. Havia princípios éticos a serem observados, como se pode constatar na recomendação contida no "Didaquê", conforme citado na Enciclopædia Britannica, no verbete "profeta": "O profeta para ser digno de respeito e acatamento deve ter piedade indubitável e conduta digna do Senhor".

A missão dos profetas, se era fácil e prazerosa entre o povo, era um tanto difícil de ser exercida entre os reis, pois, não raro, contrariava os interesses de soberanos prepotentes. Foi exercida e incentivada, como visto, também nos tempos apostólicos. Mas, por que a partir de certo tempo, passou a ser reprimida? É fácil compreender isso. O profeta, quanto mais identificado com a sua missão, mais fielmente se tornava um porta-voz do Alto, a transmitir orientações e admoestações àqueles que dirigiam o movimento religioso que se formou em torno dos ensinamentos de Jesus. E quanto mais identificado com a sua missão, mais acatado era pelo povo, tornando-se um verdadeiro líder. Essa liderança, com base na humildade e no desapego de bens materiais, contrariava frontalmente os interesses daqueles interessados no poder temporal. Por isso, o profetismo foi, pouco-a-pouco sendo marginalizado, a ponto de, aqueles que intermediavam mensagens espirituais, serem perseguidos e mortos durante toda a Idade Média. Veja-se o exemplo de Joana D'Arc.

Com o passar do tempo, o poder religioso foi perdendo força, e a liberdade de pensar e agir foi sendo ampliada. Novamente o profetismo pôde se revelar, conforme se viu, na verdadeira invasão espiritual que ocorreu no século XIX, através de fenômenos que chamaram a atenção do mundo. Em meados desse século, o Espiritismo foi revelado ao mundo, e o foi através do profetismo. Allan Kardec valeu-se de muitos intermediários nos diálogos que manteve com os Espíritos, mas dentre esses se destacam as duas jovens da família Budin, uma de quatorze e outra de dezesseis anos. Ao revisar a obra, valeu-se do concurso de outra jovem, da família Jafet, esta com dezessete anos.

Allan Kardec, ao codificar o Espiritismo, preferiu usar o vocábulo latino medium para designar o profeta dos tempos modernos. Hoje esse vocábulo está sendo inserido – às vezes de forma capciosa – em traduções modernas da Bíblia. No "Novo Dicionário da Bíblia" de John Davis Douglas, o verbete aparece de forma razoavelmente correta.

Assim como no passado os profetas anunciavam tempos novos, houve no final do século XIX o anúncio de que se operaria uma verdadeira revolução nos meios de transporte em todo o mundo, bem antes do advento do automóvel. Em agosto de 1883, a revista "Reformador" publicou uma mensagem do espírito Estevam Montgolfier, recebida pelo médium Ernesto de Castro, em Silveiras, cidade do Estado de São Paulo, recebida em 30 de junho de 1876, época em que Santos Dumont contava apenas três anos de idade. Eis o texto:

"Vencer o espaço com a velocidade de uma bala de artilharia, em um motor que sirva para conduzir o homem, eis o grande problema que será resolvido dentro de pouco tempo. Esta máquina poderosa de condução, não será uma utopia, não! O Missionário, que traz esse aperfeiçoamento à Terra, já se acha entre vós. O progresso da viação aérea, que tantos prosélitos tem achado e tantas vítimas há feito, não está, portanto, longe de realizar-se.

O aperfeiçoamento de qualquer ciência depende do tempo e do estado da Humanidade para recebê-lo. A locomotiva, esse gigante que avassala os desertos e vence as distâncias, será como um insignificante invento ante o pássaro colossal, que, qual condor dos Andes, percorrerá o espaço, conduzindo em suas soberbas asas os homens de vários continentes.

Os balões, meros exploradores e precursores da admirável invenção, nada, pois, serão perante o belo e portentoso pássaro mecânico. Esse Deus de Bondade e de Misericórdia, que nada concede antes da hora marcada, deixa primeiramente que seus filhos trabalhem em procura da sabedoria, e depois que eles se têm esforçado para descobrir a verdade, aí então Ele lhes envia um raio de Sua divina luz.

Já vêem, ó mortais, que a navegação aérea não será um sonho, não; mas, sim, uma brilhante realidade.

O tempo, que vem próximo, vos dará o conhecimento desse estupendo motor.

Brasil! Tu que foste o berço desta descoberta, serás em breve o país escolhido para demonstrar a força dessa grandiosa máquina aérea. Eis o prognóstico que vos dou, ó brasileiros.

Estevam Montgolfier"

E ainda há aqueles que dizem ter o profetismo sido encerrado com João Batista...

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

Publicado no Reformador – jan. 2004

SOBREVIVÊNCIA OU IMORTALIDADE DA ALMA?

O homem moderno, que explora o fundo dos oceanos e cada vez mais domina o cosmo infinito, ainda não conhece a sua própria natureza. De modo geral, conhece o mundo exterior, mas não se conhece; sabe quem é, mas não sabe o que é.

Não nos referimos aos materialistas. Esses pensam que já sabem o que são: apenas matéria pensante. Dirijo-me aos espiritualistas, ou seja, àqueles que creem que, após a morte, algo continua, algo sobrevive... Esse "algo" é geralmente chamado alma ou espírito. E quando se fala nesse ser, tão abstrato para muitos, lembra-se sempre da morte. O tema "morte" não é suficientemente analisado pelas pessoas. Pelo contrário, de modo geral evita-se discutir o assunto, agindo como o avestruz que, segundo se diz, mete a cabeça sob a areia quando se lhe apresenta um perigo. Em relação à morte, a maioria das pessoas age infantilmente, quando não irracionalmente.

Quando se pergunta a alguém se acredita na imortalidade da alma, geralmente a resposta é afirmativa. Mas quando essa mesma pessoa fala de seu amigo, que morreu, ela diz que o amava, sempre usando no pretérito os verbos relativos ao falecido, do mesmo modo que se expressa a respeito do seu carro, destruído pelo fogo, quando diz que gostava dele. Na verdade, esta pessoa tem razão ao usar o verbo no passado quando fala do automóvel, pois esse já não mais existe. Mas, se crê que seu amigo sobrevive à morte, por que usa o mesmo tempo verbal? Isso demonstra claramente a fragilidade da sua convicção de imortalidade...

Outra posição curiosa a respeito da morte: ninguém teme um amigo vivo, mas depois da sua morte passa a temer seu corpo, que virou cadáver, e teme também a sua alma, que se tornou fantasma... O assunto é de tal forma perturbador, que já se ouviu algo assim: "Eu amava muito a minha mãe, mas ela que não me apareça!" A mãe queridíssima virou fantasma! Infelizmente, semelhantes acontecimentos não são tão raros quanto se pensa.

Ao perguntarmos a alguém, que diz ter alma ou espírito, onde quer ser enterrado quando morrer, geralmente responde: "Quero ser enterrado em minha cidade, perto dos meus pais, parentes e amigos". Se perguntarmos a essa mesma pessoa para onde irá sua alma, a resposta, sem dúvida, será: "Ela irá para o céu". Ou para um outro lugar bom, de acordo com a sua convicção religiosa, mesmo porque ninguém brinca sobre assunto tão sério. Entretanto, poder-se-ia objetar: "Que importa se ela for para o Inferno ou para qualquer outro lugar, vez que é ela quem vai e não você? Você disse que ficará enterrado na sua cidade."

Certa vez, foi apresentado esse assunto a uma seleta platéia, não-espírita, interessada em pesquisas sobre fenômenos extrafísicos. Ao ouvirem essa pergunta, os presentes se agitaram e começaram a murmurar, até que um

deles disse: "Não serei eu que ficarei enterrado aqui. Será o meu corpo." Diante dessa afirmativa, o auditório acalmou-se, até o momento em que o palestrante disse: "Você não resolveu o problema, pelo contrário, complicou-o ainda mais, a ponto de torná-lo até contrário à razão." O auditório voltou a intranquilizar-se.

Para se entender bem por que o problema se tornou complicado, deixe-se por um momento o campo de coisas espirituais e passe-se a outro, ao campo da gramática e da lógica. As gramáticas de todas as línguas ensinam que o possessivo é a palavra que indica alguém que pode reclamar a posse de algo, ou seja, do objeto possuído. Portanto, se for dito: "Meu relógio", isso significa que o relógio pertence a mim, que eu sou o seu possuidor. No caso de alguém tentar apossar-se dele, eu direi: "Não toques nesse relógio porque ele é meu!

Até agora, o encaminhamento do assunto está lógico, claro. Mas quando analisamos o uso do possessivo nas frases acima, a questão se complica. Vejamos: uma criatura morreu. Corpo e alma separaram-se. O corpo foi enterrado e a alma "foi para o céu". Se alguém ameaça tocar naquele corpo, quem dirá: "Não toques nesse corpo porque ele é meu"? Ou se alguém tentar tocar na alma: "Não toques nessa alma porque ela é minha"? Quem é esse ser que possui esse corpo e essa alma?

Problema filosófico insolúvel? Não, absolutamente não! Segundo posição – não só espírita em particular, mas espiritualista de modo geral – perfeitamente lógica, deve-se riscar a frase: "minha alma", substituindo-a por "eu". Eu sou o possuidor do corpo, ou melhor, fui o dono do corpo que morreu. Fui o seu usuário temporário. Eu, alma ou espírito, diante do corpo morto posso dizer: "Este corpo foi meu, usei-o durante o tempo em que viveu." O corpo jamais poderá dizer: "Essa alma era minha."

Assim, chega-se à conclusão que eu, espírito, sou imortal, indestrutível. Eu uso um corpo material atualmente. Este corpo morrerá um dia. Não eu! O corpo não é parte essencial do ser humano. Ele é apenas vestimenta temporária do espírito imortal, e poderá durar de alguns segundos a até pouco mais de um século. Embora todo respeito que lhe devemos, como instrumento imprescindível à evolução do espírito, o corpo deve ser encarado como instrumento, como objeto e não como sujeito. E para aqueles que ainda não se despojaram do costume de visitar cemitérios, deve ser lembrado que os componentes do corpo, num curto prazo de tempo após o sepultamento, passarão a fazer parte de outros organismos, animais ou vegetais... E uma conclusão ainda mais contundente: O corpo é descartável...

Sou eu, alma ou espírito quem pensa, aprende, sente, odeia, ama... Não o corpo. O corpo é apenas instrumento de uso temporário do espírito imortal. Quando meu corpo morrer, deixá-lo-ei como veste usada e entrarei noutra dimensão do Universo infinito, usando um corpo mais sutil. Entretanto, essa dimensão não posso ver atualmente, porque estou limitado pelo corpo material. Mas, quando partir, levarei tudo aquilo que aprendi, todo o progresso que fiz no campo da inteligência e do sentimento, isto é, tudo o que incorporei nesse período evolutivo que vivi no mundo material.

Pensando desse modo, pode-se desenvolver um novo estado de consciência, a que se pode chamar "cidadania espiritual". Trata-se de uma

cidadania que não é nacional, nem mesmo planetária, mas cósmica. Essa cidadania espiritual é uma postura diante da vida, muito diferente daquela:

"Eu sou um homem e tenho uma alma". Pelo contrário, a criatura diz: "Eu sou um espírito imortal. Tenho um corpo, no qual estou encarnado temporariamente."

A idéia de ser mortal e ter uma alma imortal impõe sofrimento. Observe-se que, segundo essa posição equivocada, não sou eu que sou imortal, mas ela, a minha alma. A idéia de ser mortal e de ter uma alma imortal contém um sentimento de destruição, pois ao menos metade do ser se destruiria pelo fenômeno da morte.

Por que se pode dizer que é uma idéia de destruição, de perda? Porque a criatura se habitua a concentrar todo o seu potencial de vida no corpo e não no espírito, a ponto de dizer: "Quando eu morrer, quero ser enterrado aqui ou ali." O homem sente-se mais como corpo mortal do que como espírito imortal. Assim, sofre! Sofre porque sua razão lhe diz que, ao ocorrer a morte, seu corpo em breve se consumirá, apodrecendo rapidamente e que os elementos que o constituem tomarão parte na formação de novos organismos vegetais e animais. Segundo esse ponto-de-vista equivocado, a alma é apenas parte do ser. Por isso diz: "Quando eu morrer, minha alma vai para o céu".

Segundo essa posição, a morte destrói o eu, pois diz: "eu quero ser enterrado" aqui ou ali. Ora, só é enterrado o que é morto! Pode-se argumentar, entretanto, dizendo que a alma é indestrutível. Bem, isso é verdade, mas ela é tratada como uma terceira pessoa: ela, cuja natureza e destino não estão claramente definidos pelos teólogos. Não bem definidos pelos teólogos, mas claramente definidos por Paulo, o Apóstolo, em sua primeira carta aos Coríntios, no capítulo 15:

"Mas alguém dirá: Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão?" (35).

O Apóstolo ensina que a alma tem outro corpo além do material, isto é, um corpo espiritual, indestrutível, sutil:

"E há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes e outra a dos terrestres." (40).

E, pedagogicamente, demonstra a completa destrutibilidade do corpo físico, ao compará-lo à semente, que realmente desaparece para dar surgimento à planta:

"Assim também a ressurreição dos mortos. Semeia-se corpo em corrupção; ressuscitará corpo em incorrupção." (42).

"Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual." (44).

E, antecipando-se àqueles que criariam a nefasta teoria da ressurreição da carne, adverte:

"E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção." (50).

Como se pode concluir, o Apóstolo Paulo ensinou que o corpo material ficará

enterrado e, simultaneamente, o corpo espiritual será libertado.

Os cristãos compreenderam perfeitamente as afirmativas do Apóstolo, porque Jesus demonstrou a independência do espírito em relação à matéria, quando, durante quarenta dias, apareceu e desapareceu, no período da assim chamada ressurreição até a ascensão. Note-se que Jesus, conforme relata o Evangelista (Jo, 20: 11 a 16) estava completamente vestido, segundo o costume judeu, a ponto de, na sua primeira aparição a Maria Madalena, ela pensar que aquele homem a quem via de costas, era um jardineiro.

Mas, levanta-se a seguinte questão: de onde Jesus apanhou aquelas vestes? Ele fora crucificado nu, ou quase nu, porque os soldados antes de crucificá-lo, tomaram-lhe as roupas: "E, havendo-o crucificado, repartiram os seus vestidos, lançando sortes (...)". (Mt, 27: 35).

Além disso, ele não usou o sudário, nem o lenço que havia estado sobre sua cabeça, com os quais poderia cobrir seu corpo, porque essas peças estavam no túmulo, segundo observação ao Apóstolo Pedro, ao entrar lá: "(...) e entrou no sepulcro, e viu no chão os lençóis, e que o lenço, que tinha estado sobre a sua cabeça, não estava com os lençóis, mas enrolado num lugar à parte." (Jo, 20: 6 e 7)

De onde Jesus tirara aquelas vestes que usava? Vê-se claramente que nem seu corpo nem suas vestes eram materiais, vez que estavam noutra faixa vibratória, noutra dimensão, ainda desconhecida pela Ciência.

Deve-se notar, ainda, que Jesus, desde a sua ressurreição, não mais agiu como de costume, isto é, como Espírito encarnado, limitado pela matéria. Ele atravessou porta fechada, segundo relato do Evangelista: "Chegada pois a tarde de aquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou Jesus, e pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco." (Jo, 20: 19).

Jesus se juntou a dois discípulos, que se dirigiam a Emaús, e conversou com eles, não sendo reconhecido. Ao cair da noite, os dois pararam diante de uma hospedaria e convidaram o desconhecido a cear com eles. Assentados à mesa, os três homens, no momento em que orou e repartiu o pão, Jesus revelou-se, conforme relata o Evangelista: "Abriram-se-lhes então os olhos e o reconheceram, e ele desapareceu-lhes." (Lc, 24: 31).

Por que Jesus apareceu com roupas que não tinha; por que apareceu subitamente aos dois discípulos e desapareceu de suas vistas? Por que Jesus não mais se hospedou em casa de alguém, como habitualmente fazia? Durante quarenta dias ele apareceu e desapareceu subitamente, não se tendo registro de que tenha pernoitado em casa de alguém ou tomado refeição regular, como fazia antes da ressurreição.

Por que Jesus fez isso? Ele quis traçar uma linha muito nítida, separando os dois períodos de sua vida entre os homens: durante o primeiro, estivera encarnado, quando agira como homem comum, limitado pela matéria; durante o segundo, (os quarenta dias até a ascensão), ele quis mostrar que continuava vivo, mas não tinha mais um corpo material, não mais estava encarnado.

O Apóstolo Paulo, a quem Jesus apareceu na estrada de Damasco, convenceu-se, judiciosamente, de que Jesus não tinha mais um corpo

terrestre, mas um celeste ou espiritual, conforme escreveu em sua carta aos Coríntios.

Jesus deu sua última aula, deixando a mais bela lição a respeito da imortalidade. Lição sem palavras que, segundo ele, seria decodificada mais tarde, dezoito séculos depois: "Ainda tenho muito a vos dizer, mas não o podeis suportar agora. (Jo, 16:12). Mas quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade (...)". (Jo, 16: 12 e 13). "Mas aquele consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito." (Jo, 14: 26).

Com base nos ensinos e nos exemplos de Jesus, pode-se chegar à conclusão de que somos essencialmente Espíritos, atualmente encarnados. Um dia deixaremos nosso corpo terrestre, como Jesus deixou o seu, conservando apenas o corpo celeste, imortal, conforme o Mestre, de forma genial ensinou e exemplificou!

Fica, entretanto, para muitas pessoas, uma pergunta que invariavelmente aparece quando são feitos estes comentários: Se o túmulo estava vazio e o corpo com que Jesus se apresentava era espiritual, onde ficara seu corpo físico? O Mestre, evidentemente, não podia esclarecer o assunto àqueles com quem convivera, conforme se comprova em suas palavras, já citadas: "Ainda tenho muito a vos dizer, mas não o podeis suportar agora." (Jo, 16:12).

Cumprindo a promessa de Jesus, o Consolador vem relembrar as suas lições e explicar muitos fatos que foram registrados pelos Evangelistas, mas que à época não foram compreendidos, como as súbitas aparições de Jesus no cenáculo e na pesca, e o seu desaparecimento desconcertante diante dos companheiros de caminhada a Emaús, conforme já comentado. Tais fatos, tomados por miraculosos por muitos teólogos, encontram no Espiritismo explicações claras e lógicas, não no campo das especulações teológicas, mas dentro da objetividade da Ciência, nas pesquisas do fenômeno de materialização – hoje chamado ectoplasmia pelos parapsicólogos – levados a efeito por vários cientistas, entre os quais se destaca a figura de Sir William Crookes o célebre físico inglês, que pôde provar que o Espírito Katie King, com seu corpo espiritual materializado, limitava-se dentro do plano material como se estivesse encarnado, tornando-se visível, audível e tangível. (Fatos Espíritas, William Crookes; História do Espiritismo, Arthur Conan Doyle),

Quanto ao desaparecimento do corpo físico de Jesus, pode-se ler esclarecimento sobre a dissipação de fluidos remanescentes em cadáveres, no livro "Obreiros da Vida Eterna", de André Luiz (caps. 15 e 16). Trata-se de operação piedosa levada a efeito por benfeitores espirituais, que dissipam na atmosfera os fluidos remanescentes no corpo, antes do sepultamento, afim de resguardá-lo de profanação que poderia ser levada a efeito por Espíritos inferiores.

Fazendo-se um paralelo, pode-se concluir que o próprio Mestre se haja encarregado de dissipar as energias remanescentes em seu corpo e, ao fazê-lo, desmaterializou-o completamente. É fácil compreender-se isso, lembrando-se de que se o túmulo vazio de Jesus já provocou tantas guerras, imagine-se o que ocasionaria o desejo de posse de alguns ossos do seu corpo.

Nesse contexto, é fácil imaginar-se que o corpo de Jesus deveria mesmo desaparecer, pois os sacerdotes, tão logo se divulgasse a notícia da ressurreição, iriam resgatá-lo, afim de exibi-lo em público, negando a vitória da vida sobre a morte.

Além do mais, se é autêntico o sudário que está em Turim, o mesmo atesta que houve sobre ele um fenômeno capaz de deixar impressa a figura de um corpo humano que, conforme dizem os estudiosos, coincide com o que se sabe a respeito do corpo de Jesus, tanto no que tange às características físicas, quanto aos sofrimentos que lhe foram impostos. Entretanto, essa impressão no tecido não foi provocada por radiação, nem por calor, nem por tintura, nem por pintura. Até hoje, não se sabe o que provocou aquelas impressões que permitem a um computador restaurar a figura de um cadáver que fora flagelado e crucificado, antes de ser deposto sobre uma ponta do tecido e coberto com a outra.

Concluindo, pode-se dizer que o Espiritismo, ao decodificar a mensagem de Jesus, esclarece-nos a respeito do que verdadeiramente somos: Espíritos imortais, temporariamente encarnados em corpos mortais!

Daí a impropriedade de se dizer sobrevivência da alma quando ocorre o fenômeno da morte. Só sobrevive quem correu o risco de morrer. A alma, que é imortal, apenas se liberta do corpo físico.

Tolerância “Trabalho, solidariedade e tolerância.” Allan Kardec

Há pessoas que invocam a lapidar divisa de Kardec, na parte referente à tolerância, aplicando essa virtude no campo das publicações de livros que estão sendo editados sem o menor critério, tanto no que se refere ao conteúdo, quanto à forma.

É evidente que a recomendação do Codificador se aplica ao relacionamento entre as pessoas. Nesse sentido, há inúmeras páginas de benfeitores espirituais a recomendarem o exercício constante dessa virtude no relacionamento pessoal. Tolerância para com pessoas, não para com suas obras. Sobre estas, Kardec sempre exercitou o mais severo critério, recomendando se fizesse o mesmo, antes de se divulgar algo em nome do Espiritismo.

Será que em nome da tolerância deve-se publicar tudo o que vem por via mediúnica, seja uma simples mensagem ou um livro, a fim de não se melindrar o médium? Se não há oportunidade de análise, onde situar a célebre recomendação do Espírito Erasto, contida em “O Livro dos Médiuns” (230)?: “Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea.”?

E como aplicar o que Kardec recomenda no mesmo livro (266)?: “Em se submetendo todas as comunicações a um exame escrupuloso, em se lhes perscrutando e anali¬sando o pensamento e as expressões, como é de uso fazer-se quando se trata de julgar uma obra literária, rejeitan¬do-se, sem hesitação, tudo o que peque contra a lógica e o bom-senso, tudo o que desminta o caráter do Espírito que se supõe ser o que se está manifestando, leva-se o desânimo aos Espíritos mentirosos, que acabam por se retirar, uma

vez fiquem bem convencidos de que não logra¬rão iludir. Repetimos: este meio é único, mas é infalível, porque não há comunicação má que resista a uma crítica rigorosa. Os bons espíritos nunca se ofendem com esta, pois que eles próprios a aconselham e porque nada têm que temer do exame. Apenas os maus se formalizam e procuram evitá-lo, porque tudo têm a perder. Só com isso provam o que são."

Continuando, o Codificador cita recomendação do Espírito São Luiz:

"Qualquer que seja a confiança legítima que vos inspi¬rem os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, uma recomendação há que nunca será demais repetir e que deveríeis ter presente sempre na vossa lembrança, quando vos entregais aos vossos estudos: é a de pesar e meditar, é a de submeter ao cadinho da razão mais severa todas as comunicações que receberdes; é a de não deixardes de pedir as explicações necessárias a formardes opinião segura, desde que um ponto vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro."

Diante de tal concepção equivocada da tolerância, onde se situaria a recomendação de Jesus: "Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não; porque o que passa disso é de procedência maligna." (Mt, 5:37)? Com Jesus aprende-se a clareza, a transparência, o amor à Verdade nas manifestações pessoais. E com Kardec aprende-se a refutar comunicações não condizentes com a estrutura doutrinária do Espiritismo.

Ser tolerante será que é dar a público tudo o que se produz mediunicamente, sem nenhuma avaliação, sem nenhum critério? E onde ficaria a recomendação de Paulo, a maior autoridade em assuntos mediúnicos dos tempos apostólicos: "E falem dois ou três profetas, e os outros julguem." (I Co, 14: 29)? Estaria o Apóstolo faltando com a tolerância? Além do mais, é de se notar que essa passagem está num trecho que o tradutor, João Ferreira de Almeida, entendendo o alcance da recomendação, intitulou: "A necessidade de ordem no culto".

Entretanto, aqueles que zelam pela coerência, pelo nível de linguagem, pela manutenção da nobreza e da dignidade do discurso espírita são, não raro, tachados de intolerantes, e, por alguns articulistas e médiuns atuais, até de descaridosos e de inquisidores.

A verdade é que há uma ânsia infrene de se publicar tudo o que se recebe – ou se supõe tenha sido recebido mediunicamente –, sem uma análise criteriosa de conteúdo e de forma.

Mas, quem analisaria o conteúdo e a forma dos escritos? Seria, por certo, uma equipe formada por pessoas equilibradas, conhecedoras da Doutrina, sabedoras da importância da sua atuação junto ao médium. Seriam pessoas serenas, cônscias da gravidade do papel assumido perante o Alto, pois se tornariam também responsáveis pela obra, e que, por isso mesmo, analisariam os textos, parágrafo a parágrafo, à luz da prece, quando obteriam de Jesus o amparo, no sentido de aumentar-lhes a lucidez, a serenidade e o equilíbrio. Nesse círculo, constituído por trabalhadores de alta responsabilidade, é que deve ser exercitada a tolerância entre seus componentes, mas nunca em relação à matéria em exame.

José Passini

TRABALHO NA TERRA E NO MUNDO ESPIRITUAL

Há algum tempo – tanto em artigos da autoria de encarnados, divulgados pela internet, quanto em algumas obras mediúnicas – têm sido notadas acusações contra a exigência da parte de dirigentes espíritas relativamente a médiuns e outros trabalhadores da seara. Será que está havendo um excesso de severidade, ou será que os reclamantes, encarnados e desencarnados, são indisciplinados e querem generalizar sua maneira de ser?

Nós, espíritas, estamos bem informados a respeito da continuidade da vida, que significa também continuidade da nossa maneira de pensar, de falar e de agir. Tendo essa certeza, é natural que nós, trabalhadores da seara espírita, esperemos ser admitidos em alguma tarefa, depois da inexorável viagem de volta ao Mundo Espiritual. Muito justo acalentemos doces esperanças de cooperação ativa no Mundo Maior, diante dos relatos de Benfeitores que nos mostram atividades constantes e nobres exemplos de dedicação ao Bem. Entretanto, devemos meditar profundamente sobre a qualificação exigida dos trabalhadores no Além.

Aqui na Crosta, em nome da fraternidade, da tolerância, ou mesmo por pieguice, são aceitos até cooperadores com pouca noção de responsabilidade, muitos dos quais não têm coragem suficiente para abandonar de vez as tarefas assumidas, mas também não a têm para se esforçarem, no sentido de se capacitarem a fim de darem melhor conta delas.

No livro "Nosso Lar", podemos ver algumas situações vivenciadas por André Luiz, quando candidatou-se ao trabalho. Quem observar atentamente as suas experiências verificará que não basta apenas querer participar de alguma atividade no Mundo Espiritual, pois além do conhecimento específico da tarefa em que pretenda colaborar, o Espírito deve ter profunda consciência da necessidade de vivenciar os ensinamentos do Evangelho, através do esforço no cultivo da humildade, da benevolência, da tolerância e da disciplina. Pode-se ter idéia dos requisitos necessários à integração em equipes espirituais que operam tanto no Espaço quanto na Terra, observando-se algumas instruções do Espírito Aniceto a André Luiz, que se candidatava à participação em sua equipe, em trabalho a ser efetivado na Terra, conforme se lê no livro "Os Mensageiros". Aniceto, o instrutor espiritual, revela-se, ao longo da obra, Espírito que alia bondade imensa a conhecimento profundo. Trata-se de verdadeiro modelo de virtudes, entre as quais se destaca a disciplina, tanto para si, quanto para aqueles que trabalham com ele.

Aqui na Terra, se chefiando alguma equipe na seara espírita, por certo encontraria forte resistência entre alguns trabalhadores, que o julgariam excessivamente exigente. André Luiz registra, nos capítulos 2 e 3 da obra citada, algumas recomendações dele aos candidatos:

Nosso serviço é variado e rigoroso. O departamento de trabalho, afeto à

nossa responsabilidade, aceita somente os cooperadores interessados na descoberta da felicidade de servir. Comprometemo-nos, mutuamente, a calar toda espécie de reclamação. Ninguém exige expressão nominal nas obras úteis realizadas, e todos respondem por qualquer erro cometido. Achamo-nos, aqui, num curso de extinção das velhas vaidades pessoais, trazidas do mundo carnal. Dentro do mecanismo hierárquico de nossas obrigações, interessamo-nos tão somente pelo bem divino. Consideramos que toda possibilidade construtiva vem de nosso Pai e esta convicção nos auxilia a esquecer as exigências descabidas de nossa personalidade inferior.

Mais adiante, Tobias comenta a função do Centro de Mensageiros:

Este serviço é a cópia de quantos se vêm fazendo nas mais diversas cidades espirituais dos planos superiores. Preparam-se aqui numerosos companheiros para a difusão de esperanças e consolos, instruções e avisos, nos diversos setores da evolução planetária. Não me refiro tão só a emissários invisíveis. Organizamos turmas compactas de aprendizes para a reencarnação. Médiuns e doutrinadores saem daqui às centenas, anualmente. Tarefeiros do conforto espiritual encaminham-se para os círculos carnais, em quantidade considerável, habilitados pelo nosso Centro de Mensageiros.

Diante do que diz Tobias, não seria prudente examinarmos a possibilidade de termos sido preparados, antes da nossa vinda, para alguma tarefa relacionada à difusão do Espiritismo? Não seria, por certo, a consulta a um médium o meio de nos certificarmos se temos algum compromisso firmado antes da nossa atual encarnação. Bastaria que observássemos quais as oportunidades de trabalho que nos são oferecidas, buscando na oração a lucidez necessária para nos esclarecermos, mesmo porque, as referências aos que fogem dos compromissos são preocupantes:

Saem milhares de mensageiros aptos para o serviço, mas são muito raros os que triunfam. Alguns conseguem execução parcial da tarefa, outros fracassam de todo. O serviço legítimo não é fantasia. É esforço sem o qual a obra não pode aparecer nem prevalecer.

Como ilustração, na obra citada, nos capítulos de 7 a 12, lê-se o relato de vários Espíritos que, embora bem preparados antes da encarnação, falharam no desempenho das tarefas a que se propuseram, talvez porque não tenham tido, na Terra, os alertamentos que temos agora! Aqui na Terra, são frequentes as reclamações quanto às exigências de um trabalhador guindado à posição de dirigente de um grupo de trabalho. Ao solicitar aos companheiros observância de horário, assiduidade, seriedade na execução da tarefa, quantas vezes recebe demonstrações de desagrado, não raro via comentários descaridosos? Aniceto, se encarnado, dificilmente escaparia de ser tachado de "mandão", ao expressar-se assim:

Esclareça ao novo candidato os nossos regulamentos e venham juntos para as instruções após o meio-dia.

André Luiz, que já assimilara as normas de trabalho, pondera:

Notei que o trabalho no Posto se desenvolvia em ambiente da mais bela camaradagem, não obstante o respeito natural às noções de hierarquia. (cap. 3)

Ainda no livro “Os Mensageiros”, lê-se, no cap. 39, uma lição ilustrativa da obediência à hierarquia e uma cobrança do fiel cumprimento da orientação recebida, quando o responsável pela guarda de determinado setor de trabalho espiritual, aqui na Terra, dirige-se a dois trabalhadores que deixaram de seguir as instruções recebidas, admoestando-os: “Vieira, recomendo a você e ao Hildegardo a melhor observância do nosso critério doutrinário.” Vieira e o colega fizeram-se palidíssimos, não respondendo palavra. Diante da reprimenda, reconhecendo que agiram equivocadamente, Vieira comentou com André Luiz: “Recebemos uma admoestação justa.” Seria fácil encontrarmos, aqui na Terra, no meio espírita, colaboradores desse nível de responsabilidade?

No cap. 41, da obra já citada, vemos o chefe de uma equipe de guardas inquirindo um servidor espiritual sobre um acidente ocorrido no trecho de estrada sob sua vigilância: “Glicério, como permitiu semelhante acontecimento? Este trecho da estrada está sob sua responsabilidade direta.” O servidor do caminho esclareceu, respeitosa e tranquilamente, os motivos do acidente, lembrando, ainda, que o ferido era um pobre chefe de família, numa demonstração de bondade, que é um dos requisitos principais para se trabalhar no Mundo Espiritual. Depreende-se do relato, que o trabalhador no Mundo Espiritual, além do conhecimento específico para o desempenho de suas tarefas, tem de apresentar um esforço consciente da aplicação dos postulados do Evangelho.

No tocante à pontualidade, na obra “Nos Domínios da Mediunidade”, no cap. 5, chama-nos a atenção o seu início: Faltavam apenas dois minutos para as vinte horas, quando o dirigente espiritual mais responsável deu entrada no pequeno recinto. É de se notar que não há registro de atrasos, de esquecimentos...

Infelizmente, apesar dos alertamentos que o espírita recebe através da literatura mediúnica, principalmente de André Luiz, ainda vemos pouca noção de responsabilidade diante das tarefas atribuídas a trabalhadores encarnados quanto à assiduidade, pontualidade, disciplina.

Diante do que acabamos de ver, ao ser-nos atribuída uma tarefa, na casa espírita que frequentamos, devemos sentir-nos na posse de belíssima oportunidade de começarmos, desde já, porta a dentro da nossa própria individualidade, um esforço de adequação à disciplina e ao devotamento exigidos dos trabalhadores do Mundo Espiritual, conforme se vê nas obras de André Luiz. Assim, animados desse entendimento da necessidade de reforma íntima, aproveitemos as oportunidades de trabalho que nos são oferecidas aqui na Terra, onde as exigências são menores. O esforço no sentido de nos adequarmos, desde já, aos requisitos exigidos dos trabalhadores do Mundo Espiritual nos capacitará a integrar equipes de Benfeitores Espirituais que operam durante as horas de sono físico dos encarnados, conforme nos revela André Luiz, no livro “Missionários da Luz”, capítulo 8.

E, diante do valor e do alcance da tarefa de evangelização da criança, não é difícil imaginar que haja equipes de estudo e aprimoramento específico também para aqueles que nela colaboram.

Integrados nessas tarefas espirituais noturnas desde agora, teremos maiores chances de nelas permanecermos, ou de sermos admitidos noutras,

tão logo desencarnemos. Caso contrário, teremos – na melhor das hipóteses – longo período de reeducação espiritual, antes de sermos admitidos no trabalho efetivo sob a égide de Jesus.

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita

VOCÊ SABE QUEM É, MAS SABE O QUE É?

O homem moderno, que explora o fundo dos oceanos e cada vez mais domina o cosmo infinito, ainda não conhece a sua própria natureza; de modo geral, conhece o mundo exterior, mas não se conhece; sabe quem é, mas não sabe o que é.

Não nos referimos aos materialistas. Esses pensam que já sabem o que são: apenas matéria pensante. Dirijo-me aos espiritualistas, ou seja, àqueles que creem que, após a morte, algo continua, algo sobrevive... Esse "algo" é geralmente chamado alma ou espírito. E quando se fala nesse ser, tão abstrato para muitos, lembra-se sempre da morte. O tema "morte" não é suficientemente analisado pelas pessoas. Pelo contrário, de modo geral evita-se discutir o assunto, agindo como o avestruz que, segundo se diz, mete a cabeça sob a areia quando se lhe apresenta um perigo. Em relação à morte, a maioria das pessoas age infantilmente, quando não irracionalmente.

Quando se pergunta a alguém se acredita na imortalidade da alma, geralmente a resposta é afirmativa. Mas quando essa mesma pessoa fala de seu amigo, que morreu, ela diz que o amava, sempre usando no pretérito os verbos relativos ao falecido, do mesmo modo que se expressa a respeito do seu carro, destruído pelo fogo, quando diz que gostava dele. Na verdade, esta pessoa tem razão ao usar o verbo no passado quando fala do automóvel, pois esse já não mais existe. Mas, se crê que seu pai sobrevive à morte, por que usa o mesmo tempo verbal? Isso demonstra claramente a fragilidade da sua convicção de imortalidade...

Outra posição curiosa a respeito da morte: ninguém teme um amigo vivo, mas depois da sua morte passa a temer seu corpo, que virou cadáver, e teme também a sua alma, que se tornou fantasma... O assunto é de tal forma perturbador, que já se ouviu algo assim: "Eu amava muito a minha mãe, mas ela que não me apareça!" A mãe queridíssima virou fantasma! Infelizmente, semelhantes acontecimentos não são tão raros quanto se pensa.

Ao perguntarmos a alguém, que diz ter alma ou espírito, onde quer ser enterrado quando morrer, geralmente responde: "Quero ser enterrado em minha cidade, perto dos meus pais, parentes e amigos". Se perguntarmos a essa mesma pessoa para onde irá sua alma, a resposta, sem dúvida, será: "Ela irá para o ceu". Ou para um outro lugar bom, de acordo com a sua convicção religiosa, mesmo porque ninguém brinca sobre assunto tão sério. Entretanto, poder-se-ia objetar: "Que importa se ela for para o Inferno ou para qualquer outro lugar, vez que é ela quem vai e não você? Você disse que ficará enterrado na sua cidade."

Certa vez, foi apresentado esse assunto a uma seleta platéia, não-espírita, interessada em pesquisas sobre fenômenos extrafísicos. Ao ouvirem essa

pergunta, os presentes se agitaram e começaram a murmurar, até que um deles disse: "Não serei eu que ficarei enterrado aqui. Será o meu corpo." Diante dessa afirmativa, o auditório acalmou-se, até o momento em que o palestrante disse: "Você não resolveu o problema, pelo contrário, complicou-o ainda mais, a ponto de torná-lo até contrário à razão." O auditório voltou a intranquilizar-se.

Para se entender bem por que o problema se tornou complicado, deixe-se por um momento o campo de coisas espirituais e passe-se a outro, ao campo da gramática e da lógica. As gramáticas de todas as línguas ensinam que o possessivo é a palavra que indica alguém que pode reclamar a posse de algo, ou seja, do objeto possuído. Portanto, se for dito: "Meu relógio", isso significa que o relógio pertence a mim, que eu sou o seu possuidor. No caso de alguém tentar apossar-se dele, eu direi: "Não toques nesse relógio porque ele é meu!

Até agora, o encaminhamento do assunto está lógico, claro. Mas quando analisamos o uso do possessivo nas frases acima, a questão se complica. Vejamos: uma criatura morreu. Corpo e alma separaram-se. O corpo foi enterrado e a alma "foi para o Ceu". Se alguém ameaça tocar naquele corpo, quem dirá: "Não toques nesse corpo porque ele é meu"? Ou se alguém tentar tocar na alma: "Não toques nessa alma porque ela é minha"? Quem é esse ser que possui esse corpo e essa alma?

Problema filosófico insolúvel? Não, absolutamente não! Segundo posição – não só espírita em particular, mas espiritualista de modo geral – perfeitamente lógica, deve-se riscar a frase: "minha alma", substituindo-a por "eu". Eu sou o possuidor do corpo, ou melhor, fui o dono do corpo que morreu. Fui o seu usuário temporário. Eu, alma ou espírito, diante do corpo morto posso dizer: "Este corpo foi meu, usei-o durante o tempo em que viveu." O corpo jamais poderá dizer: "Essa alma era minha."

Assim, chega-se à conclusão que eu, espírito, sou imortal, indestrutível. Eu uso um corpo material atualmente. Este corpo morrerá um dia. Não eu! O corpo não é parte essencial do ser humano. Ele é apenas vestimenta temporária do espírito imortal, e poderá durar de alguns segundos a até pouco mais de um século. Embora todo respeito que lhe devemos, como instrumento imprescindível à evolução do espírito, o corpo deve ser encarado como instrumento, como objeto e não como sujeito. E para aqueles que ainda não se despojaram do costume de visitar cemitérios, deve ser lembrado que os componentes do corpo, num curto prazo de tempo após o sepultamento, passarão a fazer parte de outros organismos, animais ou vegetais... E uma conclusão ainda mais contundente: O corpo é descartável...

Sou eu, alma ou espírito quem pensa, aprende, sente, odeia, ama... Não o corpo. O corpo é apenas instrumento de uso temporário do espírito imortal. Quando meu corpo morrer, deixá-lo-ei como veste usada e entrarei noutra dimensão do Universo infinito, usando um corpo mais sutil. Entretanto, essa dimensão não posso ver atualmente, porque estou limitado pelo corpo material. Mas, quando partir, levarei tudo aquilo que aprendi, todo o progresso que fiz no campo da inteligência e do sentimento, isto é, tudo o que incorporei nesse período evolutivo que vivi no mundo material.

consciência, a que se pode chamar "cidadania espiritual". Trata-se de

uma cidadania que não é nacional, nem mesmo planetária, mas cósmica. Essa cidadania espiritual é uma postura diante da vida, muito diferente daquela: "Eu sou um homem e tenho uma alma". Pelo contrário, a criatura diz: "Eu sou um espírito imortal. Tenho um corpo, no qual estou encarnado temporariamente."

A idéia de ser mortal e ter uma alma imortal impõe sofrimento. Observe-se que, segundo essa posição equivocada, não sou eu que sou imortal, mas ela, a minha alma. A idéia de ser mortal e de ter uma alma imortal contém um sentimento de destruição, pois ao menos metade do ser se destruiria pelo fenômeno da morte.

Por que se pode dizer que é uma idéia de destruição, de perda? Porque a criatura se habitua a concentrar todo o seu potencial de vida no corpo e não no espírito, a ponto de dizer: "Quando eu morrer, quero ser enterrado aqui ou ali." O homem sente-se mais como corpo mortal do que como espírito imortal. Assim, sofre! Sofre porque sua razão lhe diz que, ao ocorrer a morte, seu corpo em breve se consumirá, apodrecendo rapidamente e que os elementos que o constituem tomarão parte na formação de novos organismos vegetais e animais. Segundo esse ponto-de-vista equivocado, a alma é apenas parte do ser. Por isso diz: "Quando eu morrer, minha alma vai para o ceu".

Segundo essa posição, a morte destrói o eu, pois diz: "eu quero ser enterrado" aqui ou ali. Ora, só é enterrado o que é morto! Pode-se argumentar, entretanto, dizendo que a alma é indestrutível. Bem, isso é verdade, mas ela é tratada como uma terceira pessoa: ela, cuja natureza e destino não estão claramente definidos pelos teólogos. Não bem definidos pelos teólogos, mas claramente definidos por Paulo, o Apóstolo, em sua primeira carta aos Coríntios, no capítulo 15:

"Mas alguém dirá: Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão?" (35).

O Apóstolo ensina que a alma tem outro corpo além do material, isto é, um corpo espiritual, indestrutível, sutil:

"E há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes e outra a dos terrestres." (40).

E, pedagogicamente, demonstra a completa destrutibilidade do corpo físico, ao compará-lo à semente, que realmente desaparece para dar surgimento à planta:

"Assim também a ressurreição dos mortos. Semeia-se corpo em corrupção; ressuscitará corpo em incorrupção." (42).

"Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual." (44).

E, antecipando-se àqueles que criariam a nefasta teoria da ressurreição da carne, adverte:

"E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção." (50).

Como se pode concluir, o Apóstolo Paulo ensinou que o corpo material ficará enterrado e, simultaneamente, o corpo espiritual será libertado.

Os cristãos compreenderam perfeitamente as afirmativas do Apóstolo, porque Jesus demonstrou a independência do espírito em relação à matéria, quando, durante quarenta dias, apareceu e desapareceu, no período da assim chamada ressurreição até a ascensão. Note-se que Jesus, conforme relata o Evangelista (Jo, 20: 11 a 16) estava completamente vestido, segundo o costume judeu, a ponto de, na sua primeira aparição a Maria Madalena, ela pensar que aquele homem a quem via de costas, era um jardineiro.

Mas, levanta-se a seguinte questão: de onde Jesus apanhou aquelas vestes? Ele fora crucificado nu, ou quase nu, porque os soldados antes de crucificá-lo, tomaram-lhe as roupas: "E, havendo-o crucificado, repartiram os seus vestidos, lançando sortes (...)". (Mt, 27: 35).

Além disso, ele não usou o sudário, nem o lenço que havia estado sobre sua cabeça, com os quais poderia cobrir seu corpo, porque essas peças estavam no túmulo, segundo observação ao Apóstolo Pedro, ao entrar lá: "(...) e entrou no sepulcro, e viu no chão os lençóis, e que o lenço, que tinha estado sobre a sua cabeça, não estava com os lençóis, mas enrolado num lugar à parte." (Jo, 20: 6 e 7)

De onde Jesus tirara aquelas vestes que usava? Vê-se claramente que nem seu corpo nem suas vestes eram materiais, vez que estavam noutra faixa vibratória, noutra dimensão, ainda desconhecida pela Ciência.

Deve-se notar, ainda, que Jesus, desde a sua ressurreição, não mais agiu como de costume, isto é, como Espírito encarnado, limitado pela matéria, como um homem comum. Ele atravessou porta fechada, segundo relato do Evangelista: "Chegada pois a tarde de aquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou, e Jesus pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco." (Jo, 20: 19).

Jesus se juntou a dois discípulos, que se dirigiam a Emaús, e conversou com eles, não sendo reconhecido. Ao cair da noite, os dois pararam diante de uma hospedaria e convidaram o desconhecido a cear com eles. Assentados à mesa, os três homens, no momento em que orou e repartiu o pão, Jesus revelou-se, conforme relata o Evangelista: "Abriram-se-lhes então os olhos e o reconheceram, e ele desapareceu-lhes." (Lc, 24: 31).

Por que Jesus apareceu com roupas que não tinha; por que apareceu subitamente aos dois discípulos e desapareceu de suas vistas? Por que Jesus não mais se hospedou em casa de alguém, como habitualmente fazia? Durante quarenta dias ele apareceu e desapareceu subitamente, não se tendo registro de que tenha pernoitado em casa de alguém ou tomado refeição regular, como fazia antes da ressurreição.

Por que Jesus fez isso? Ele quis traçar uma linha muito nítida, separando os dois períodos de sua vida entre os homens: durante o primeiro, estivera encarnado, quando agira como homem comum, limitado pela matéria; durante o segundo, (os quarenta dias até a ascensão), ele quis mostrar que continuava vivo, mas não tinha mais um corpo material, não mais estava encarnado.

O Apóstolo Paulo, a quem Jesus apareceu na estrada de Damasco, convenceu-se, judiciosamente, de que Jesus não tinha mais um corpo

terrestre, mas um celeste ou espiritual, conforme escreveu em sua carta aos Coríntios.

Jesus deu sua última aula, deixando a mais bela lição a respeito da imortalidade. Lição sem palavras que, segundo ele, seria decodificada mais tarde, dezoito séculos depois: "Ainda tenho muito a vos dizer, mas não o podeis suportar agora. (Jo, 16:12). Mas quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade (...)". (Jo, 16: 12 e 13). "Mas aquele consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito." (Jo, 14: 26).

Com base nos ensinos e nos exemplos de Jesus, pode-se chegar à conclusão de que somos essencialmente Espíritos, atualmente encarnados. Um dia deixaremos nosso corpo terrestre, como Jesus deixou o seu, conservando apenas o corpo celeste, imortal, conforme o Mestre, de forma genial ensinou e exemplificou!

Fica, entretanto, para muitas pessoas, uma pergunta que invariavelmente aparece quando são feitos estes comentários: Se o túmulo estava vazio e o corpo com que Jesus se apresentava era espiritual, onde ficara seu corpo físico? O Mestre, evidentemente, não podia esclarecer o assunto àqueles com quem convivera, conforme se comprova em suas palavras, já citadas: "Ainda tenho muito a vos dizer, mas não o podeis suportar agora." (Jo, 16:12).

Cumprindo a promessa de Jesus, o Consolador vem relembrar as suas lições e explicar muitos fatos que foram registrados pelos Evangelistas, mas que à época não foram compreendidos, como as súbitas aparições de Jesus no cenáculo e na pesca, e o seu desaparecimento desconcertante diante dos companheiros de caminhada a Emaús, conforme já comentado. Tais fatos, tomados por miraculosos por muitos teólogos, encontram no Espiritismo explicações claras e lógicas, não no campo das especulações teológicas, mas dentro da objetividade da Ciência, nas pesquisas do fenômeno de materialização – hoje chamado ectoplasmia pelos parapsicólogos – levados a efeito por vários cientistas, entre os quais se destaca a figura de Sir William Crookes o célebre físico inglês, que pôde provar que o Espírito Katie King, com seu corpo espiritual materializado, limitava-se dentro do plano material como se estivesse encarnado, tornando-se visível, audível e tangível. (Fatos Espíritas, William Crookes; História do Espiritismo, Arthur Conan Doyle),

Quanto ao desaparecimento do corpo físico de Jesus, pode-se ler esclarecimento sobre a dissipação de fluidos remanescentes em cadáveres, no livro "Obreiros da Vida Eterna", de André Luiz (caps. 15 e 16). Trata-se de operação piedosa levada a efeito por benfeitores espirituais, que dissipam na atmosfera os fluidos remanescentes no corpo, antes do sepultamento, afim de resguardá-lo de profanação que poderia ser levada a efeito por Espíritos inferiores.

Fazendo-se um paralelo, pode-se concluir que o próprio Mestre se haja encarregado de dissipar as energias remanescentes em seu corpo e, ao fazê-lo, desmaterializou-o completamente. É fácil compreender-se isso, lembrando-se de que se o túmulo vazio de Jesus já provocou tantas guerras, imagine-se o que ocasionaria o desejo de posse de alguns ossos do seu corpo.

Nesse contexto, é fácil imaginar-se que o corpo de Jesus deveria mesmo desaparecer, pois os sacerdotes, tão logo se divulgasse a notícia da ressurreição, iriam resgatá-lo, afim de exibi-lo em público, negando a vitória da vida sobre a morte.

Além do mais, se é autêntico o sudário que está em Turim, o mesmo atesta que houve sobre ele um fenômeno capaz de deixar impressa a figura de um corpo humano que, conforme dizem os estudiosos, coincide com o que se sabe a respeito do corpo de Jesus, tanto no que tange às características físicas, quanto aos sofrimentos que lhe foram impostos. Entretanto, essa impressão no tecido não foi provocada por radiação, nem por calor, nem por tintura, nem por pintura. Até hoje, não se sabe o que provocou aquelas impressões que permitem a um computador restaurar a figura de um cadáver que fora flagelado e crucificado, antes de ser deposto sobre uma ponta do tecido e coberto com a outra.

Concluindo, pode-se dizer que o Espiritismo, ao decodificar a mensagem de Jesus, esclarece-nos a respeito do que verdadeiramente somos: Espíritos imortais, temporariamente encarnados em corpos mortais!

José Passini
Juiz de Fora – MG
Passinijose@yahoo.com.br
Blogspot - Jose Passini - Crítica Literária Espírita